www.thebardnews.com

Quartieri Spagnoli, Napoles - Itália | Brasília, Distrito Federal - Brasil | Tel. 61 98474-7033

The Bard News®

Fundador - J.B Wolf

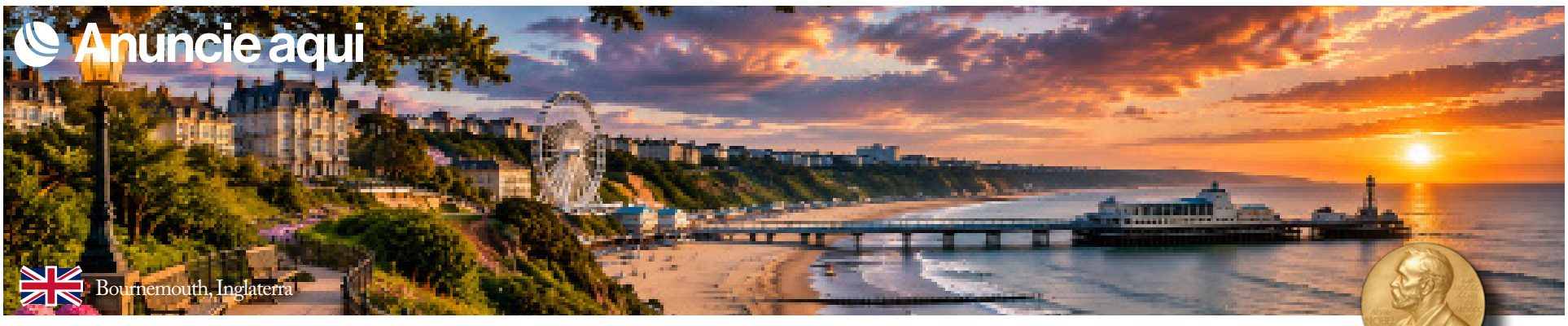
Seu Jornal Cultural • Multidisciplinar • Opinativo • Interpretativo



J. R. R. Tolkien Pag A2

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

VOL. II / Jornal No. 15, NOVEMBRO 02, 2026



LITERATURA



A mudança na Literatura Infantil

Por Renata Munhoz
COLUNISTA

O artigo examina mudanças na literatura infantil brasileira, destacando a contribuição de Monteiro Lobato para uma literatura que reconhece a criança como leitora capaz de imaginar, rir, questionar e pensar. A autora diferencia formar de doutrinar: a literatura pode ampliar a capacidade de sentir e julgar sem conduzir o leitor a uma conclusão previamente estabelecida.

Leia Mais Pag A15

CULTURA

O Impacto das Redes Sociais Sobre a Cultura Jovem

Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

O artigo analisa como as redes sociais e as plataformas digitais transformam a circulação da cultura e as formas de participação dos jovens. A autora relaciona o ambiente digital à ideia de hiperculturalidade, apresentando as redes como espaços de conexões entre hábitos, discursos e grupos que podem ultrapassar fronteiras geográficas e culturais.

Leia Mais Page A18

CULTURA



Por que a língua é a alma de uma cultura?

Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Leia Mais Pag A19

Existe uma Crise de Sentido no Mundo Contemporâneo?







Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

FILOSOFIA

O artigo investiga se vivemos uma crise de sentido ou se perdemos a capacidade de reconhecer aquilo que dá sentido à vida. A autora observa que muitas pessoas sabem exatamente o que precisam fazer amanhã, no próximo mês ou no próximo ano, mas hesitam diante da pergunta sobre o que desejam para si mesmas.

Leia Mais Pag A21

ARTE

Música Clássica no Século XXI:

Harmonia e Inovação

Por Drika Gomes
COLUNISTA

O artigo reflete sobre a permanência da música clássica em um mundo transformado pela tecnologia e pelo acesso instantâneo a conteúdos. Obras de compositores como Bach, Mozart, Beethoven, Chopin e Tchaikovsky continuam circulando em salas de concerto, filmes, séries e plataformas digitais, alcançando novos públicos e contextos.

Leia Mais Pag A12

LITERATURA

O drama em Shakespeare

E a natureza humana

Por Rute Ella
COLUNISTA

O artigo aproxima as tragédias de Shakespeare de dilemas contemporâneos. Hamlet, Macbeth e Romeu e Julieta apresentam personagens marcados por escolhas, desejos e conflitos que continuam reconhecíveis: a ambição que ultrapassa limites, a vingança que compromete a lucidez e a intolerância que destrói vidas.

Leia Mais Pag A16

CURIOSIDADES

Por que derramar sal dá azar:

Crenças e Símbolo de Pureza

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

O artigo explica que a crença nasceu do valor histórico do sal como bem raro, essencial à conservação de alimentos e símbolo de pureza. O texto percorre usos do sal desde a Antiguidade, Babilônia, Egito, Roma até sua presença em rituais religiosos (judaísmo e catolicismo) e sua importância econômica, que o transformou em símbolo de prestígio e proteção.

Leia Mais Pag A26

Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



1921
Anatole France
(França)



1922
Jacinto Benavente
(Espanha)

Leia Mais Pag A10 e A11

CULTURA



Cora Coralina: Doces Tradições

Por Beth Baltar
COLUNISTA

O artigo apresenta Cora Coralina como a "doceira-poeta" que transformou a cozinha em espaço de expressão e sobrevivência. Em Goiás Velho, a fabricação de doces a partir de frutas do cerrado não é apenas gastronomia: é um patrimônio imaterial, uma forma de transmissão de saberes femininos e uma estratégia de vida.

Leia Mais Pag A19

Quer Participar?
Quer Publicar?





FILOSOFIA

Estoicismo em Tempos de Crise: A Serenidade como Travessia

Por Edna Lessa
COLUNISTA

Pag A20

LITERATURA

LINHAS CRUZADAS: Ele Já Tinha Comprado A Xícara (Parte 1)

Por Aline A. Santana
COLUNISTA

Pag A14

SAÚDE & BEM-ESTAR

Banhos da Floresta: por que a natureza restaura a mente?

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Pag A30

CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?

Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

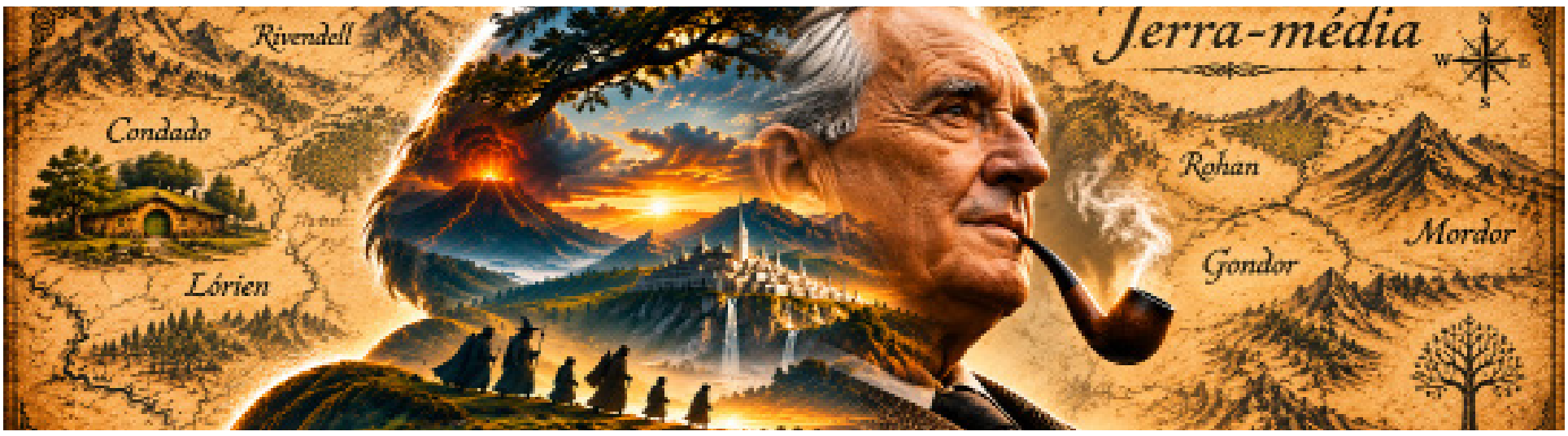
Pag A37

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



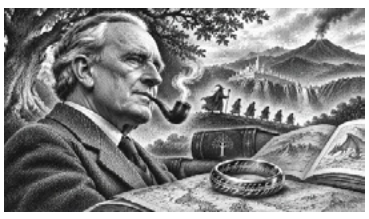
J. R. R. Tolkien: O filólogo que criou mundos para contar histórias humanas



LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR-CHEFE



Entre línguas inventadas, mapas e mitos, o escritor britânico construiu a Terra-média. Mas a força de seus livros não está apenas na dimensão fantástica: suas histórias também falam de amizade, poder, perda, coragem e esperança.

Antes de se tornar um dos escritores mais influentes da literatura fantástica, John Ronald Reuel Tolkien era um estudioso das palavras. Professor universitário e especialista em línguas antigas, dedicou a carreira acadêmica à filologia, à literatura medieval e à história do inglês. Seu interesse por idiomas não ficou restrito às salas de aula: ajudou a dar origem à Terra-média, um universo imaginário formado por povos, narrativas, canções, mapas e línguas próprias.

Tolkien nasceu em 3 de janeiro de 1892, em Bloemfontein, na então República do Estado Livre de Orange, território que hoje faz parte da África do Sul. Era britânico, mas passou os primeiros anos de vida longe da Inglaterra. Seu pai, Arthur Reuel Tolkien, trabalhava como gerente de banco e morreu na África do Sul antes de voltar a se reunir à família. A mãe, Mabel, levou Tolkien e o irmão mais novo, Hilary, para a Inglaterra.

A infância foi marcada por mudanças e perdas. Em 1904, quando Tolkien tinha 12 anos, Mabel morreu. Os irmãos ficaram sob os cuidados do padre católico Francis Xavier Morgan, do Oratório de Birmingham. A fé católica tornou-se importante na vida do escritor e influenciou seus valores, embora ele tenha rejeitado a leitura de O Senhor dos Anéis como uma alegoria religiosa direta.

Tolkien estudou na King Edward's School, em Birmingham, e depois no Exeter College, da Universidade de Oxford. Desde jovem, demonstrava interesse por línguas, seus sons e suas estruturas. Aprendeu idiomas antigos e modernos e passou a inventar línguas próprias. Para ele, uma língua não era apenas um conjunto de regras: carregava a história e a cultura de um povo. Essa relação entre linguagem e imaginação se tornaria uma das bases de sua ficção.

A paisagem rural de Sarehole, perto de Birmingham, também deixou marcas em sua memória. O contato com campos, árvores e caminhos é frequentemente relacionado às paisagens campestres que aparecem em seus livros. Essa associação, contudo, não significa que os lugares da Terra-média sejam cópias de locais reais. Tolkien transformava lembranças e influências em elementos de um mundo ficcional independente.

A guerra e a carreira acadêmica

Em 1915, Tolkien concluiu seus estudos em Oxford e, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu no Exército britânico como oficial de sinalização. Em 1916, participou da Batalha do Somme, uma das mais violentas do conflito. A experiência da guerra, as mortes entre seus amigos e a doença que o obrigou a retornar à Inglaterra marcaram profundamente sua geração.

Durante a recuperação, Tolkien começou a desenvolver histórias e poemas ligados ao universo que mais tarde seria conhecido como Terra-média. A guerra ajuda a compreender sua atenção à perda, à coragem e à destruição, mas não explica sozinha seus livros. O próprio escritor rejeitava interpretações que transformassem a narrativa em uma correspondência direta entre personagens e países ou entre batalhas ficcionais e conflitos históricos específicos.

Depois da guerra, Tolkien construiu uma sólida carreira acadêmica. Lecionou em Oxford e ocupou duas cátedras importantes: a de inglês antigo, conhecida como Rawlinson and Bosworth, e a de língua e literatura inglesa, chamada Merton. Estudou textos medievais, línguas germânicas e obras como Beowulf, poema épico anglo-saxônico que teve grande influência em sua reflexão sobre literatura.

Em 1936, apresentou o ensaio "Beowulf: The Monsters and the Critics", no qual defendeu que os monstros do poema eram fundamentais para sua construção literária, e não elementos secundários. O estudo ajudou a renovar a maneira como a obra era lida. Tolkien não separava a erudição da criação artística: seu conhecimento das tradições medievais alimentava sua ficção, enquanto sua imaginação também o levava a pensar de outra maneira sobre os textos antigos.

As línguas antes das histórias

Tolkien criou idiomas como o quenya e o sindarin, além de sistemas linguísticos associados a outros povos de sua ficção. Esses idiomas tinham sons, estruturas e histórias próprias. Não eram adornos inventados apenas para tornar os livros mais exóticos. A partir deles, o escritor imaginava quem os falava, como essas sociedades haviam se formado e que acontecimentos seriam lembrados em suas canções e narrativas.

Assim, a Terra-média não surgiu apenas como cenário para uma aventura. Ao longo de décadas, Tolkien desenvolveu sua geografia, seus povos, genealogias, mitos, calendários e episódios históricos. A sensação de profundidade dos livros vem, em parte, dessa impressão de que os personagens vivem em um mundo com passado muito anterior ao início da narrativa.

Essa construção aparece em poemas e canções, nomes de personagens, referências a acontecimentos remotos e relatos que parecem ter sido transmitidos de geração em geração. Nem tudo é explicado ao leitor. Muitas vezes, o livro sugere que há outras histórias por trás da trama principal, como se cada personagem conhecesse apenas uma parte de um passado maior.

O Hobbit e a descoberta de Bilbo

Publicado em 1937, O Hobbit apresentou a muitos leitores o universo ficcional de Tolkien. A história acompanha Bilbo Bolseiro, um hobbit que prefere a segurança de sua casa, mas acaba partindo em uma jornada com o mago Gandalf e um grupo de anões. O objetivo é recuperar um tesouro guardado pelo dragão Smaug.

O livro combina aventura, humor e elementos dos contos maravilhosos. Seu narrador conversa com o leitor e mantém um tom mais leve do que o dos livros posteriores. A jornada de Bilbo, porém, não é apenas uma sequência de perigos. O personagem precisa descobrir capacidades que desconhecia e tomar decisões em situações para as quais não se sente preparado.

Embora tenha sido escrito para um público jovem, O Hobbit conquistou leitores de várias idades. Seu sucesso levou a editora a pedir uma continuação. Tolkien começou a trabalhar em uma nova história, mas o projeto cresceu e assumiu proporções muito maiores do que as de uma simples sequência.

O Senhor dos Anéis e os limites do poder

O Senhor dos Anéis foi publicado em três volumes: A Sociedade do Anel, em 1954, As Duas Torres, também em 1954, e O Retorno do Rei, em 1955. A narrativa acompanha Frodo Bolseiro, encarregado de levar o Um Anel até o lugar onde poderá ser destruído. O objeto foi criado por Sauron para exercer domínio sobre os povos da Terra-média, mas seu poder também ameaça corromper aqueles que tentam possuí-lo.

A jornada exige a participação de personagens diferentes entre si. A amizade, a lealdade e a colaboração tornam-se indispensáveis porque nenhum integrante da Sociedade consegue enfrentar sozinho todas as dificuldades. Tolkien dá espaço tanto a reis e guerreiros quanto a figuras que, à primeira vista, parecem pequenas diante da escala dos acontecimentos.

Um dos aspectos mais marcantes da obra é a maneira como trata o poder. O Anel não é apenas uma arma que poderia ser utilizada para vencer o inimigo. Seu uso transforma quem tenta controlá-lo. A tentação está em acreditar que uma pessoa poderia empregar um poder corruptor para alcançar bons resultados sem ser corrompida por ele.

A história também valoriza a misericórdia. Decisões de compaixão, tomadas quando seria possível escolher a violência, acabam tendo consequências importantes. A coragem não aparece como ausência de medo, mas como disposição para continuar apesar da insegurança e do cansaço. E a vitória, quando chega, não apaga as perdas nem devolve tudo ao estado anterior.

Em 1945, Tolkien apresentou "On Fairy-Stories", ensaio no qual discutiu o papel dos contos de fadas e da fantasia. Ele defendia que imaginar outros mundos não deveria ser tratado automaticamente como fuga superficial. A fantasia pode criar uma distância que nos permite enxergar de outro modo a realidade. Tolkien também associava o conto maravilhoso à possibilidade de consolo e renovação da esperança.

Essa ideia ajuda a compreender por que seus livros não são apenas aventuras em um cenário distante. A Terra-média pode ser imaginária, mas os conflitos que a atravessam são reconhecíveis: o desejo de controlar os outros, a destruição provocada pela ambição, o peso das escolhas e a necessidade de manter vínculos em períodos de crise.

Mito, fé e natureza

A fé de Tolkien influenciou sua visão moral, mas é importante distinguir influência religiosa de alegoria direta. O escritor não pretendia que cada personagem ou acontecimento representasse, de forma fixa, uma figura ou passagem religiosa. Temas como sacrifício, misericórdia, tentação e esperança podem ser analisados em seus livros sem transformar a narrativa em um código de equivalências.

A natureza também ocupa lugar central. Árvores, rios, montanhas e paisagens não são apenas fundos para as ações dos personagens. Fazem parte da experiência e da memória dos povos. Em contraste, a exploração desmedida e certos projetos de poder aparecem associados à devastação. Essa dimensão permite leituras ecológicas da obra, embora Tolkien não tenha escrito um programa político contemporâneo sobre o meio ambiente.

Em seus livros, o território pode guardar lembranças, sustentar comunidades e definir possibilidades de vida. A destruição de uma paisagem não representa apenas uma mudança visual: ameaça modos de existência e relações construídas ao longo do tempo. Essa sensibilidade ajuda a explicar por que leitores ainda encontram na Terra-média preocupações que ultrapassam a aventura épica.

Uma obra que continuou após sua morte

Tolkien morreu em 2 de setembro de 1973, aos 81 anos, em Bournemouth, na Inglaterra. Deixou um vasto conjunto de manuscritos, rascunhos e versões alternativas. Seu filho Christopher Tolkien passou décadas organizando e publicando parte desse material, trabalho fundamental para que leitores e estudiosos conhecessem a evolução do universo criado por seu pai.

O Silmarillion, publicado em 1977, reúne relatos sobre a criação do mundo ficcional, a história dos elfos e acontecimentos anteriores a O Hobbit e O Senhor dos Anéis. Não é um romance concluído e preparado para publicação por Tolkien nos moldes de seus livros mais conhecidos. É uma obra póstuma organizada a partir de textos de épocas diferentes, e essa condição editorial precisa ser considerada em sua leitura.

Christopher Tolkien também organizou Contos inacabados e a série A História da Terra-média, que permite acompanhar alterações, ideias abandonadas e caminhos diferentes explorados pelo escritor. Esses livros mostram que a Terra-média não nasceu pronta: foi sendo reescrita e ampliada durante décadas.

A influência de Tolkien cresceu para além da literatura. O Senhor dos Anéis e O Hobbit inspiraram adaptações para o cinema, a televisão, o teatro e outras formas de cultura popular. A trilogia cinematográfica dirigida por Peter Jackson, lançada entre 2001 e 2003, levou a obra a novos públicos. Como acontece em qualquer adaptação, os filmes reorganizam cenas, personagens e ênfases. São interpretações próprias, não substitutos dos livros.

Tolkien também ajudou a consolidar elementos que se tornaram recorrentes na fantasia moderna: mundos imaginários extensos, povos com línguas e histórias próprias, mapas, genealogias e jornadas que combinam conflitos pessoais e acontecimentos de grande escala. Esses recursos já existiam em mitos e obras anteriores, mas Tolkien os reuniu em um projeto narrativo de enorme influência.

Seu legado não está livre de debate. A obra já foi criticada por uma visão considerada conservadora ou nostálgica, e leitores contemporâneos discutem a representação de povos, culturas e diferenças. Essas questões não anulam a importância literária dos livros. Permitem examiná-los com mais atenção, reconhecendo tanto as contribuições de Tolkien quanto os limites e pressupostos históricos presentes em sua criação.

O professor por trás da Terra-média

O alcance dos livros de Tolkien se explica, em parte, pela combinação de elementos que raramente aparecem com tanta integração. A erudição filológica alimenta a criação de línguas; as línguas sugerem culturas; as culturas guardam mitos; e esses mitos ampliam a sensação de que a história ficcional continua existindo além das páginas. Mas essa arquitetura não substitui a dimensão humana.

No centro das narrativas estão personagens vulneráveis, muitas vezes sem poder ou certeza, que precisam escolher como agir. A amizade não elimina o medo. A coragem não impede a perda. A esperança não garante que tudo terminará bem. Ainda assim, os personagens seguem adiante, apoiados uns nos outros.

Talvez seja essa combinação que mantém Tolkien presente entre leitores de diferentes gerações. A Terra-média oferece distância da realidade, mas não indiferença a ela. Por trás dos mapas, das línguas inventadas e das batalhas, há perguntas sobre o que fazemos com o poder, como tratamos os outros e o que ainda pode ser preservado quando o mundo parece ameaçado.

Tolkien criou mundos para contar histórias, mas também para mostrar que a história de qualquer mundo depende de escolhas pequenas e compartilhadas. Bilbo pode partir sem se considerar herói. Frodo pode continuar sem saber se conseguirá chegar ao fim. E, em ambos os casos, a jornada importa não apenas pelo destino, mas pelas relações e decisões que a tornam possível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2026"

Edições 2026

15ª EDIÇÃO - NOVEMBRO



14ª EDIÇÃO - OUTUBRO



Download

13ª EDIÇÃO - SETEMBRO



Download

12ª EDIÇÃO - AGOSTO



Download

11ª EDIÇÃO - JULHO



Download

10ª EDIÇÃO - JUNHO



Download

9ª EDIÇÃO - MAIO



Download

8ª EDIÇÃO -ABRIL



Download

7ª EDIÇÃO -MARÇO



Download

6ª EDIÇÃO - FEVEREIRO



Download

5ª EDIÇÃO - JANEIRO



Download



The Bard News

Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Saúde & Bem-Estar | Opinião | Ciência & Tecnologia | Crítica

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol II - Jornal Nº 15 - Novembro /2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design: Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com | Instagram: @thebardnews

Endereço: Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

VOL. II / Jornal No. 15, NOVEMBRO 02, 2026

COLUNISTAS FIXOS: Publicados

Jeane Tertuliano
Stella Gaspar
J.B Wolf
Renata Munhoz
Drika Gomes
Mariana Pacheco
Beth Baltar
Aline A. Santana
Magna Aspásia
Claúdia Faggi
Edna Lessa
Sandra Santiago
Camila Barros

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard News

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033

CLIQUE AQUI

EDITAL SUBMISSÃO:

INSCRIÇÕES

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

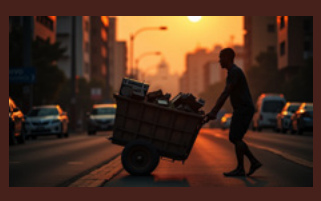
LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se desencontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração.

Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seleto e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

@neri.cappellari

Miniconto



Hálito de Sangue

Na câmera térmica, todos dormem em azul.
Só a cama dela ferve em vermelho animal.
Ele encara a janela: no vidro,
não há cama, não há corpo.
Apenas uma sombra em pé,
encurvada à sua cabeceira,
o focinho rente ao seu rosto, com sopro
quente e um hálito de sangue.

POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

@poetajbwolf

POEMAS

Eu te quero com um amor intemporal



POETA
Stella Gaspar

@stella_maria_gaspar

No orvalho das manhãs, o poema brota,
e a felicidade com cheiro de nós dois,
torna-se o fio que conduz as cores do vento.
Em cada sentimento que nos veste.

Eu te quero com um amor intemporal.
Despertas o sol que aquece as
minhas porções de fera,
com beijos de amor, nos estimulando a escolher
O transitório do agora
Pelo permanente de sempre, vivendo
o êxtase de ser amado(a).

Eu te quero com amor intemporal.
Depois do café, sonho com teus abraços de paz.
Valorizando o poder do silêncio de nossa
cumplicidade.

Tudo nos leva a crer no incrível,
Insistindo em crer no invisível,
e realizar o impossível, sentindo o poder,
do todo-poderoso amor.

POEMAS

Aurora de Todas as Possibilidades



POETA
J.B Wolf

@poetajbwolf

Recomeçar é arte sublime dos corajosos,
que sabem fazer das cinzas terra fértil
e dos escombros do ontem
alicerces para palácios do amanhã.

Ó alma que desperta após longa noite,
tuas feridas tornaram-se sabedoria,
tuas lágrimas regaram jardins secretos
onde florescerão rosas mais belas.

Não é fuga do passado este renascer
é abraçar com ternura infinita
as lições que a dor ensinou
e transformá-las em força criadora.

Como a fênix que emerge das chamas,
ergues-te mais luminosa e altiva,
carregando em tuas asas renovadas
a experiência que só o sofrimento concede.

Cada amanhecer é convite divino
para reescrever a história da existência,
para pintar com cores mais vibrantes
o quadro inacabado da própria vida.

Recomeçar é perdoar a si mesmo
pelos caminhos tortuosos percorridos,
é aceitar que a imperfeição humana
faz parte da beleza do viver.

Que sejas bendita, ó coragem de renascer,
que transformas ruínas em catedrais,
que ensinas à alma cansada
que sempre há uma nova primavera esperando.

POEMAS

Quando? Quando?



POETA
Arely Soares

@ms_arelly

E esta minha alma
Que tem as bagagens
Das memórias,
Que tem o peso das histórias
Que tem o peso da solidão
Bem dentro desse olhar vão.

Que tem o peso da saudade
E das dores trazidas
No meio de tantos outros.
E esta minha alma
Que só anela-Amar e Viver.

Amar pra Viver
Sem deixar para depois de amanhã
E perder a hora,
O meu tempo sempre será o Agora.
Até quando vais me perguntar?

POEMAS

Oceano Profundo Meu



POETA
Rute Ella Dominici

@ruteelladominici

Às vezes vejo o verde azulado
intenso como turquesa
tom denso tal petróleo cobiçado
do que se trata o profundo
tal abismo esverdeado
riquíssimo em diversas belezas?
quiçá outro mundo...
morada de homens esquecidos
casa eterna e leviana
de aquaticos anfíbios
ou simples descanso de envaidecido
resquício de flores diluvianas
pareço mergulhar na diluída
manta anil intensa e imensa
líquida descida em que fluo
penso e divago que sumo...
vistas de agrestes ramagens
ou celestes folhagens
é terra molhada de iodo
céu de sal perfumado ...
recorro ao ar que concentro
no centro de meu espírito
conscientizo o atemporal
e ilimito o fôlego
no pensamento
neste oceano infinito
gritei por dentro
acorrentei leviatã
passei leve por tormentos
mais limpa que escumas
vislumbro meio atônita
as ondas do amado mar
sou água viva transparente
queimando tristezas ardentes
anseios boiam nas vagas
cismas mais nenhumas
alcanço o céu sem brumas
no passável livre passo
passível de apalpar o impossível
acaricio nítido invisível ...
tal pomba folha-oliva ao bico



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 39ª edição J Setembro e Outubro 2026





INFÂNCIA, ESCOLA E IMAGINAÇÃO NACIONAL:
a formação cultural desde os primeiros anos

Clique aqui para acessar

Em Processo Editorial - 40ª edição Novembro e Dezembro 2026
Lançamento dia 08 de Novembro





DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
Imagens Que Salvam a Humanidade

EM BREVE

Clique aqui para acessar

Edital Aberto - 41ª edição Janeiro e Fevereiro 2027
Início dia 11 de Outubro | Término dia 30 de Novembro





ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:
Os lugares onde os livros nos encontram

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard	**Clique aqui para acessar**
Edital Aberto	**Clique aqui para acessar**
Instagram	**Clique aqui para acessar**
Canal no Instagram	**Clique aqui para acessar**
Canal no Whatsapp	**Clique aqui para acessar**

CASTELOS & CATEDRAIS

Castelo de Segóvia: a fortaleza que inspirou contos de fadas e atravessou a história da Espanha

ARTE & ARQUITETURA
Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/10/2026"

"Erguido sobre um promontório entre os rios Eresma e Clamores, o Alcázar de Segóvia passou por diferentes funções ao longo dos séculos: foi fortaleza, residência real, prisão e academia militar.."



Erguido sobre um promontório rochoso entre os vales dos rios Eresma e Clamores, o Alcázar de Segóvia parece surgir da paisagem como a proa de um navio. Foi fortaleza, residência real, prisão e academia militar. Suas torres e telhados de ardósia alimentaram a associação com castelos de contos de fadas, mas sua história é feita de decisões políticas, guerras, incêndios e reconstruções. Por trás da silhueta célebre está um edifício moldado por séculos de mudanças na monarquia castelhana.

De longe, o Alcázar de Segóvia parece equilibrar-se na ponta de uma rocha. A localização, na confluência dos rios Eresma e Clamores, oferecia uma defesa natural e uma vista ampla sobre os arredores. O castelo ocupa o extremo oeste da cidade antiga, a curta distância do aqueduto romano e da catedral. A posição ajuda a explicar por que o local foi escolhido como ponto de defesa muito antes de o edifício adquirir sua aparência atual.

O nome alcázar vem do árabe al-qasr, palavra associada a palácio ou fortaleza. A história do lugar antecede a construção medieval visível hoje. Há indícios de ocupação romana na área, e durante o domínio muçulmano existiu ali uma fortificação. Após a conquista cristã de Segóvia, em 1085, o local passou a integrar os domínios dos reis de Castela. O castelo foi sendo ampliado ao longo dos séculos, acompanhando as necessidades militares e políticas da monarquia.

As primeiras referências documentais ao Alcázar cristão aparecem no século XII. Naquele período, Segóvia era uma cidade estratégica em uma região marcada pela expansão dos reinos cristãos para o sul da Península Ibérica. A fortaleza protegia uma posição elevada e servia de residência para os monarcas quando estavam na cidade. Com o tempo, sua função militar dividiu espaço com o uso palaciano. O resultado foi uma construção que conserva elementos defensivos, mas também exibe salões, janelas ornamentadas e espaços de representação real.

Um dos períodos decisivos para a transformação do castelo ocorreu durante o reinado de Afonso X, no século XIII. O monarca, conhecido por seu interesse em leis, ciência e cultura, utilizou o Alcázar e promoveu reformas. A tradição local associa o edifício a atividades intelectuais e à presença da corte, embora seja necessário distinguir os relatos históricos posteriores dos dados confirmados sobre cada fase de construção. O que se sabe é que o castelo foi ganhando relevância como residência régia, não apenas como posto defensivo.

A aparência mais familiar do Alcázar foi formada sobretudo durante os séculos XV e XVI, quando os reis de Castela investiram em reformas e ampliações. Henrique IV, que governou entre 1454 e 1474, esteve ligado a obras importantes no conjunto. Sob seu reinado, o castelo recebeu intervenções que reforçaram sua função residencial e deram maior destaque a elementos decorativos. O edifício não foi construído de uma só vez: cada monarca alterou espaços e acrescentou componentes, deixando uma arquitetura de épocas sobrepostas.

O Alcázar teve papel importante na política castelhana. Em 1474, após a morte de Henrique IV, Isabel de Castela foi proclamada rainha na cidade de Segóvia. O episódio marcou o início de uma disputa sucessória com Joana de Castela, conhecida como Joana, a Beltraneja, e contribuiu para um período de conflitos. A proclamação de Isabel não resolveu imediatamente as tensões, mas consolidou sua posição como governante. O castelo, naquele contexto, era mais do que residência: sua presença reforçava a ligação entre a monarquia e uma cidade estratégica.

Durante o reinado de Isabel e Fernando, os chamados Reis Católicos, o Alcázar continuou ligado à vida da corte. As salas e os aposentos eram cenário de cerimônias e encontros políticos. A arquitetura ajudava a comunicar autoridade por meio de elementos visuais: tetos ornamentados, brasões, mobiliário e a organização dos espaços. A imagem do poder real era construída tanto por decisões políticas quanto pela maneira como o monarca se apresentava e recebia seus convidados.

A Sala dos Reis é um dos espaços mais conhecidos do castelo. Seu nome está associado às figuras de monarcas representadas na decoração, que evocam a memória das dinastias castelhanas. Como acontece em muitos edifícios históricos, a sala passou por modificações e restaurações, e a aparência atual não deve ser confundida com um registro intacto de um único período. Ainda assim, ela ilustra como a arquitetura e a decoração eram usadas para construir uma narrativa da continuidade da monarquia.

Outro destaque é a Sala do Trono, decorada com referências heráldicas e elementos ligados à autoridade real. O espaço não era apenas um aposento funcional; servia para receber pessoas e realizar atos oficiais. A disposição do salão, os símbolos e a decoração transformavam a presença do rei em uma cena pública. No Alcázar, como em outras residências reais, a arquitetura organizava os encontros e estabelecia hierarquias entre quem era recebido e quem aguardava.

O castelo também ganhou fama por suas torres e telhados. A Torre de João II, uma das estruturas mais altas do conjunto, oferece vistas sobre Segóvia e a paisagem ao redor. Sua silhueta, com ameias e elementos defensivos, remete à função militar do edifício. Já os telhados inclinados de ardósia, incorporados em reformas posteriores, dão ao Alcázar um perfil distinto de muitas fortalezas ibéricas. A combinação entre torres, telhados escuros e paredes claras contribui para a impressão de um castelo de fantasia, embora cada elemento tenha uma história arquitetônica concreta.

Em 1587, durante o reinado de Filipe II, um incêndio causou danos importantes. A reconstrução alterou a aparência do edifício e reforçou a presença dos telhados de ardósia, associados à arquitetura de influência centro-europeia que ganhou espaço na Espanha dos Habsburgo. O fogo não apagou a estrutura medieval, mas obrigou a adaptar e reconstruir partes do castelo. A imagem que hoje parece tão característica é, portanto, também resultado de uma tragédia e de uma campanha de reparos.

Com a mudança dos centros de poder e a construção de novas residências reais, o Alcázar perdeu parte de sua importância como palácio. Em 1764, Carlos III instalou ali o Real Colégio de Artilharia, uma instituição militar que funcionou no castelo por mais de um século. A nova utilização alterou o cotidiano do edifício. Salões antes ligados à corte passaram a servir à formação de oficiais, e o Alcázar foi incorporado à história da educação militar espanhola.

Outro incêndio, em 1862, provocou danos severos, atingindo tetos, salas e coleções. A reconstrução começou depois do desastre e se estendeu por décadas. O trabalho buscou recuperar espaços e elementos decorativos, mas também imprimiu ao castelo uma interpretação do passado. Como em muitos monumentos restaurados no século XIX, a conservação combinou pesquisa, reconstrução e escolhas estéticas. O Alcázar atual reúne partes preservadas e elementos refeitos após os incêndios.

A partir do século XX, o castelo voltou a receber visitantes como monumento histórico e atração cultural. Hoje, seus ambientes mostram diferentes camadas de uso: a fortaleza medieval, a residência real, a instituição militar e o patrimônio restaurado. Salas mobiliadas, armaduras, pinturas e objetos ajudam a apresentar esses períodos, embora nenhum percurso consiga reproduzir por completo a vida de uma corte ou de uma academia militar.

A associação do Alcázar com os castelos de contos de fadas é popular, mas precisa ser tratada com cuidado. Às vezes, afirma-se que ele inspirou diretamente o castelo da Cinderela, da Disney. A semelhança visual é evidente, mas a ligação direta costuma ser apresentada sem documentação conclusiva. É mais seguro dizer que o Alcázar participa de um imaginário compartilhado de castelos com torres altas e silhuetas dramáticas, uma estética que influenciou e inspirou muitas representações posteriores.

O castelo integra o centro histórico de Segóvia, inscrito pela UNESCO na lista do Patrimônio Mundial em 1985. A cidade reúne monumentos de épocas distintas, entre eles o aqueduto romano, a catedral e o Alcázar. Vistos em conjunto, esses edifícios mostram como Segóvia foi ocupada, transformada e valorizada ao longo de muitos séculos. O castelo não está isolado da cidade: sua posição marca uma das extremidades do núcleo histórico e domina a paisagem ao redor.

A visita ao Alcázar deixa claro que sua aparência de conto de fadas não é toda a história. As torres e os telhados chamam a atenção, mas o edifício também foi cenário de sucessões disputadas, residência de reis, escola militar e vítima de incêndios. Cada reconstrução acrescentou uma camada à sua identidade. A imagem que permanece no horizonte de Segóvia é, ao mesmo tempo, uma lembrança da monarquia castelhana e um registro das mudanças que atravessaram a Espanha.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/10/2026"

CASTELOS & CATEDRAIS

São Marcos: a basílica que levou o Oriente para o coração de Veneza



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/10/2026"

ARTE & ARQUITETURA

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação



Revestida de mosaicos dourados e coroada por cúpulas, a Basílica de São Marcos reúne influências bizantinas, elementos góticos e a memória política de Veneza. Erguida para abrigar as relíquias do evangelista Marcos, foi capela dos doges e símbolo da antiga república marítima. Sua história, porém, não se limita à beleza do edifício: comércio, conquistas, devoção e poder deixaram marcas em suas paredes e em seus tesouros.

Na Praça de São Marcos, a basílica está diante do Palácio Ducal, perto da lagoa veneziana. A fachada se abre em arcos, colunas, mosaicos e figuras esculpidas; acima dela, cinco cúpulas desenham o perfil característico do edifício. Ao entrar, o visitante encontra superfícies cobertas por mosaicos dourados, que refletem a luz e mudam de aparência conforme o horário e o ângulo de observação.

A igreja atual começou a ser construída no século XI, mas a relação de São Marcos com Veneza é anterior. Em 828, segundo a tradição, mercadores venezianos trouxeram de Alexandria, no Egito, as relíquias atribuídas ao evangelista. A narrativa conta que esconderam os restos mortais em um carregamento de carne de porco para evitar a inspeção de autoridades muçulmanas. O relato se mistura à lenda, e alguns detalhes não podem ser tratados como fatos comprovados. Ainda assim, a chegada das relíquias tornou-se um marco da identidade religiosa e política veneziana.

Uma primeira igreja foi erguida para guardar as relíquias e dedicada a São Marcos, que passou a ser o padroeiro da cidade. Depois de um incêndio, o doge Domenico Contarini iniciou, por volta de 1063, a construção de uma nova basílica. O edifício foi consagrado em 1094, embora obras e acréscimos tenham continuado nos séculos seguintes. Como aconteceu com muitos monumentos medievais, a basílica não surgiu de um único projeto executado sem interrupções: foi ampliada, decorada e adaptada às necessidades de uma cidade em transformação.

A arquitetura revela os vínculos de Veneza com o Mediterrâneo oriental. A planta em cruz grega, com braços de dimensões semelhantes, e a disposição das cúpulas remetem à tradição bizantina. Veneza mantinha relações comerciais e políticas com Constantinopla e outros centros do Oriente. Mercadores, diplomatas, marinheiros, artesãos e objetos circulavam por essas rotas. A basílica incorporou influências desses contatos, embora também tenha recebido elementos ocidentais ao longo do tempo.

Essa mistura não foi apenas uma escolha estética. Veneza era uma república marítima cuja riqueza dependia do comércio e de sua posição entre o Ocidente e o Oriente. A cidade transportava mercadorias, negociava com potências estrangeiras e expandia sua influência por rotas marítimas. A basílica tornou-se uma expressão religiosa da cidade e, ao mesmo tempo, um lugar onde sua prosperidade e suas ambições eram apresentadas. A arquitetura falava de fé, mas também de prestígio e autoridade.

O interior é conhecido pelos mosaicos, que cobrem cerca de 8 mil metros quadrados de cúpulas, abóbadas e paredes. Muitos foram produzidos ao longo de séculos por artistas de épocas diferentes. As cenas apresentam episódios bíblicos, passagens da vida de Cristo e acontecimentos associados a São Marcos. O fundo dourado não é simplesmente tinta: pequenas peças de vidro incorporam folhas de ouro, criando superfícies que captam a luz e a refletem pelo espaço.

Os mosaicos funcionavam como decoração, mas também como narrativa visual. Em uma sociedade na qual muitas pessoas não sabiam ler, as imagens religiosas ajudavam a apresentar histórias e ensinamentos cristãos. A disposição das cenas conduzia o olhar pelo edifício e organizava episódios sagrados no espaço. A riqueza dos materiais, por sua vez, comunicava a capacidade de Veneza de reunir recursos, técnicas e artesãos de diferentes regiões.

Os mosaicos que se veem hoje não pertencem todos ao mesmo período. Alguns foram refeitos, restaurados ou substituídos ao longo dos séculos, seja por danos, seja por mudanças nas preferências artísticas. A aparência atual resulta de várias campanhas de trabalho. Isso não diminui o valor histórico do conjunto; ao contrário, mostra como a basílica foi continuamente cuidada e adaptada, mantendo a decoração como parte essencial da sua identidade.

No altar-mor estão as relíquias atribuídas a São Marcos. Atrás dele fica a Pala d'Oro, um retábulo de ouro, esmaltes e pedras preciosas considerado uma das obras mais valiosas da basílica. Sua aparência atual resulta de acréscimos feitos em diferentes épocas. A peça reúne materiais e técnicas associados às redes de contato de Veneza, além de mostrar como a devoção ao santo padroeiro se expressava por meio de objetos de grande valor artístico e material.

A basílica também conserva colunas, relevos, esculturas e outros objetos trazidos de diferentes lugares. A presença desses elementos precisa ser entendida no contexto das conquistas e disputas da época. Muitos chegaram a Veneza como resultado de guerras, saques ou transferências realizadas durante campanhas militares. Entre os exemplos mais conhecidos estão os quatro cavalos de bronze associados ao Hipódromo de Constantinopla. Os originais estão protegidos no museu da basílica; réplicas ocupam hoje a fachada.

Os cavalos chegaram a Veneza depois da conquista de Constantinopla pelos cruzados, em 1204. A Quarta Cruzada, que deveria seguir rumo à Terra Santa, acabou desviada para a capital do Império Bizantino, que foi saqueada. A transferência de objetos para o Ocidente fazia parte das consequências daquela violência. Os cavalos tornaram-se um símbolo do poder veneziano, mas também recordam que o esplendor da cidade foi construído em meio a conflitos e apropriações. A história dos tesouros da basílica não é apenas uma história de arte: é também uma história de quem conquistou, transportou e guardou esses objetos.

Durante séculos, São Marcos foi a capela dos doges, os chefes eleitos da República de Veneza. Não era, então, a catedral da cidade. Esse papel cabia à Basílica de San Pietro di Castello. São Marcos estava diretamente ligado ao poder político: cerimônias oficiais, celebrações religiosas e rituais de Estado aproximavam a autoridade do doge da proteção do santo padroeiro.

A proximidade com o Palácio Ducal reforçava essa ligação. De um lado ficava a sede do governo; do outro, a basílica. A praça entre os dois edifícios servia de cenário para procissões, encontros e manifestações públicas. A arquitetura ajudava a organizar a vida cívica e a projetar a imagem da república. São Marcos era um lugar de oração, mas também parte do centro simbólico de Veneza.

A situação mudou em 1807, quando, sob o domínio napoleônico, São Marcos passou a ser a catedral da cidade, substituindo San Pietro di Castello. A alteração modificou seu papel eclesiástico, mas não apagou os séculos de associação com os doges e com a república veneziana. O edifício passou a carregar, de forma ainda mais evidente, diferentes camadas de significado: santuário, capela ligada ao poder, igreja cívica e catedral.

A fachada também registra séculos de intervenções. Os arcos e as cúpulas têm raízes bizantinas, mas outros detalhes refletem mudanças posteriores. Os mosaicos externos foram restaurados ou refeitos, e esculturas passaram por reparos. A imagem que o visitante encontra não é uma composição preservada sem alterações desde a Idade Média. É um conjunto histórico, construído e reconstruído ao longo do tempo.

A posição de Veneza sobre a lagoa torna a conservação especialmente exigente. Umidade, sal, água alta e mudanças de temperatura podem afetar pedras, metais e mosaicos. A circulação intensa de visitantes também impõe desafios ao edifício. Preservar a basílica requer acompanhamento constante, trabalho especializado e decisões sobre como permitir o acesso público sem aumentar os danos às estruturas e às obras.

A visita pode incluir o interior da igreja, o museu e a Pala d'Oro, de acordo com as condições de acesso. O museu permite observar mais de perto alguns objetos e detalhes arquitetônicos, além de oferecer vistas da praça a partir de áreas superiores. Horários e regras podem mudar, por isso vale consultar as informações oficiais antes de planejar a visita.

A experiência não se limita a olhar para os mosaicos. Ao percorrer o interior, é possível perceber como a arquitetura organiza o movimento: a planta conduz o visitante entre os espaços, as cúpulas atraem o olhar para cima e a decoração transforma paredes e abóbadas em superfícies narrativas. A luz muda ao longo do dia e altera a leitura das imagens. O mesmo espaço pode parecer mais solene, mais luminoso ou mais fechado conforme as condições do momento.

A Basílica de São Marcos é famosa por sua beleza, mas sua importância vai além do dourado que cobre o interior. As relíquias do evangelista ajudaram a estabelecer o vínculo espiritual da cidade; a arquitetura e os tesouros revelam suas conexões mediterrâneas; e os objetos trazidos de Constantinopla lembram que o prestígio de Veneza também se construiu por meio de conquistas. A basílica guarda, portanto, uma história complexa, na qual devoção e poder estão entrelaçados.

Quando a luz alcança os mosaicos, o dourado parece envolver as cenas e as figuras. O efeito é espetacular, mas não nasceu apenas para encantar. Foi resultado de escolhas artísticas, religiosas e políticas acumuladas durante séculos. No coração de Veneza, São Marcos continua sendo um lugar de culto e uma testemunha material de como a cidade construiu, celebrou e representou seu próprio poder.



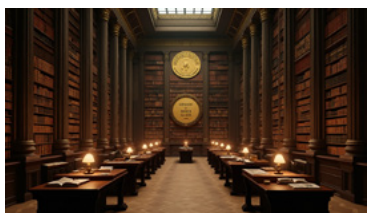


IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/10/2026"

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1919 – Carl Spitteler (Suíça)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Carl Spitteler:
o poeta suíço que transformou a mitologia em uma epopeia moderna



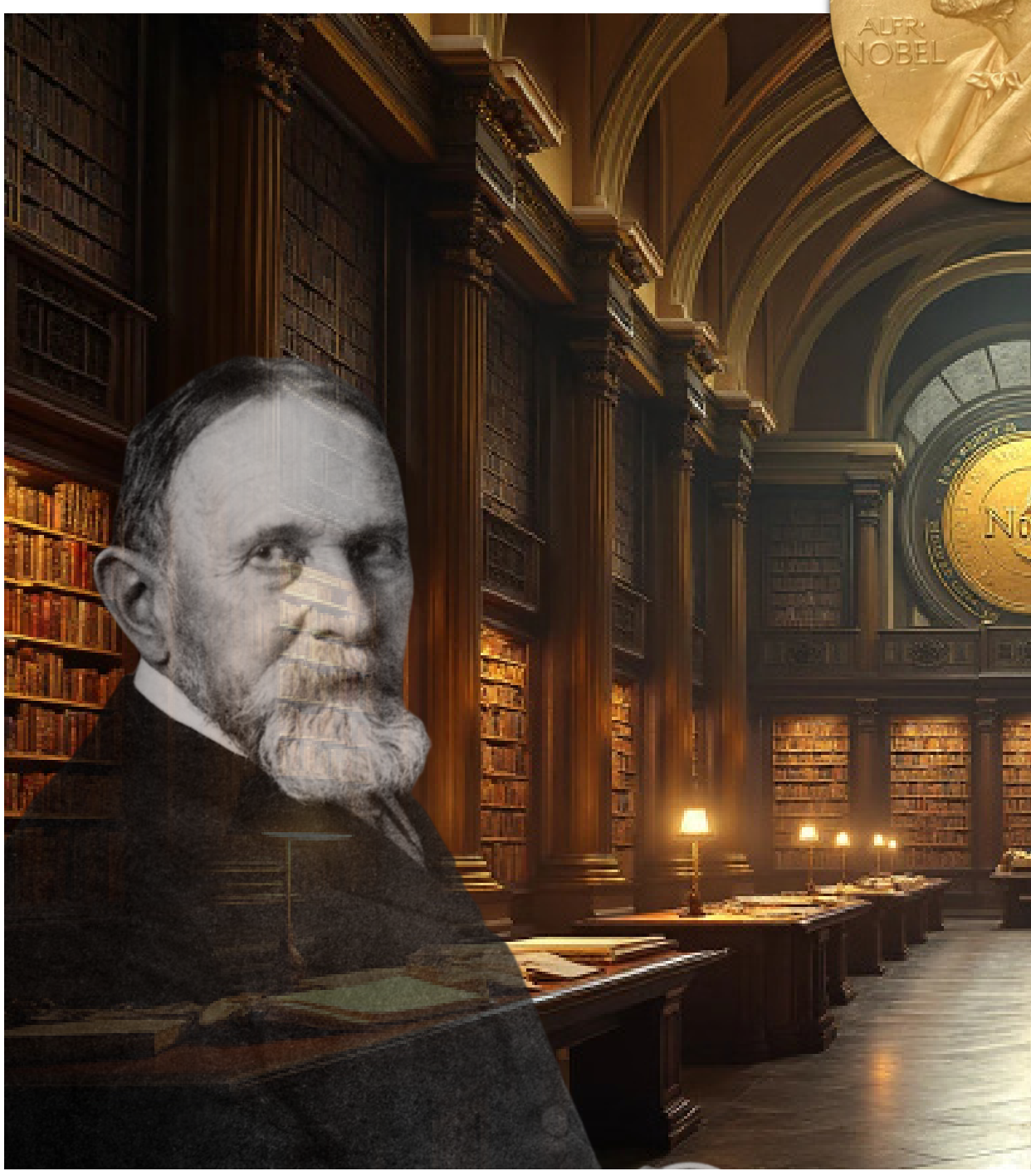


IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/09/2026”

Carl Spitteler tinha 74 anos quando recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. A distinção reconhecia uma obra que levou décadas para ganhar forma e que não se parecia com os romances realistas mais populares de seu tempo. Seu principal trabalho, Primavera olímpica, é um poema épico extenso, povoado por deuses e figuras mitológicas, mas interessado em questões bem humanas: a ambição, a vaidade, o poder e a dificuldade de escolher um caminho próprio.

O Nobel de 1919 foi concedido a Spitteler “em especial reconhecimento por sua epopeia Primavera olímpica”. A escolha veio depois de um ano sem laureado, em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial. A Suíça também atravessara o conflito sem entrar militarmente nele, mantendo sua neutralidade. Isso não tornou o país imune às tensões da época, mas deu à premiação uma ressonância particular: o laureado era um escritor de uma nação que tentava preservar sua independência em uma Europa dividida.

Spitteler não era um autor de leitura fácil nem um nome de grande apelo popular fora do mundo de língua alemã. A Academia Sueca reconheceu uma obra ambiciosa e singular, mais próxima da tradição épica do que das formas narrativas que começavam a dominar a literatura moderna. Para entender a escolha, é preciso acompanhar o longo percurso do poeta e a maneira pouco convencional como ele construiu sua carreira.

Carl Friedrich Georg Spitteler nasceu em 24 de abril de 1845, em Liestal, no cantão suíço de Basileia-Campo. Seu pai trabalhava na administração pública. Spitteler cresceu em um ambiente protestante e, como muitos jovens de sua geração, estudou teologia. Passou pela Universidade de Zurique e pela Universidade de Heidelberg, mas não encontrou na carreira religiosa uma vocação duradoura. A literatura começou a ocupar o espaço que a teologia deixava em aberto. Spitteler escrevia poesia e prosa, mas não seguiu de imediato uma vida dedicada aos livros. Trabalhou como tutor particular na Rússia, onde viveu por vários anos, ensinando os filhos de uma família. Essa experiência o afastou da Suíça e lhe deu contato com um mundo cultural diferente, embora sua obra não tenha se tornado um registro direto daquela temporada.

Ao voltar, trabalhou como professor e, mais tarde, como jornalista e editor. A escrita literária avançava em paralelo com empregos que garantiam sua subsistência. Esse caminho ajuda a entender por que a consagração veio tarde. Spitteler não construiu uma carreira centrada em lançamentos frequentes nem procurou se adaptar ao gosto do público. Durante muitos anos, foi um escritor respeitado por um círculo limitado, enquanto sua obra mais ambiciosa permanecia em elaboração.

Em 1881, publicou Prometeu e Epimeteu sob o pseudônimo Carl Felix Tandem. O livro retomava uma história da mitologia grega para tratar de dois modos de estar no mundo. Prometeu, associado à reflexão e à independência, se opõe ao irmão Epimeteu, mais disposto a aceitar as convenções e a agir sem pensar nas consequências. A narrativa não é uma simples recontagem do mito. Spitteler usa as figuras antigas para construir um conflito moral e psicológico.

A publicação recebeu pouca atenção. Anos depois, o escritor revisaria o trabalho e o republicaria com seu próprio nome, como Prometeu, o sofredor. A mudança de título e a revisão mostram a persistência de um projeto que não teve acolhida imediata. Spitteler voltou a uma obra antiga, alterou-a e tentou apresentar ao público algo que, desde o início, escapava às expectativas mais comuns.

A obra que assegurou a Spitteler o Nobel foi Primavera olímpica, publicada em partes entre 1900 e 1905 e depois revista. O poema apresenta um universo mitológico próprio, habitado por deuses e seres fantásticos. A narrativa acompanha conflitos de poder, disputas e transformações, mas seu interesse não está apenas na sucessão de aventuras. Spitteler constrói uma reflexão sobre a natureza do poder e sobre os limites de quem acredita estar acima dos outros.

A escolha da mitologia permitia ao poeta afastar-se da descrição imediata da sociedade, sem abandonar os problemas humanos. Os deuses de Primavera olímpica não são figuras distantes, perfeitas ou invulneráveis. Têm desejos, rivalidades e fraquezas. O mundo olímpico funciona como um palco em que se observam comportamentos reconhecíveis, embora apresentados em escala grandiosa.

O poema também se distingue pelo tom e pela forma. Spitteler não buscou a concisão de uma poesia lírica breve. Preferiu uma narrativa extensa, com episódios, personagens e mudanças de cenário. O leitor precisa aceitar um ritmo próprio, que pode parecer lento para quem espera uma trama direta. A recompensa está na construção de um mundo literário coerente, desenvolvido com paciência ao longo de milhares de versos.

A expressão “primavera” no título não deve ser entendida apenas como referência a uma estação do ano. Ela anuncia renovação e movimento, mas a obra não se limita a uma celebração da vida. A mudança traz conflitos; o poder que organiza o mundo pode também produzir injustiça. Spitteler não idealiza a ordem divina. Seus deuses são capazes de criar, mas também de impor sua vontade.

Essa combinação de imaginação mitológica e observação moral explica parte do interesse da Academia Sueca. Em vez de premiar um autor por representar de maneira documental sua sociedade, reconheceu uma obra que criava um universo autônomo e o utilizava para examinar questões de autoridade, responsabilidade e liberdade. A epopeia não oferecia uma resposta simples. Seu alcance vinha justamente da tensão entre a grandiosidade do cenário e as limitações de quem o habitava.

A recepção de Primavera olímpica foi gradual. Spitteler já não era jovem quando publicou o poema, e a obra exigia leitores dispostos a acompanhá-la por muitas páginas. O reconhecimento do Nobel ampliou sua projeção internacional, mas não transformou o livro em uma leitura de massa. A premiação ajudou a tornar o nome do escritor conhecido fora da Suíça e dos países de língua alemã; a extensão e a natureza do poema continuaram sendo uma barreira para muitos leitores.

A Primeira Guerra Mundial começou em 1914, quando Spitteler já era um escritor maduro. A Suíça declarou-se neutra, mas a neutralidade não significava que todos os seus habitantes vissem o conflito da mesma maneira. O país tinha comunidades de língua alemã, francesa e italiana, ligadas culturalmente às nações em guerra. A opinião pública se dividiu, e as simpatias de parte da população acompanhavam, em alguma medida, as afinidades linguísticas e culturais.

Spitteler interveio nesse debate com o discurso Nossa posição suíça, pronunciado em Zurique em dezembro de 1914. Ele defendeu a neutralidade do país e advertiu contra a identificação excessiva dos suíços com qualquer uma das nações beligerantes. Sua preocupação era que as divisões provocadas pela guerra comprometessem a convivência interna de uma sociedade formada por diferentes línguas e tradições.

O discurso teve importância pública porque tratava de uma questão imediata, não apenas literária. Spitteler pediu que os suíços pensassem primeiro como cidadãos de um país comum, em vez de se deixarem arrastar pelas lealdades culturais aos vizinhos em guerra. A neutralidade, nessa perspectiva, não era indiferença diante do sofrimento. Era uma condição política que exigia cuidado e contenção para que a própria Suíça não se partisse por dentro.

Essa intervenção ajuda a compreender o ambiente em que o Nobel de 1919 foi entregue. A guerra havia interrompido a premiação no ano anterior e deixado uma Europa profundamente alterada. A escolha de um autor suíço não deve ser reduzida a uma recompensa por sua neutralidade, pois a Academia justificou o prêmio pelo valor de sua obra poética. Ainda assim, o país e o momento davam à decisão um significado que não existiria em tempos de paz.

Spitteler recebeu o Nobel depois de uma vida em que a literatura conviveu com o trabalho docente, o jornalismo e períodos de pouco reconhecimento. A idade do escritor no momento da premiação chama atenção, mas o atraso não foi apenas uma questão de calendário. Sua obra principal não se encaixava facilmente nas categorias de popularidade e atualidade que costumam determinar a atenção pública.

No começo do século XX, a literatura passava por mudanças rápidas. O romance psicológico, as experiências modernistas e novas formas de poesia alteravam a relação entre linguagem e narrativa. Primavera olímpica, com sua escala épica e seu universo mítico, parecia olhar para uma tradição anterior. Ao mesmo tempo, não era uma tentativa de simplesmente restaurar os modelos antigos. Spitteler aproveitou a forma épica para expressar preocupações de seu próprio tempo.

A premiação também revela os critérios variados que marcaram os primeiros anos do Nobel. A Academia não reconhecia apenas autores de grande popularidade ou escritores associados a movimentos literários de vanguarda. Em 1919, escolheu um poeta cuja obra exigia tempo e familiaridade com a tradição épica. A decisão valorizava a ambição formal e a singularidade do projeto.

Spitteler não era um escritor inteiramente apartado de seu país. Embora sua epopeia se passasse no mundo dos deuses, sua intervenção pública em 1914 mostrava que ele acompanhava as tensões de sua época. A literatura e a vida cívica não ocupavam o mesmo espaço em sua obra, mas pertenciam ao mesmo homem: um poeta voltado para narrativas de grande fôlego e um cidadão preocupado com as fraturas de uma sociedade pequena cercada por potências em guerra.

Carl Spitteler morreu em Lucerna, em 1924. Seu nome permaneceu associado sobretudo a Primavera olímpica, a obra que motivou o Nobel. Para leitores de hoje, o poema pode exigir uma entrada gradual. A linguagem, a extensão e a distância do universo mitológico tornam a leitura diferente daquela de um romance contemporâneo. Não é preciso tratá-lo como uma obra fácil para reconhecer o que o distingue.

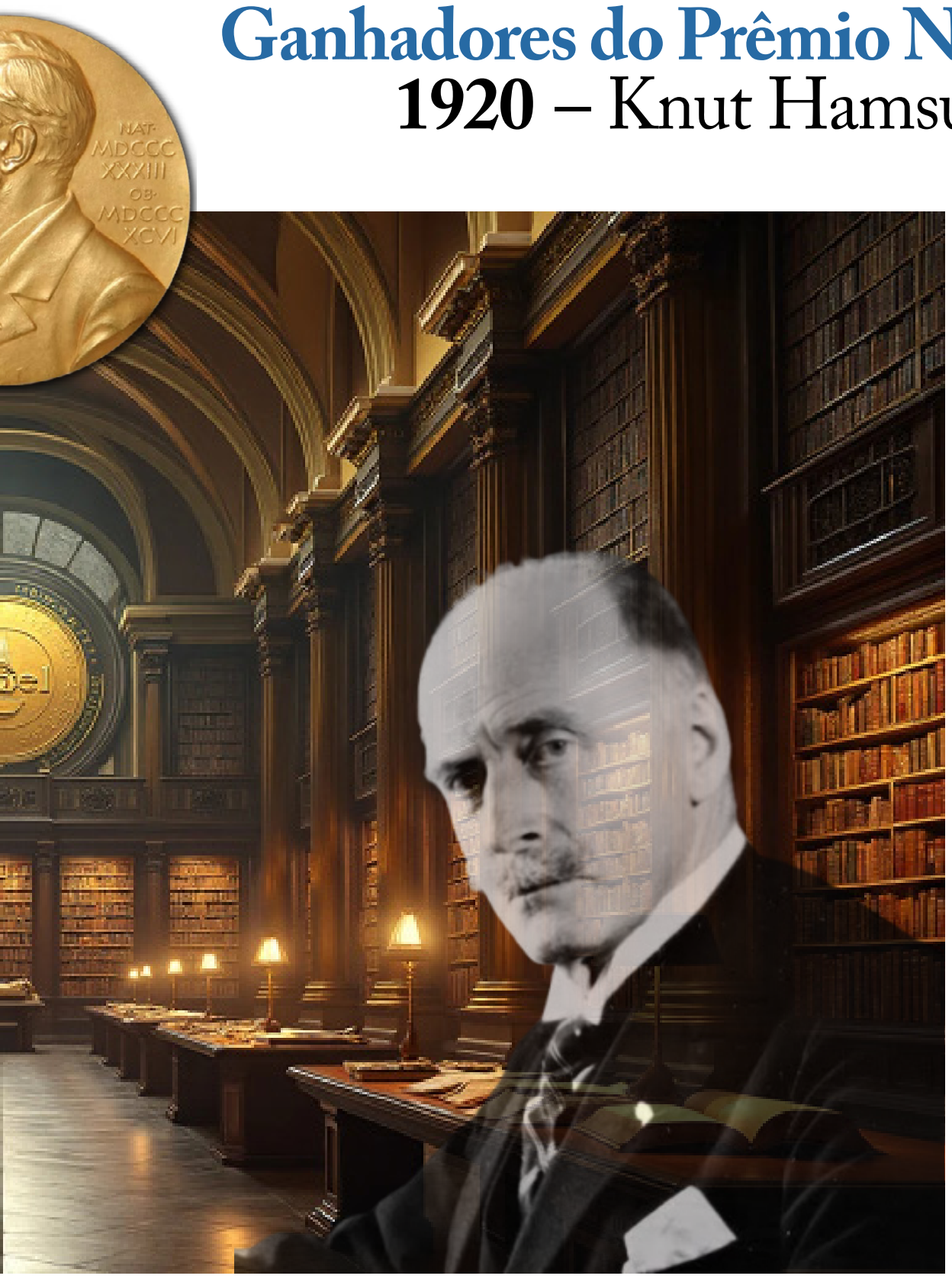
Spitteler não transformou a epopeia em um exercício de nostalgia. Usou deuses e seres fantásticos para falar de poder, vaidade e liberdade, temas que não dependem de um cenário moderno para serem compreendidos. A escala mitológica permitiu que ele ampliasse esses conflitos, sem fingir que seus personagens eram moralmente superiores aos seres humanos.

O prêmio de 1919 também marca a retomada do Nobel depois da suspensão do ano anterior. A escolha de Spitteler não apagou as divisões deixadas pela guerra, mas devolveu à premiação uma figura literária de um país que havia preservado sua neutralidade. A Academia reconheceu um poeta que levou décadas para realizar seu principal projeto e cuja obra não se ajustava às formas mais populares de seu tempo.

Primavera olímpica continua sendo uma leitura exigente. Sua importância está menos em oferecer uma resposta definitiva sobre a natureza humana do que em encenar, entre deuses e conflitos, as consequências de desejar poder sem aceitar limites. Spitteler construiu essa epopeia durante muitos anos. O Nobel chegou tarde, mas encontrou ali uma obra que não poderia ser confundida com a de nenhum outro escritor da série.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1920 – Knut Hamsun (Noruega)





Knut Hamsun:
o Nobel para o romancista que voltou os olhos para a vida rural



Quando Knut Hamsun recebeu o Nobel de Literatura, em 1920, já era um escritor conhecido por romances que acompanhavam as mudanças da vida interior: pensamentos interrompidos, desejos contraditórios, orgulho e insegurança. A Academia Sueca, porém, destacou outra direção de sua obra. O prêmio reconheceu especialmente Growth of the Soil, romance de 1917 que acompanha um homem construindo uma vida em uma fazenda norueguesa.

A escolha aproximou Hamsun de uma paisagem distante das cidades e de seus conflitos modernos. Isak, o protagonista do romance, trabalha a terra, ergue uma casa e forma uma família. A narrativa avança com o ritmo das estações e das tarefas rurais. Não é um relato simples de retorno a uma vida idealizada: ao redor de Isak, o mundo muda, e a modernização chega ao campo com novas oportunidades e novas inquietações.

Hamsun já havia se tornado uma figura influente com livros como Fome, publicado em 1890, e Pan, de 1894. Neles, a ação externa importa menos do que a experiência instável dos personagens. O protagonista de Fome vagueia por uma Kristiania, atual Oslo, que lhe oferece pouco apoio. Passa por períodos de euforia, vergonha e desespero, sem que o leitor receba uma explicação definitiva para cada mudança. Essa atenção à consciência e às suas oscilações ajudou a firmar a reputação do escritor.

O reconhecimento de 1920, portanto, não veio de uma trajetória linear. Hamsun escreveu sobre a vida urbana e sobre a rural, experimentou diferentes formas narrativas e cultivou uma visão desconfiada da sociedade industrial. Sua obra teve grande influência na literatura europeia. A biografia posterior, contudo, exige que a leitura inclua também uma questão difícil: Hamsun apoiou a Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Essa adesão não apaga seus livros, mas muda a maneira como sua carreira pode ser contada.

Da pobreza à literatura

Knut Hamsun nasceu Knud Pedersen em 1859, em Lom, no interior da Noruega. Cresceu em uma família com poucos recursos e passou parte da infância em Hamarøy, no norte do país, onde viveu com parentes. Teve pouca educação formal e, ainda jovem, começou a trabalhar em diferentes ofícios. Foi aprendiz, comerciante e trabalhador rural, entre outras ocupações. A vida de escritor profissional, com renda e reconhecimento, não surgiu de imediato.

A experiência da precariedade acompanhou seus primeiros anos adultos. Hamsun viajou aos Estados Unidos duas vezes, trabalhou em empregos mal pagos e teve contato com a dureza da vida de imigrantes e trabalhadores. Essas temporadas forneceram material para textos sobre as condições de trabalho e a sociedade americana, mas não lhe trouxeram estabilidade. Voltou à Noruega e continuou tentando abrir caminho como escritor.

A mudança veio com Fome. O romance, publicado em 1890, acompanha um escritor sem dinheiro pelas ruas de Kristiania. A narrativa não se concentra em uma trama cheia de acontecimentos. O que prende a atenção é o modo como o protagonista interpreta o mundo ao redor enquanto luta contra a fome e tenta preservar a própria dignidade.

Ele pode ser generoso em um momento e cruel no seguinte, sentir-se superior aos outros e, logo depois, ser consumido pela vergonha. Às vezes mente para proteger o orgulho; em outras ocasiões, recusa ajuda mesmo quando precisa dela. Hamsun não transforma essas atitudes em lições morais. Deixa que o leitor permaneça perto de uma consciência que muda de direção e nem sempre compreende as próprias escolhas.

O livro chamou atenção por se afastar do realismo social mais direto, então influente na literatura europeia. A cidade está presente, mas o centro da narrativa é a percepção do personagem. Ruas, encontros e pequenos acontecimentos ganham formas diferentes conforme seu estado físico e emocional. A fome não funciona apenas como problema material: altera o modo como ele pensa, lembra e se relaciona com as pessoas.

Uma ficção atenta à vida interior

Hamsun desenvolveu essa atenção psicológica em romances posteriores. Em Mistérios, publicado em 1892, um forasteiro chamado Nagel chega a uma pequena cidade e desestabiliza as relações locais. Seu comportamento é imprevisível. Ele conversa, provoca, seduz e contradiz a si mesmo, deixando os demais personagens sem saber ao certo o que pensar dele.

Em Pan, de 1894, o narrador, o tenente Thomas Glahn, vive isolado em uma cabana na Noruega setentrional. A natureza tem presença forte, mas o romance não a apresenta como um cenário pacífico que resolve os problemas humanos. O isolamento de Glahn, seus desejos e suas reações impulsivas interferem na relação com as pessoas à sua volta. A paisagem amplia a experiência do personagem, mas não a organiza nem a torna mais clara.

Esses livros ajudaram a consolidar Hamsun como um escritor que se interessava menos pelo comportamento previsível do que pelos movimentos inesperados da mente. Sua prosa podia avançar por associações, impulsos e mudanças de humor. Isso influenciou escritores posteriores, embora seja difícil reduzir essa influência a uma única técnica ou a uma linha direta entre autores.

A visão de Hamsun sobre a modernidade era menos progressista do que a de muitos escritores de seu tempo. Ele desconfiava da cidade industrial, da vida guiada pela produtividade e da confiança de que as máquinas e as instituições resolveriam os problemas humanos. Essa crítica aparece de maneira mais explícita nos romances que escreveu a partir da virada do século, quando voltou a temas rurais e a comunidades afastadas dos centros urbanos.

Essa posição tinha uma força literária, mas também seus limites. Hamsun podia tratar a vida camponesa como uma alternativa à alienação urbana e, ao mesmo tempo, diminuir o valor das mudanças sociais que ofereciam novas possibilidades a outras pessoas. Sua obra não deve ser lida como se expressasse uma crítica neutra da modernização. Ela traz as preferências e os preconceitos de seu autor.

Growth of the Soil e a vida de Isak

Publicado em 1917, Growth of the Soil foi o livro que levou Hamsun ao Nobel. A Academia Sueca concedeu-lhe o prêmio "por sua obra monumental, Growth of the Soil". O romance acompanha Isak, um homem que encontra um terreno afastado e começa a cultivá-lo. Com trabalho persistente, constrói uma casa, amplia a fazenda e estabelece uma família.

Hamsun narra esse processo sem transformar Isak em um herói de ação. O personagem é definido sobretudo pelo trabalho. Desmata, planta, cria animais e enfrenta dificuldades concretas. O tempo do romance está ligado às estações e às necessidades da propriedade. A terra não é apenas posse: exige esforço contínuo e limita o que Isak pode fazer.

Inger, sua companheira, também tem uma história própria. Sua vida e suas escolhas mostram que a comunidade rural descrita por Hamsun não é composta apenas por trabalho e estabilidade. Há afetos, conflitos e consequências que não se resolvem com a prosperidade da fazenda. Os filhos crescem, saem de casa ou escolhem caminhos diferentes. O mundo ao redor de Isak deixa de ser tão isolado.

A chegada da estrada e o contato com as instituições e atividades comerciais aproximam a região de uma economia mais ampla. Alguns personagens veem nisso uma oportunidade. Outros sentem a perda de uma forma de vida conhecida. A mudança não é apresentada somente como benefício nem como desastre. Ela altera relações e expectativas, e seus efeitos variam conforme a posição de cada pessoa.

O romance tem uma visão idealizada do trabalho agrícola e da vida ligada à terra. Isak parece encontrar no esforço cotidiano uma ordem que falta aos personagens urbanos de Hamsun. Ainda assim, o livro não é apenas um elogio à dureza. A continuidade do trabalho pode ser fonte de sustento e pertencimento, mas também impõe limites e cobra sacrifícios. A fazenda cresce; a vida dos que a habitam não se torna, por isso, livre de perdas.

A escolha da Academia refletia o interesse do período por uma narrativa épica sobre a vida rural. O título original norueguês, Markens Grøde, pode ser traduzido como "os frutos da terra" ou "a colheita da terra". A tradução inglesa que se popularizou foi Growth of the Soil. Em qualquer versão, o foco está no crescimento: da lavoura, da propriedade e da família, mas também de uma comunidade que aos poucos deixa de estar isolada.

O Nobel e a reputação internacional

A premiação de 1920 ampliou a projeção internacional de Hamsun e confirmou a importância que seus romances já tinham na Europa. O Nobel reconheceu especialmente Growth of the Soil, não toda e qualquer posição defendida pelo escritor. Essa distinção é importante para entender o prêmio, mas não encerra o debate sobre sua trajetória.

Hamsun continuou publicando por décadas. Em 1927, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura outro norueguês, Sigrid Undset. O reconhecimento de dois autores do país em poucos anos mostra a força que a literatura norueguesa alcançou internacionalmente naquele período, embora cada um tivesse interesses e estilos próprios.

A imagem pública de Hamsun mudou profundamente durante a Segunda Guerra Mundial. Ele apoiou a Alemanha nazista e o regime colaboracionista liderado por Vidkun Quisling na Noruega ocupada. Em 1943, encontrou-se com Adolf Hitler. Também entregou sua medalha do Nobel a Joseph Goebbels, ministro da Propaganda nazista. Esses gestos não foram rumores nem interpretações posteriores de seus romances: fazem parte de sua atuação pública documentada.

Depois da guerra, Hamsun foi investigado e submetido a uma avaliação psiquiátrica. O processo considerou sua idade e suas condições mentais, mas não o isentou de responsabilidade. Em 1948, foi condenado a pagar uma multa por seu apoio ao movimento de Quisling e por sua ligação com o partido nazista norueguês. Não recebeu pena de prisão. A idade avançada e a deterioração de sua saúde pesaram na forma como o caso foi tratado.

A posição política de Hamsun não deve ser atribuída automaticamente a todos os personagens ou ideias de seus livros. Tampouco pode ser afastada como detalhe irrelevante de uma biografia. O escritor usou sua reputação para apoiar um regime responsável por perseguição, ocupação e violência. Ler sua obra hoje exige manter juntas duas informações: a importância literária que teve e as escolhas políticas que fez.

O que fica para o leitor

Knut Hamsun morreu em 1952, aos 92 anos. Passou os últimos anos afastado da vida pública, enquanto sua reputação permanecia marcada tanto pelo reconhecimento literário quanto pelo apoio ao nazismo. A recepção de sua obra continua dividida entre a influência de seus romances e a necessidade de confrontar sua conduta política.

Fome ainda permite observar como a narrativa pode se aproximar de uma consciência instável sem oferecer ao leitor uma explicação confortável. Pan mostra um escritor capaz de transformar a paisagem em parte da experiência psicológica. Growth of the Soil, por sua vez, constrói uma narrativa de trabalho e continuidade, mas também registra o momento em que a modernização começa a alcançar uma comunidade rural.

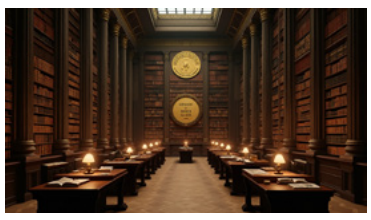
Esses livros não dizem todos a mesma coisa. Hamsun mudou de tema, de forma e de posição ao longo de uma carreira longa. A Academia Sueca escolheu em 1920 um romance que se afastava da cidade e acompanhava o trabalho agrícola, mas o prêmio também colocou em evidência a singularidade de um autor cuja literatura já havia alterado a prosa europeia.

A leitura de Hamsun não pede absolvição nem descarte automático. Pede atenção ao que seus livros fazem e responsabilidade diante do que ele próprio fez. Seu Nobel foi concedido por uma obra específica, mas a história do escritor não termina na justificativa da Academia.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1921 – Anatole France (França)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Anatole France:
a ironia de um cético diante da história e do poder



Anatole France desconfiava das certezas, sobretudo quando elas vinham acompanhadas de autoridade. Em seus romances, santos podem ser vaidosos, governantes confundem ambição com dever e ideias bem-intencionadas acabam servindo a interesses particulares. A ironia era sua ferramenta mais conhecida, mas por trás dela havia uma atenção genuína à fragilidade humana. Em 1921, a Academia Sueca reconheceu essa combinação ao conceder-lhe o Nobel de Literatura.

O escritor francês recebeu o prêmio “em reconhecimento às suas brilhantes realizações literárias, caracterizadas por nobreza de estilo, profunda simpatia humana, graça e verdadeiro temperamento gaulês”. A formulação reunia traços que seus leitores encontravam em livros muito diferentes: a elegância da prosa, o humor cético e a compaixão por pessoas presas a instituições que não controlavam.

France já era uma figura de destaque na vida literária francesa. Publicara romances, contos, ensaios e crítica; integrava a Academia Francesa desde 1896 e havia se tornado um dos intelectuais públicos mais conhecidos de seu país. Sua obra, porém, não se limitava à observação refinada de costumes. Ao longo da carreira, voltou-se para temas políticos e religiosos, questionando a intolerância, o nacionalismo e a facilidade com que a história transforma violência em glória.

A escolha aconteceu numa Europa que ainda tentava se recompor da Primeira Guerra Mundial. A França havia vencido o conflito, mas carregava perdas humanas e materiais profundas. O prêmio a Anatole France celebrava um autor consagrado e, ao mesmo tempo, reconhecia uma literatura que não tratava a civilização como sinônimo de justiça. Em seus livros, o passado clássico e religioso não oferecia refúgio seguro: servia para iluminar as contradições do presente.

Um jovem entre livros

Anatole France nasceu François-Anatole Thibault em Paris, em 16 de abril de 1844. Seu pai era livreiro e mantinha uma loja especializada em livros sobre a Revolução Francesa. O ambiente familiar aproximou o futuro escritor de volumes antigos, documentos e debates sobre a história nacional. A livraria não determinou sozinha sua formação, mas deu à literatura e ao passado um lugar cotidiano em sua infância.

A França que o cercava também atravessava transformações políticas. O país passou pela Segunda República, pelo Segundo Império de Napoleão III e, depois da derrota na guerra contra a Prússia, pela instabilidade que levou à Terceira República. France cresceu, portanto, num cenário em que regimes e versões da história se sucediam. A experiência de mudanças políticas profundas ajudaria a alimentar seu interesse pelos mecanismos do poder e pela maneira como cada época constrói suas próprias justificativas.

Antes de firmar-se como romancista, trabalhou em atividades ligadas ao mundo dos livros e da imprensa. Foi editor, bibliotecário e crítico literário. A crítica ensinou-lhe a ler obras de perto e a escrever sobre elas com clareza e precisão. Também consolidou uma voz pública, capaz de comentar não apenas literatura, mas os acontecimentos e as ideias que disputavam espaço na França.

Seu primeiro romance de grande repercussão, O crime de Sylvestre Bonnard, saiu em 1881. Bonnard é um estudioso idoso, erudito e distraído, mais à vontade entre manuscritos do que diante das complicações práticas da vida. O livro combina humor e ternura para mostrar que o conhecimento não torna ninguém imune ao erro ou à vaidade. A figura do intelectual aparece com afeto, mas sem reverência excessiva.

Essa mistura tornou-se característica de France. Ele podia tratar seus personagens com indulgência sem lhes poupar as contradições. A erudição, em seus livros, não é uma armadura contra a fraqueza. Pelo contrário, o saber histórico e literário muitas vezes oferece ao escritor novas maneiras de perceber como as pessoas se enganam, racionalizam seus desejos e transformam convenções em verdades eternas.

A graça como forma de crítica

A prosa de France é frequentemente associada à clareza e à elegância clássicas. Ele evitava a exibição desnecessária de complexidade e preferia que o ritmo, a escolha das palavras e a construção da cena conduzissem o leitor. Essa leveza, contudo, não deve ser confundida com superficialidade. O humor abre caminho para perguntas incômodas sem transformar o romance em sermão.

Em Thaïs, publicado em 1890, France retoma o mundo do cristianismo antigo. O monge Pafnúcio decide converter Thaïs, uma cortesã de Alexandria, e imagina que sua própria disciplina espiritual o protegerá das tentações do mundo. A tentativa de conduzir outra pessoa à salvação acaba revelando os conflitos que ele não reconhece em si mesmo.

France não trata a fé apenas como objeto de deboche. Interessa-lhe a distância entre a doutrina professada e os desejos que continuam agindo por baixo dela. Pafnúcio acredita conhecer o caminho moral correto, mas sua certeza não o torna livre de orgulho, paixão ou autoengano. A ironia do romance nasce, em parte, da facilidade com que alguém pode condenar nos outros aquilo que não consegue enfrentar em si.

Esse olhar também se volta para as instituições. Igrejas, governos e grupos políticos podem defender ideais elevados, mas são feitos de pessoas sujeitas a interesses e fraquezas. France não conclui que toda crença seja falsa ou que toda ação pública seja inútil. Mostra, antes, que as intenções nobres não dispensam o exame das consequências.

A história como espelho do presente

France encontrou na história uma maneira de falar de seu tempo sem se limitar à crônica imediata. Em A ilha dos pinguins, de 1908, imaginou uma sociedade de pinguins transformados em seres humanos por engano de um santo. A partir dessa premissa fantástica, percorreu episódios que lembram a formação e as disputas de uma nação: a organização do poder, a religião, a propriedade e o nacionalismo.

A sátira não oferece uma correspondência rígida entre cada pinguim e uma pessoa real. Seu alvo é mais amplo: a tendência das sociedades a inventar tradições convenientes e a apresentar interesses particulares como destino coletivo. O livro mostra como a história pode ser recontada por quem detém poder, até que a versão oficial pareça natural.

Em Os deuses têm sede, publicado em 1912, France voltou à Revolução Francesa. O protagonista, Évariste Gamelin, é um artista e revolucionário que se torna jurado durante o período do Terror. Convencido de que serve à justiça e à revolução, participa de julgamentos que condenam pessoas à morte. A narrativa acompanha a transformação de um ideal político em instrumento de repressão.

France não reduz a Revolução a uma sucessão de excessos sem contexto. O romance se interessa por como o medo, a pressão política e a certeza moral podem estreitar o campo de visão de pessoas comuns. Gamelin não se considera cruel. Acredita agir em nome de uma causa justa e, justamente por isso, deixa de perceber a violência do que faz. O título evoca deuses que exigem sacrifícios, mas a narrativa trata de seres humanos que assumem para si o direito de decidir quem deve morrer.

A obra demonstra a habilidade do escritor para deslocar o leitor no tempo e, ainda assim, mantê-lo diante de questões contemporâneas. O passado não aparece como uma lição pronta. Em vez disso, France mostra como a distância histórica pode tornar mais visíveis mecanismos que continuam presentes: a desumanização dos adversários, a linguagem da necessidade e a crença de que a violência se torna legítima quando serve a um objetivo grandioso.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/10/2026”

O caso Dreyfus e a responsabilidade pública

A relação de France com a política tornou-se especialmente visível durante o caso Dreyfus. Alfred Dreyfus, oficial judeu do Exército francês, foi acusado de traição em 1894 e condenado num processo marcado por graves irregularidades e por um ambiente antissemita. A disputa dividiu o país. De um lado estavam os que exigiam a revisão do julgamento; de outro, aqueles que defendiam o Exército e a condenação, mesmo diante de indícios de que o verdadeiro responsável poderia ser outro.

Em 1898, Émile Zola publicou seu célebre texto aberto ao presidente francês, “J’accuse…!”, denunciando a injustiça e a encenação do processo. France esteve entre os escritores e intelectuais que apoiaram a revisão do caso. Sua atuação fez parte de uma mobilização mais ampla em defesa de Dreyfus, num momento em que a imprensa e a opinião pública estavam profundamente polarizadas.

O posicionamento teve um custo. France enfrentou hostilidade de setores nacionalistas e da imprensa contrária aos dreyfusards. Ainda assim, sua participação marcou uma mudança importante no papel público dos escritores franceses. A controvérsia mostrou que a autoridade cultural podia ser usada não só para celebrar a nação, mas também para questionar instituições que afirmavam representá-la.

O caso Dreyfus ajuda a compreender a expressão “profunda simpatia humana” usada pela Academia Sueca. A compaixão em France não se limitava à vida privada de personagens vulneráveis. Podia levar à tomada de posição quando uma pessoa era esmagada por preconceito e abuso institucional. Seu ceticismo tampouco implicava neutralidade diante da injustiça.

Isso não significa que sua trajetória política possa ser resumida a uma postura sempre coerente ou que cada livro apresente uma posição única. France mudou ao longo da vida, acompanhou diferentes movimentos e nem sempre ofereceu respostas simples. Seu mérito literário está menos em construir um sistema político fechado do que em expor as contradições entre os princípios anunciados e as ações praticadas.

O Nobel de 1921

A Academia Sueca premiou France em 1921, depois de não conceder o Nobel de Literatura em 1918 e de retomar a premiação nos anos seguintes. O reconhecimento chegou quando o escritor tinha 77 anos e era considerado uma das principais figuras literárias francesas. Não se tratava de uma descoberta tardia de um autor desconhecido, mas da consagração internacional de uma carreira longa.

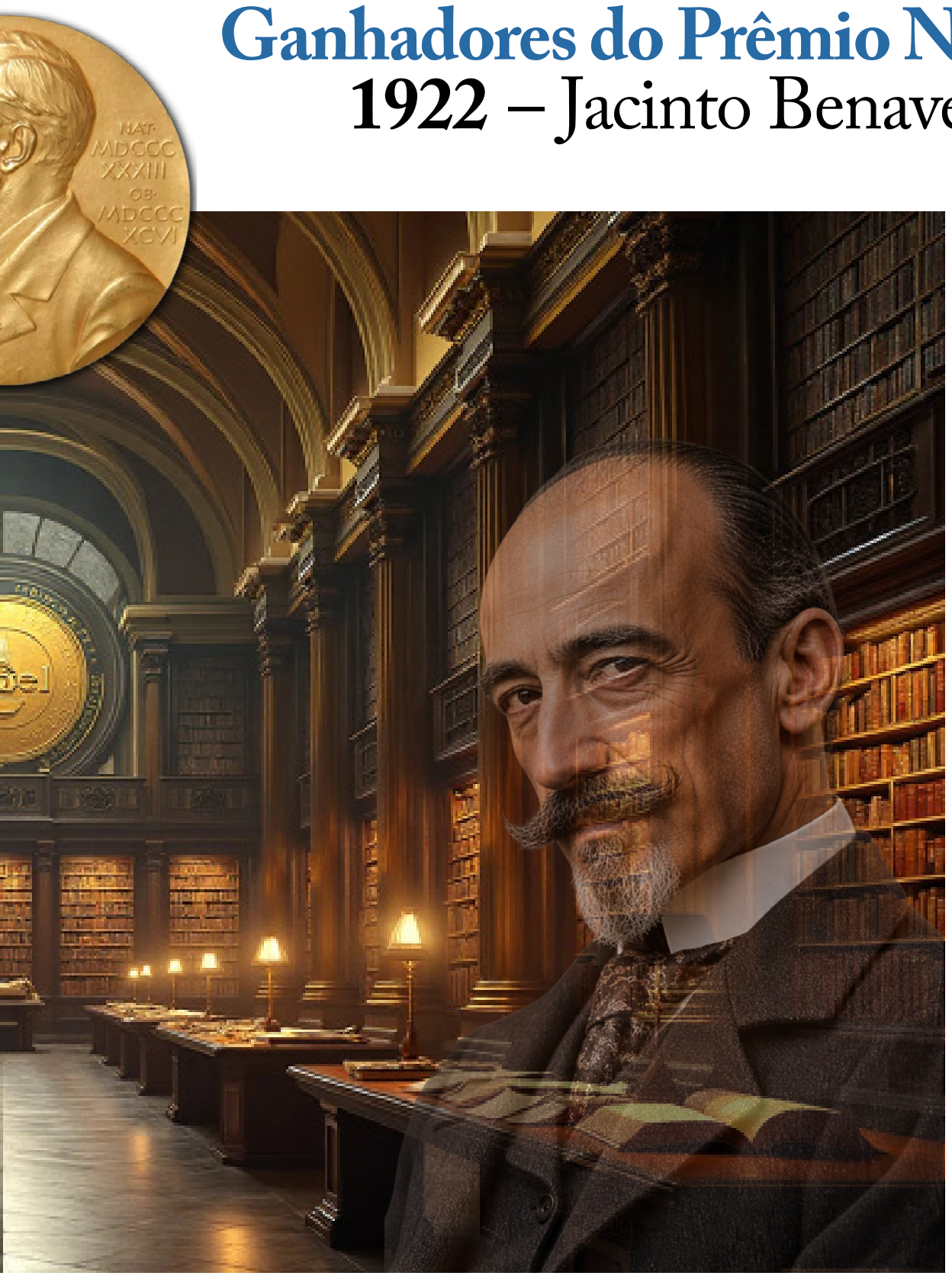
A justificativa do prêmio não apontou um único livro. Falou em realizações literárias e destacou estilo, humanidade, graça e temperamento francês. Essa formulação permitia reconhecer a variedade de sua produção: os romances históricos, as sátiras, a ficção de inspiração religiosa, os ensaios e a crítica.

O Nobel também marcou uma escolha por uma literatura que podia ser acessível sem abrir mão da inteligência. France escrevia com aparente facilidade, mas essa clareza era fruto de domínio formal. Seus narradores sabiam quando recuar, quando deixar o humor trabalhar e quando permitir que uma cena revelasse a crueldade de uma instituição sem interrompê-la com explicações.

leitura completa no site

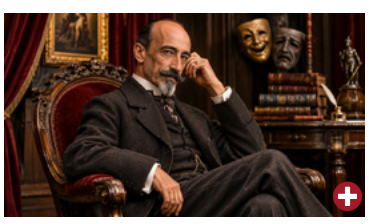
NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1922 – Jacinto Benavente (Espanha)





Jacinto Benavente: o dramaturgo que expôs as máscaras da sociedade espanhola



Em muitas peças de Jacinto Benavente, as pessoas dizem uma coisa e desejam outra. A conversa elegante encobre interesses, o casamento pode funcionar como acordo social e a virtude, quando examinada de perto, nem sempre resiste à conveniência. Benavente transformou esse jogo de aparências em matéria teatral: observava os costumes de seu tempo e os levava ao palco com humor, ironia e atenção às relações de poder.

Em 1922, a Academia Sueca concedeu-lhe o Prêmio Nobel de Literatura por sua produção dramática, destacando a maneira feliz com que dera continuidade às ilustres tradições do teatro espanhol. O reconhecimento coroava uma carreira já extensa. Benavente escrevia para o palco havia quase três décadas e se tornara um dos dramaturgos mais representados da Espanha.

Sua obra não se limitava à comédia de costumes. Ao longo da carreira, escreveu dramas, farsas, peças históricas e textos de caráter alegórico. Em algumas de suas peças mais conhecidas, como Os interesses criados e A malquerida, o riso cede espaço à inquietação: as convenções sociais e familiares escondem conflitos que não podem ser resolvidos apenas com boas maneiras.

O prêmio chegou quando o teatro europeu passava por mudanças e a Espanha atravessava uma fase de tensão política e cultural. Benavente não era um dramaturgo de vanguarda no sentido de romper inteiramente com as formas tradicionais. Sua contribuição foi outra: renovou a comédia espanhola a partir dos diálogos, da observação social e de personagens que raramente dizem tudo o que pensam.

Um começo ligado ao teatro

Jacinto Benavente y Martínez nasceu em Madri, em 12 de agosto de 1866. Seu pai era médico e tinha interesse pela cultura, o que ajudou a aproximar o filho dos livros e do teatro. Benavente chegou a estudar Direito, mas não concluiu o curso. Preferiu dedicar-se à literatura e, em particular, à escrita dramática.

Antes de encontrar um lugar estável nos palcos, trabalhou em diferentes atividades e viajou. A experiência não o afastou de Madri por muito tempo. A cidade, com seus salões, teatros, cafés e círculos literários, tornou-se um dos principais ambientes de sua obra. Benavente conhecia de perto os modos de falar e as convenções das classes urbanas que depois retrataria.

Sua estreia como dramaturgo ocorreu com El nido ajeno, apresentada em 1894. A peça acompanha um conflito doméstico e examina as relações entre casamento, confiança e liberdade. A recepção inicial não foi especialmente favorável, mas o texto já deixava ver um interesse que atravessaria a carreira do autor: os dramas privados raramente são apenas privados. Dentro de uma família, repetem-se as regras e as desigualdades que organizam a sociedade.

Benavente também escreveu contos, poesia e textos em prosa, mas foi no teatro que construiu sua reputação. A forma dramática permitia-lhe explorar o contraste entre o que os personagens afirmavam e o que revelavam sem perceber. Um gesto, uma pausa ou uma resposta evasiva podiam expor mais do que um discurso longo.

O dramaturgo compreendeu que a comédia não precisava depender de personagens caricatos ou de situações exageradas. Podia nascer de conversas aparentemente banais, nas quais cada pessoa tentava preservar sua posição. Seus diálogos são frequentemente ágeis, mas a leveza não elimina o desconforto. O público ri, e logo percebe que talvez esteja rindo de uma situação bastante familiar.

A Espanha do fim do século XIX e do início do XX vivia transformações políticas e sociais. A monarquia, a vida parlamentar e as relações entre grupos sociais eram temas de debate, enquanto a perda das últimas grandes colônias em 1898 intensificava a discussão sobre a identidade e o futuro do país. O teatro tinha grande presença na vida urbana e era um espaço em que essas inquietações podiam aparecer, ainda que filtradas pela comédia ou pelo drama familiar.

Benavente não transformava cada peça em comentário político direto. Sua crítica se concentrava muitas vezes nos mecanismos cotidianos: os casamentos negociados, o prestígio associado ao dinheiro, a dependência econômica das mulheres e o peso da reputação. Em vez de anunciar uma tese, mostrava personagens tentando obter vantagens sem parecer interesseiros.

As mulheres ocupam posições importantes em várias de suas peças. Isso não significa que Benavente tenha rompido com todas as convenções de seu período. Algumas personagens ainda estão submetidas às limitações sociais de sua época. Mas o dramaturgo lhes deu voz e inteligência, e expôs a desigualdade entre as exigências feitas a homens e mulheres. A honra e a respeitabilidade, por exemplo, podiam servir como instrumentos de controle, aplicados de maneira diferente conforme o gênero e a posição social.

Essa atenção aos costumes ajudou Benavente a conquistar um público amplo. Seus textos podiam ser apreciados como entretenimento, mas também ofereciam motivos para reconhecer as regras que sustentavam aquela sociedade. A crítica não era sempre explícita. Muitas vezes estava na diferença entre a imagem que os personagens queriam projetar e os interesses que os moviam.

Os interesses criados: a conveniência em cena

Uma das peças mais conhecidas de Benavente é Los intereses creados, apresentada em 1907. A obra combina elementos de fábula, comédia e tradição teatral. Seus personagens lembram figuras da commedia dell'arte, como o astuto Crispín e o jovem Leandro, que chegam a uma cidade sem recursos e precisam inventar uma maneira de conquistar posição e riqueza.

Crispín organiza um plano. Com aparência de criado, apresenta Leandro como um homem de grande fortuna e usa a reputação fabricada para abrir portas. As pessoas que se aproximam do jovem acreditam estar movidas pelo amor, pela amizade ou pela generosidade, mas cada uma também enxerga uma oportunidade. O engano funciona porque encontra terreno favorável: todos têm interesses próprios, ainda que prefiram não reconhecê-los.

O título resume o funcionamento desse mundo. Os interesses, uma vez criados, passam a ser defendidos como se fossem princípios. A sociedade aceita a farsa não apenas porque Crispín é esperto, mas porque a mentira atende a desejos já existentes. Benavente não apresenta um vilão isolado que corrompe pessoas inocentes. A fraude prospera porque muitos estão dispostos a participar dela.

A peça oferece uma crítica social sem abandonar o prazer do jogo teatral. O público acompanha a invenção de Crispín, percebe os riscos e espera para ver até onde a encenação pode ir. O artifício é parte do tema: no palco, uma identidade pode ser construída com figurino e fala; fora dele, prestígio e respeitabilidade também dependem de sinais que os outros aceitam interpretar.

Esse é um dos motivos pelos quais Os interesses criados permaneceu entre as obras mais lembradas de Benavente. A peça não depende de uma denúncia específica para conservar sua força. Seu mecanismo continua reconhecível sempre que alguém transforma uma conveniência particular em argumento moral ou se beneficia de uma aparência que todos preferem não questionar.

Entre a comédia e a tragédia

Benavente escreveu comédias de salão, peças ambientadas em meios populares, dramas rurais e obras de inspiração histórica. Essa variedade impede que sua produção seja reduzida a um único tipo de teatro. O escritor podia observar a vida elegante de uma família urbana e, em outro momento, deslocar a ação para uma comunidade rural atravessada por segredos e violência.

A malquerida, estreada em 1913, é um de seus dramas mais conhecidos. A peça se passa em um ambiente rural e acompanha uma família abalada por um crime. Raimunda, viúva, casa-se com Esteban; sua filha, Acacia, passa a viver sob o mesmo teto. A relação entre os três é marcada por sentimentos reprimidos e por uma tensão que cresce até se tornar impossível de esconder.

Benavente constrói o drama por meio de suspeitas, silêncios e conflitos familiares. A violência não aparece como um acontecimento desligado do cotidiano: nasce dentro de uma estrutura de convivência em que os personagens tentam proteger a honra e manter a aparência de normalidade. O espaço rural não é apresentado como uma comunidade ideal, afastada dos vícios da cidade. Também ali há desejo, ciúme, poder e segredo.

A peça alcançou grande repercussão e foi adaptada para o cinema em diferentes ocasiões. Sua permanência no repertório teatral se deve, em parte, à forma como Benavente combina uma trama de forte tensão com conflitos íntimos.

O drama não transforma seus personagens em simples exemplos morais. Mostra como os vínculos familiares podem se tornar opressivos quando desejos e convenções entram em choque.

Em outras obras, o dramaturgo voltou-se para a vida burguesa e para os ambientes de prestígio. Rosas de otoño, de 1905, é um exemplo de sua habilidade para tratar relações afetivas e familiares sem fazer do palco um espaço de grandes declarações. Os conflitos surgem em conversas e decisões aparentemente comuns, nas quais a idade, o casamento e a posição social pesam sobre as escolhas individuais.

Benavente escreveu mais de uma centena de peças ao longo de sua vida. A produção extensa permitiu-lhe circular por gêneros e ambientes diversos, embora a qualidade e a permanência de seus textos não sejam uniformes. Entre as obras que se mantiveram mais presentes estão Os interesses criados, A malquerida e Rosas de otoño.

Sua carreira também se desenvolveu em contato constante com os palcos. Benavente conhecia as exigências da representação: o ritmo das falas, a entrada de um personagem, a mudança de tom que mantém a atenção da plateia. Essa experiência prática ajuda a explicar por que seus diálogos parecem, muitas vezes, feitos para serem ouvidos. A palavra não serve apenas para comunicar informações; é também uma forma de seduzir, esconder, desafiar ou evitar uma resposta.

A popularidade, no entanto, não eliminou as críticas. Parte dos leitores e estudiosos considerou que algumas peças se apoiavam demais em convenções do teatro comercial ou que a produção muito ampla tinha resultados desiguais. O Nobel não encerrou esse debate. A Academia reconheceu o conjunto da carreira, mas a recepção posterior passou a distinguir com mais clareza as obras que continuam a atrair encenadores e leitores daquelas que ficaram mais ligadas ao gosto de seu tempo.

A escolha de 1922 foi também uma afirmação da importância do teatro dentro do Nobel de Literatura. A premiação costuma ser associada a romancistas e poetas, mas o trabalho dramático tem presença significativa em sua história. Benavente recebeu o prêmio por uma obra voltada à representação pública, em que o texto ganha vida por meio de atores, cenário e reação da plateia.

O Nobel de 1922

A Academia Sueca concedeu o prêmio a Benavente por sua contribuição ao teatro espanhol e pela continuidade de suas tradições.

A justificativa não apontava um livro específico, como ocorrera com Carl Spitteler em 1919 ou Knut Hamsun em 1920. Reconhecia um dramaturgo de longa carreira, cujo trabalho havia renovado a comédia e mantido o palco espanhol em diálogo com suas próprias heranças.

O prêmio foi recebido num período de mudanças na Espanha. Em 1923, o general Miguel Primo de Rivera instauraria uma ditadura, com o apoio do rei Afonso XIII. Benavente continuou escrevendo e teve uma carreira longa, que atravessou diferentes governos e a Guerra Civil Espanhola. Sua presença pública ao longo desses anos precisa ser considerada com cuidado: o percurso político e cultural do escritor não se resume a uma posição única e imutável.

leitura completa no site

ARTE

Música Clássica no Século XXI:
Harmonia e Inovação



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psique

A permanência da música clássica em um mundo transformado pela tecnologia e pelo acesso instantâneo a conteúdos.

Falar de música clássica no século XXI é falar de permanência e transformação. Bach, Mozart, Beethoven, Chopin, Tchaikovsky e tantos outros continuam ocupando salas de concerto, filmes, séries, plataformas digitais e, principalmente, a experiência íntima de quem escuta.

A tecnologia mudou a maneira como ouvimos música. O acesso tornou-se instantâneo, os algoritmos passaram a participar das nossas escolhas e obras que antes estavam restritas às grandes salas hoje chegam a milhões de pessoas por meio de um pequeno aparelho.

Ainda assim, quando os primeiros acordes de uma obra conhecida começam a soar, algo parece suspender o tempo.

Talvez seja justamente aí que a música clássica revele uma de suas maiores forças contemporâneas: a capacidade de permanecer relevante sem abandonar sua origem.

No século XXI, tradição e inovação deixaram de ocupar lugares opostos. Obras clássicas ganham novas interpretações, novas instrumentações e novos públicos. Orquestras dialogam com sintetizadores, recursos eletrônicos, inteligência artificial e experiências imersivas. Uma composição de mais de duzentos anos pode reaparecer em um filme ou em um vídeo nas redes sociais e despertar emoções em pessoas que talvez nunca tenham entrado em uma sala de concerto.

A música atravessa o tempo porque encontra novos caminhos para chegar ao cérebro e à sensibilidade humana.

A música clássica possui estruturas capazes de mobilizar atenção, expectativa, memória e emoção. O cérebro acompanha padrões, percebe repetições, identifica variações e antecipa resoluções. Uma sequência harmônica pode gerar expectativa; uma pausa muda nossa percepção; uma alteração de intensidade pode produzir tensão ou alívio.

O compositor trabalha com o som, mas também com o tempo.

Cada nota existe em relação àquilo que veio antes e àquilo que esperamos que aconteça depois. É justamente nessa relação que a experiência musical se constrói.

A neurociência da música tem ampliado nossa compreensão sobre esses fenômenos. Hoje sabemos que ouvir música envolve redes cerebrais relacionadas à percepção auditiva, movimento, memória, emoção, recompensa e previsão. O cérebro não recebe a música de forma passiva. Ele busca padrões, cria expectativas e atribui significado ao que escuta.

Talvez por isso determinadas composições consigam nos emocionar mesmo quando não existe nenhuma palavra.

O corpo pode sentir antes que a linguagem consiga explicar.

É exatamente essa dimensão que procuro explorar também nas experiências que desenvolvo no NeuroMusic Experience. Nesse ambiente, a música clássica deixa de ser apenas uma obra a ser ouvida e passa a ser vivenciada pelo corpo, pelo cérebro e pelas emoções.

Em alguns momentos, utilizo essas composições em experiências de atenção, presença, memória, movimento e transformação emocional. A escolha musical não acontece apenas pela beleza estética. Há músicas cuja construção sonora parece alcançar regiões da experiência humana que a linguagem nem sempre consegue tocar com a mesma profundidade.

Uma palavra precisa ser compreendida.

A música pode ser sentida antes mesmo de ser explicada.

Essa diferença é poderosa.

Em determinadas experiências, uma obra clássica pode favorecer um deslocamento do estado emocional, trazer imagens, memórias, sensações corporais e uma percepção mais profunda de si. O som encontra caminhos que nem sempre dependem da interpretação racional imediata.

Por isso, no NeuroMusic Experience, a música clássica não aparece simplesmente como fundo sonoro. Ela faz parte da própria experiência.

Ela ocupa o ambiente, atravessa o corpo e participa da maneira como o cérebro organiza aquele momento.

Em alguns casos, consegue alcançar um espaço interno onde as palavras já não chegam com tanta facilidade.

No século XXI, essa relação entre música e funcionamento cerebral passou também a ser observada pela ciência em estudos ligados à memória, atenção, regulação emocional, aprendizagem e qualidade de vida. A música que durante séculos ocupou igrejas, palácios e teatros hoje também dialoga com universidades, laboratórios e diferentes campos de pesquisa.

Essa aproximação entre arte e ciência amplia ainda mais seu significado.

Existe também algo profundamente filosófico na música clássica: ela nos lembra que harmonia não significa ausência de tensão.

Muitas grandes obras são construídas justamente pela relação entre estabilidade e instabilidade, consonância e dissonância, movimento e repouso. A beleza nasce, muitas vezes, da tensão que encontra um caminho de resolução.

Talvez seja por isso que continuemos retornando a essas obras tantos séculos depois.

Elas falam de algo que permanece profundamente humano: expectativa, perda, desejo, conflito, beleza, silêncio, movimento e transcendência.

A inovação do século XXI não precisa apagar essa herança. Pode expandi-la.

Novas tecnologias, pesquisas sobre o cérebro e experiências sensoriais estão criando novas formas de compreender e vivenciar o som. Mas uma questão continua atravessando os séculos:

Por que uma sequência organizada de sons é capaz de nos tocar tão profundamente?

Talvez ainda não exista uma resposta definitiva.

E talvez seja justamente esse mistério que mantenha a música viva.

A música clássica chega ao século XXI carregando séculos de história, mas continua olhando para o futuro. Entre partituras antigas, neurociência, experiências sensoriais e novas tecnologias, permanece como uma das formas mais sofisticadas de organização do som, do tempo e da emoção.

Algumas experiências humanas precisam de palavras.

Outras começam exatamente onde as palavras terminam.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2026"

As Coleções de Obras Asiáticas em Paris
Como a França Concentrou 60 Mil Tesouros Asiáticos Longe de Casa



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

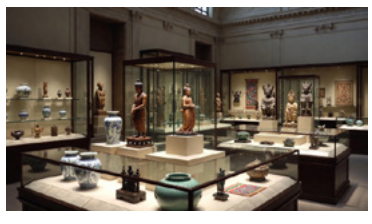
@marianapacheco.mp

Ao visitar Paris, além das obras do famoso museu do Louvre, se pode encontrar a coleção mais abrangente de arte asiática do mundo, além de ser a maior da Europa, com aproximadamente mais de 60 mil objetos, nas instalações do Museu Guimet, localizado na Place d'Iéna.



A constituição de tal acervo se deu, primeiramente, pela coleção particular de Emile Guimet – que dá nome ao museu –, empresário da produção industrial do azul marino artificial, no século XIX. Depois, expandiu para abraçar a coleção de porcelana chinesa de Ernest Grandidier, outro industrial provindo de uma família rica, que lhe permitiu realizar viagens pelas Américas do Norte e Sul e, posteriormente, Ásia. Outro espaço que chama a atenção é o museu Cernuschi, localizado na antiga mansão do banqueiro italiano Henri Cernuschi, com cerca de 13 mil peças.

Todas as coleções mencionadas, antes particulares, se compõem de objetos provindos do Japão, da China, da Coreia (ainda unificada), do Vietnã, Himalaias, Camboja, Tailândia e Indonésia. A maioria dos artefatos foi trazida para a França na segunda metade o século XIX, após a abertura dos portos chineses e dos outros países asiáticos para do Ocidente – alguns já sendo colônias da França e Inglaterra, como Camboja, Vietnã e Laos.



Esta região foi conhecida durante o período colonial (1887-1954) como Indochina Francesa, e além da exploração de matérias-primas da região, a França também se apropriou de artefatos históricos locais, durante saques e pilhagens de tropas coloniais nos territórios.

E, especificamente no caso da China, o enfraquecimento econômico causado após as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), em que o país asiático enfrentou Inglaterra e França, facilitou a compra e remoção de artefatos históricos e arqueológicos pelas potências ocidentais do território chinês, por meio de expedições militares e diplomáticas realizadas por países europeus, inclusive a França.



Em exemplo extremo, temos o Saque do Palácio de Verão, em 1860, onde o complexo palaciano imperial chinês foi invadido por tropas inglesas e francesas, em retaliação pela captura de negociantes britânicos. O ocorrido resultou em roubo e perda de relíquias culturais e obras de arte importantes, que foram levadas para a Europa e exibidas pela França como espólio na época. O autor Victor Hugo condenou o ocorrido, comparando como a destruição e desaparecimento de um modelo de sonho.

Como os artefatos históricos foram adquiridos por magnatas de seu século não está contado nas placas de identificação de cada peça ou na história dos museus em seus portais online. Entretanto, ao adentrarmos nestes espaços, tão repletos de obras, cerâmicas, têxteis, estátuas e joias, temos tanto um sentimento de admiração pela riqueza histórica, quanto um mal-estar em pensar o porquê destas obras estarem tão longe de casa – algumas porcelanas chinesas nem a China possui mais, mas estão em museus europeus. É um dilema aos visitantes.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/01/2026"



Por este motivo, constantemente se abre o debate sobre a devolução de peças arqueológicas por países europeus, inclusive a França, para o acervo nacional dos locais originais, com fala do atual presidente Emmanuel Macron. No caso das artes asiáticas, o país europeu se volta para a devolução de artefatos para o Museu Nacional do Camboja. E também há uma promessa de investimento milionário para rastrear a procedência de objetos do período colonial.



Como Victor Hugo esperamos o dia em que a França devolva essa pilhagem aos seus donos de verdade, para que a história e cultura asiáticas possam ser contadas e revividas em seus próprios museus, e não tão longe de casa.

ARTE

Expressão do Amor e do Desejo em Diversas Criações Artísticas

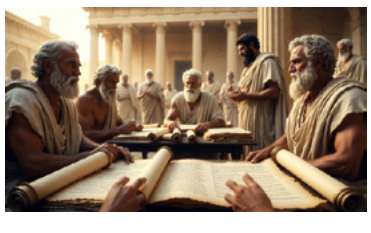
Como Grandes Mestres Traduziram os Sentimentos Mais Profundos da Humanidade



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Acredito que a maioria dos leitores(as) entende os sentimentos do amor e do desejo como temas universais e atemporais, como sentimentos nobres e lindos. Por isso, entendemos como os filósofos atenienses que todos nós carregamos o desejo por algo que não temos. E não há nada melhor do que o desejo de aprender o que ainda não se conhece. E a esse desejo também chamamos amor. Com as comédias românticas e os contos de fadas, aprendemos que a vida só faz sentido se acompanhada.

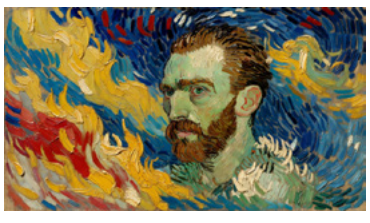


Como o amor e o desejo aparecem em diferentes obras de artes?

Os artistas usam uma gama de técnicas, simbolismos e narrativas para explorar as muitas facetas desses sentimentos, que vão desde o amor platônico até o amor romântico. Penso que o objetivo das obras voltadas para o amor e o desejo seja descortinar as nossas impressões.

Nas artes, o amor e o desejo aparecem como uma forma de os artistas revelarem seus sentimentos mais puros e profundos, ou seja: a arte como uma expressão da alma.

Conforme Van Gogh, o amor era visto como uma força poderosa e transformadora, essencial para a vida e a arte, descrevendo-o como uma chama que aquece, uma calma que traz paz, e algo que liberta o espírito. Ele reconhecia que o amor se manifestava de diferentes maneiras, sendo às vezes leve como uma brisa, outras vezes denso como a chuva.



Portanto, o objetivo desse artigo jornalístico é descortinar a construção do amor e do desejo em envolventes produções, onde ambos podem ser inebriantes, com um "amor em paixões" colorindo o nosso imaginário.

Manifestações artísticas.

"A arte não reproduz o que vemos. Ela faz-nos ver." — Paul Klee

O amor pode se manifestar por meio da capacidade de sentir a vida, de sonhar, de apreciar a arte, a música, o silêncio, a natureza, pois ele nos coloca em contato com o que existe de melhor na essência humana. A manifestação do desejo, frequentemente associada a conceitos como a "Lei da Atração", é um processo que envolve o uso da mente, dos pensamentos e das emoções para atrair os resultados desejados na realidade.

Assim, destacamos artistas que conseguiram traduzir o amor e o desejo em obras de arte absolutamente perfeitas. As obras apresentam diversas linguagens, como na pintura, escultura, literatura, no cinema, utilizando-se de símbolos visuais, cores e formas que evocam paixão e conexão humana.

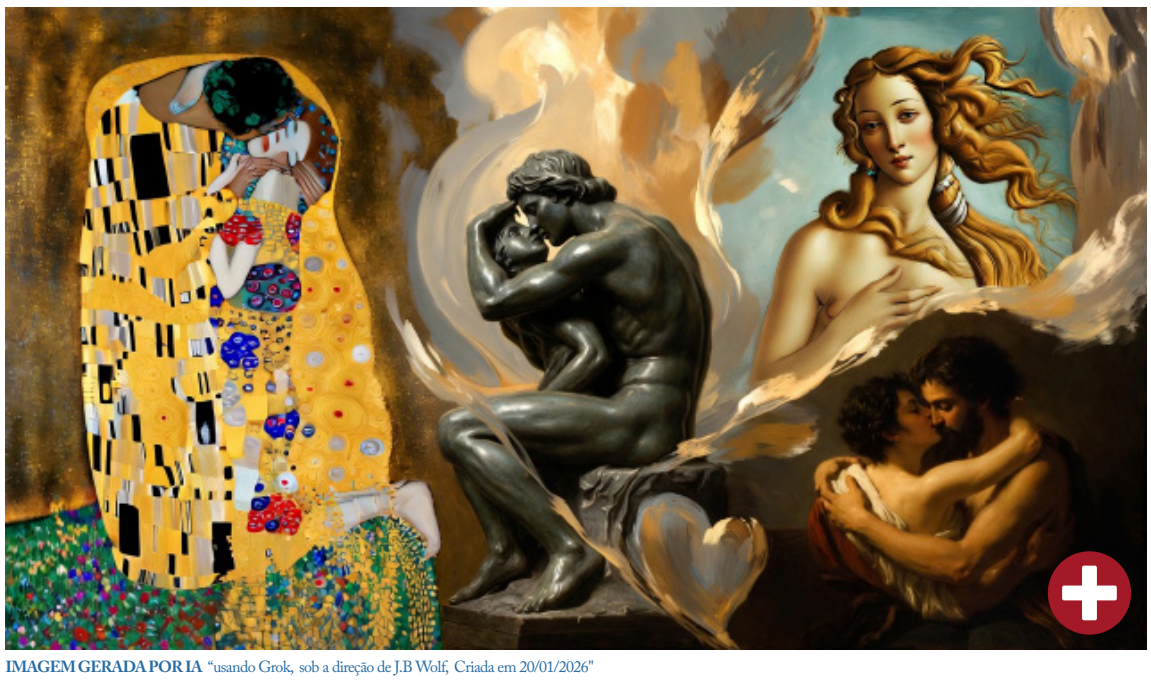


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/01/2026"

O beijo é uma das maiores expressões de amor que o ser humano conhece. Um casal, coberto pelo dourado manto do amor, define assim o sentimento no quadro O Beijo que Gustav Klimt pintou entre 1907 e 1908.



Rembrandt descreveu perfeitamente o amor de um pai por seu filho, pintando o quadro O retorno do filho pródigo. A cena evoca o momento em que um pai recebe de volta seu filho que estava perdido, segundo a Parábola do Filho Pródigo, contada por Jesus Cristo na Bíblia.

O Beijo do Hotel de Ville é talvez a mais famosa fotografia de um beijo que existe e uma das fotos mais vendidas de todos os tempos. Na cidade do amor, Paris, Robert Doisneau capturou a essência do amor: o tempo que parece parar quando se beija a pessoa amada.



O amor é cumplicidade, carinho e amizade nesta obra do americano John Singer Sargent, onde mãe e filha protagonizam a cena. A obra 'Srª Fiske Warren e sua filha Rachel' foi pintada em 1903.

Paixão, movimento e entrega total emanam de uma das mais famosas esculturas de Auguste Rodin, O beijo.

Tirar um cochilo com quem se ama também é amor. E o amor, como os cochilos, pode acontecer em qualquer lugar. Van Gogh pintou Siesta para provar isso mesmo.

Vênus, deusa do amor, nasceu assim, segundo Botticelli, em O nascimento de Vênus. Ao pintar o amor encarnado, o ideal de perfeição, ele traduz, talvez, a nossa esperança de que o amor seja perfeito?

O bom e belo da arteé que ela permite a expressão de sentimentos que são difíceis de verbalizar, oferecendo um meio para os artistas e o público explorarem a profundidade e a complexidade do amor e do desejo.

Por fim, mergulhei com leveza nesse apaixonante tema, sem a pretensão de o esgotar. Tecemos construtos como tecelãs que trançam diferentes fios, nos dois relevantes e profundos sentimentos "Amor" e "Desejo", inclusos no mundo das diversas linguagens artísticas.

O Pincel Fantasma:

A Inteligência Artificial está Redefinindo o Conceito de Autoria na Arte?

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Nos corredores silenciosos da história da arte, a figura do autor sempre foi um pilar. A mão que guia o pincel, o olho que compõe a cena, a mente que concebe a forma. Essa certeza, no entanto, começa a se dissolver diante de telas que brilham com uma luz nova e desconcertante, a luz dos algoritmos.

Obras de complexidade e beleza estonteantes, que evocam estilos de mestres mortos ou criam paisagens oníricas nunca antes imaginadas, surgem a partir de algumas linhas de texto digitadas em um computador. A ascensão da inteligência artificial generativa no campo das artes visuais e da literatura não é apenas uma nova revolução tecnológica, como foi a fotografia ou a arte digital. É uma crise de identidade filosófica que nos obriga a perguntar: quando uma máquina cria, quem é o verdadeiro artista?

A resposta a essa pergunta reverbera por ateliês, galerias, escritórios de advocacia e casas de leilão, redesenhando as fronteiras do que entendemos por criatividade, originalidade e valor.

Colaboração ou Substituição: A Nova Fronteira Criativa

Para uma parcela crescente de artistas, a inteligência artificial não representa uma ameaça, mas sim a mais nova e poderosa ferramenta em seu arsenal criativo. Eles a utilizam como um parceiro de experimentação, um assistente incansável capaz de gerar centenas de variações de uma ideia em minutos, algo que levaria meses de trabalho manual. Nesse modelo, o artista atua como um curador ou diretor, guiando o sistema com comandos de texto, os chamados prompts, refinando os resultados e combinando elementos para alcançar sua visão. A IA funciona como um expansor de possibilidades, um catalisador que permite explorar territórios estéticos antes inacessíveis. A questão que se impõe, no entanto, é a da agência. Se o artista apenas descreve o que deseja e a máquina executa a totalidade da composição, da pincelada e da paleta de cores, onde reside o ato criativo? A discussão se move do domínio técnico para o conceitual.

A arte estaria na ideia inicial, na capacidade de formular o comando perfeito, ou na execução final, que aqui é totalmente automatizada? Artistas que defendem essa colaboração argumentam que o processo não é diferente de um diretor de cinema que coordena uma equipe ou de um arquiteto que projeta, mas não assenta os tijolos. Outros, mais céticos, veem um perigoso caminho para a terceirização da própria alma da arte: a habilidade, a prática e a marca intransferível do toque humano.

A Crise da Originalidade e o Dilema da Propriedade Intelectual

A questão da autoria se torna ainda mais espinhosa quando adentramos os campos da filosofia e do direito. Tradicionalmente, uma obra é considerada original por ser um reflexo da expressão única de seu criador. A inteligência artificial, contudo, não cria a partir do vácuo. Ela é treinada com vastos bancos de dados contendo milhões de imagens e textos produzidos por seres humanos ao longo de séculos. Sua "criatividade" é, em essência, uma complexa recombinação de padrões que ela aprendeu a partir de obras preexistentes. Isso levanta uma dúvida fundamental: uma obra gerada por IA pode, de fato, ser original? Críticos argumentam que se trata de um pastiche sofisticado, uma colagem algorítmica desprovida de intenção ou experiência vivida, elementos considerados essenciais para a arte genuína. Legalmente, o cenário é um caos.

As leis de propriedade intelectual, em sua maioria, foram redigidas sob o pressuposto de um autor humano. Nos Estados Unidos, por exemplo, o escritório de direitos autorais tem negado registros para obras totalmente geradas por IA, alegando a falta de autoria humana. Isso cria um limbo jurídico. Quem detém os direitos de uma imagem criada por um algoritmo? O programador que desenvolveu a IA, a empresa dona do software, o usuário que escreveu o comando ou, como alguns argumentam, ninguém, tornando a obra de domínio público? A situação se agrava com a capacidade dos algoritmos de imitar o estilo de artistas específicos, levantando debates acalorados sobre plágio e a proteção do legado estilístico de um criador contra a apropriação maquínica.

O Veredito do Mercado: Entre a Curiosidade e a Desconfiança

Enquanto filósofos e advogados debatem, o mercado de arte reage com uma mistura de fascínio e ceticismo. Em 2018, a casa de leilões Christie's vendeu a obra "Retrato de Edmond de Belamy", gerada por um algoritmo, por surpreendentes 432.500 dólares, sinalizando um interesse inicial do circuito comercial. Desde então, galerias e feiras de arte começaram a exibir e vender peças criadas com IA, atraindo um novo perfil de colecionador, muitas vezes vindo do setor de tecnologia.

A valorização dessas obras, no entanto, ainda é volátil e baseada mais na novidade e na narrativa por trás da criação do que em critérios estéticos consolidados. Curadores e galeristas se veem diante de um novo desafio: como avaliar e precificar uma arte que pode ser gerada em abundância e cuja autoria é ambígua?

O valor está na qualidade da imagem final, na complexidade do comando que a gerou ou na reputação do humano que o escreveu? A desconfiança persiste entre colecionadores mais tradicionais, que ainda valorizam a raridade, a habilidade manual e a conexão direta com a mão do artista. O mercado parece se dividir. De um lado, uma bolha especulativa impulsionada pela curiosidade tecnológica. De outro, uma resistência que reafirma os valores humanistas da arte.

O futuro desse segmento dependerá da capacidade de artistas e curadores de estabelecerem critérios claros que justifiquem o valor artístico e comercial dessas novas criações, para além do simples fato de terem sido feitas por um pincel fantasma.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/01/2026"

LITERATURA

LINHAS CRUZADAS:
Ele Já Tinha Comprado a Xícara - Parte I



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Jornalista, Comendadora e Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras da Humanidade, Professora de Português e Literatura, Palestrante Internacional e Pesquisadora em Educação e Tecnologias Educacionais e MBA em Saúde Mental no Trabalho
@prof.alineabreu



IMAGEM GERADA POR IA "usando Manu ia, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 12/10/2026"

Na quarta noite, Caio afastou a mesa da parede.

Foi necessário recolher os cabos do computador, empurrar o varal para perto da janela e descobrir outro lugar para a caixa que guardava os documentos do imposto de renda. Depois de algumas tentativas, conseguiu acomodar duas cadeiras frente a frente. Sentou-se numa delas para testar a distância. Os joelhos quase tocavam o assento vazio.

O apartamento tinha vinte e nove metros quadrados. No anúncio da imobiliária, chamava-se estúdio e oferecia uma experiência de moradia integrada. Na prática, significava que o cheiro da cebola permanecia no travesseiro e que ele podia ouvir a geladeira durante as reuniões de trabalho. Havia uma janela voltada para os fundos de outro edifício, de onde recebia conversas incompletas, o ruído de uma máquina de lavar e, algumas vezes, o aroma de um almoço que ninguém o convidaria a comer.

Até aquela semana, o espaço lhe pareceu suficiente.

Agora, olhava para o intervalo entre as duas cadeiras e calculava se uma pessoa poderia se levantar sem obrigar a outra a sair do lugar.

Clara não sabia dessa reforma.

Também não sabia que havia uma xícara nova no armário, uma toalha limpa pendurada no banheiro e um pequeno vaso de manjericão no parapeito. Comentou, na noite anterior, que gostava do cheiro das folhas quando alguém passava a mão por elas. Caio guardou a informação com a atenção que nunca dedicava às instruções dos eletrodomésticos.

Tinham se conhecido havia quatro dias.

***

Antes de Clara, suas noites em São Paulo eram compridas, embora quase nunca contivessem acontecimentos.

Morava em Santa Cecília, num prédio cuja portaria conservava um revestimento marrom de outra época e um elevador que hesitava entre os andares antes de abrir a porta. Pela manhã, descia para comprar pão e atravessava o movimento do bairro ainda meio adormecido: o comerciante levantando a grade, a mulher que conduzia três cachorros e era conduzida pelo quarto, os ônibus soltando passageiros perto do metrô, um homem equilibrando caixas sobre um carrinho de rodas pequenas demais para aquelas calçadas.

Conhecia tudo de vista.

Sabia qual banca recebia sol primeiro, qual árvore levantou uma placa do passeio, em que janela um gato cinzento aparecia depois das nove. Reconhecia um senhor que comprava flores e uma moça que sempre corria com o cadarço desamarrado. Se algum deles deixava de aparecer, sentia uma inquietação discreta, quase doméstica.

Ninguém sabia seu nome.

Caio trabalhava de casa, escrevendo mensagens para empresas que desejavam parecer próximas de seus clientes. Passava horas escolhendo a melhor maneira de dizer que uma promoção estava acabando ou que um aplicativo sentia falta de alguém.

- "Faz tempo que não nos vemos."
- "Tem uma surpresa esperando por você."
- "Você é importante para nós."

Reescrevia essas frases até que soassem espontâneas. Às vezes, o cliente pedia mais afeto. Outras vezes, menos intimidade, mas sem perder o acolhimento. Havia reuniões inteiras sobre a temperatura emocional de uma notificação.

Ao final do expediente, Caio podia ter produzido dezenas de manifestações de saudade sem que ninguém lhe perguntasse como havia passado o dia.

Não era um homem sem vínculos. Tinha a mãe em Bauru, dois amigos com quem trocava mensagens sobre encontros que nunca eram marcados e colegas que conhecia da cintura para cima, dentro dos retângulos das chamadas de vídeo. O problema era outro: quase toda a sua vida acontecia mediante agendamento, senha ou assunto definido. Faltava-lhe alguém para quem pudesse dizer uma coisa inútil no momento em que ela lhe ocorresse.

À noite, saía para caminhar.

A Avenida São João lhe oferecia o barulho que faltava ao apartamento. Passava por fachadas antigas, farmácias iluminadas e bares onde a televisão falava acima das conversas. Sob o elevado, o concreto retinha uma penumbra própria, mesmo quando ainda havia claridade no céu. Mais adiante, os prédios se abriam para outras perspectivas, e ele continuava andando, como se uma mudança de calçada pudesse modificar alguma coisa que carregava por dentro.

Gostava de imaginar as vidas acesas nas janelas.

Naquela cozinha, alguém estaria preparando jantar para duas pessoas. Na sala de cortina amarela, um casal talvez discutisse o filme que veria. Atrás de uma varanda estreita, haveria alguém esperando o barulho de uma chave.

Caio construía intimidades inteiras a partir de luminárias.

Tinha consciência do exagero. Nem por isso deixava de fazê-lo.

***

Na primeira noite, a chuva o empurrou para uma padaria perto da Consolação.

Não era uma chuva grandiosa. Era aquela água insistente que parecia suspensa entre os prédios, insuficiente para lavar a cidade e perfeitamente capaz de encharcar uma camisa. Os pneus espalhavam uma névoa suja junto ao meio-fio. Na entrada, guarda-chuvas escorriam sobre um pedaço de papelão que já não absorvia nada.

Dentro, havia cheiro de chapa quente, café e roupa molhada. Um funcionário recolhia pratos com restos de manteiga; outro discutia com a máquina de cartões. Atrás do vidro, os salgados permaneciam dispostos com uma dignidade que o fim do dia já não permitia aos clientes.

Caio escolheu uma mesa pequena quando ouviu:

- "Tem alguém aqui?"

A mulher apontava para a cadeira ocupada por sua mochila. Ele levou um instante para compreender que era possível retirar a mochila e colocar uma pessoa no lugar. Clara sentou-se com um suspiro. Tinha os cabelos presos de qualquer maneira, um casaco escurecido nos ombros pela chuva e uma sacola de tecido da qual saía a manga de uma roupa vermelha. Um fio estava grudado perto de seu queixo. Ela só percebeu quando Caio indicou o próprio rosto, sem encontrar uma forma menos estranha de avisar.

- "Passei o dia costurando", explicou, retirando o fio. "A essa altura, devo estar deixando rastro."

Trabalhava com figurinos, fazia ajustes, acompanhava montagens, resolvia emergências que começavam com alguém dizendo que seria uma alteração muito simples. Naquela semana, ajudava numa produção perto da Praça Roosevelt. O vestido na sacola precisava perder alguns centímetros, uma manga e a convicção de que fora feito para outro corpo.

Caio riu.

Não se lembrava da última vez em que rira sem desligar o microfone depois. Quando contou em que trabalhava, Clara apoiou os cotovelos na mesa.

- "Então é você que sente saudade de mim quando eu paro de pedir comida?"

- "Às vezes."
- "E quando uma loja diz que separou uma coisa pensando especialmente em mim?"
- "Pode ser também."

Ela fez uma expressão de desapontamento teatral.

- "Eu desconfiava que meu relacionamento com aquele aplicativo estava intenso demais."

Conversaram enquanto a chuva engrossava. Clara retirou o casaco, dobrou as mangas da blusa e pediu outro café. Caio percebeu uma pequena cicatriz perto do polegar dela, uma mancha de tinta na alça da sacola, a maneira como franzia o nariz antes de rir. Não eram sinais de destino. Eram apenas coisas que ele tinha tempo de observar.

Mas fazia muito que ninguém permanecia diante dele tempo suficiente para ganhar detalhes. Clara nasceu em São Paulo, cresceu no Belenzinho e agora dividia um apartamento na Bela Vista com uma prima. Caio contou que estava na cidade havia seis anos. Ela perguntou se gostava dali.

Ele respondeu que sim.

- "Mas?"

Não havia dito "mas" algum. Mesmo assim, ela o ouvira.

Caio olhou para o vidro, onde a rua aparecia borrada pelos faróis.

- "Às vezes, tenho a impressão de que moro aqui, mas ainda não cheguei."

Clara ficou quieta. Depois passou o dedo pela borda da xícara.

- "Tem dia em que eu também."

Foi essa pausa, mais do que qualquer frase bonita, que ele levou para casa.

***

Trocaram números porque Clara prometeu enviar a fotografia do vestido depois do conserto. A primeira mensagem chegou quando Caio estava tirando os tênis. Era uma imagem ruim, feita sob luz de serviço. O vestido pendia de um cabide, cercado por caixas, ferramentas e um ventilador. A legenda dizia:

- "Sobreviveu. Eu também."

Ele respondeu depressa demais, apagou uma palavra, reescreveu a frase e se irritou consigo mesmo por tratar uma conversa simples como um texto a ser aprovado. Pouco depois, ela enviou um áudio. Havia barulho de trânsito ao fundo. Clara reclamava de uma poça na calçada, interrompia o assunto para cumprimentar alguém e, ao final, perguntava se ele chegou bem. Caio ouviu o áudio duas vezes. Na segunda, prestou menos atenção às palavras do que à existência de uma voz atravessando seu quarto. O apartamento continuava com os mesmos móveis, a mesma lâmpada branca e a roupa úmida no varal. No entanto, a pergunta dela mudou a noite. Alguém, em outra parte daquela cidade imensa, precisava saber que ele havia chegado.

Respondeu que sim. Depois ficou olhando para a tela, embora não houvesse mais nada a responder.

Continua...

PUBLIQUE SEU LIVRO



LITERATURA

A Mudança na Literatura Infantil

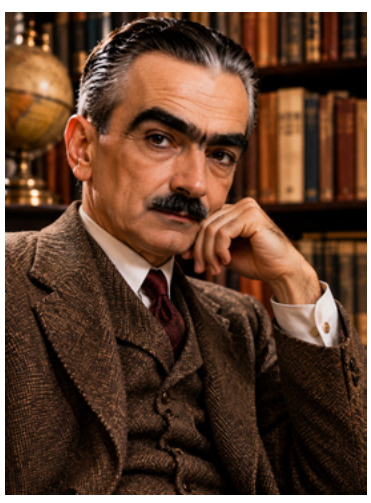
As transformações da literatura infantil brasileira e o papel da leitura na formação de leitores críticos.



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz



A literatura infantil brasileira não nasceu exatamente com Monteiro Lobato, mas foi com ele que adquiriu uma identidade nova e decisiva. Antes de sua obra, as crianças brasileiras já tinham acesso a livros, histórias e contos, mas grande parte desse repertório vinha de traduções, adaptações de clássicos europeus ou textos produzidos com finalidade predominantemente pedagógica e moralizante. Eram histórias que frequentemente pretendiam ensinar bons comportamentos, transmitir ensinamentos religiosos ou formar hábitos considerados adequados. A criança aparecia, muitas vezes, menos como leitora e mais como alguém que precisava ser educado por meio da leitura.

Monteiro Lobato modificou profundamente essa relação. Com A menina do narizinho arrebitado, publicado em 1920, e posteriormente com o universo do Sítio do Picapau Amarelo, o escritor criou uma literatura que reconhecia na criança um leitor capaz de imaginar, questionar, rir, discordar e pensar. Ao invés de transformar a história em uma simples aula de moral, Lobato construiu um mundo em que a fantasia podia conviver com a crítica, o humor, a aventura e a curiosidade intelectual. Seus personagens tinham personalidade, contradições, desejos e conflitos.

Entendemos hoje que uma narrativa destinada à criança não precisa ser simplificada até perder sua complexidade. Tampouco precisa esconder do pequeno leitor os aspectos difíceis da existência humana. Crianças podem encontrar nos livros as tantas questões humanas, como o medo, a inveja, a perda, a coragem, a mentira, a ambição, a solidariedade e a reparação. É justamente ao experimentar esses conflitos por meio da ficção que as crianças começam a compreender a complexidade das escolhas humanas.

Isso não significa que a literatura infantil deva ser indiferente à formação moral. Toda literatura, de alguma maneira, participa da formação de quem lê. A questão está em compreender a diferença entre formar e doutrinar. Formar significa oferecer experiências que ampliem a capacidade de pensar, sentir e julgar. Doutrinar significa apresentar uma conclusão previamente determinada e conduzir o leitor até ela.

Os contos clássicos dos Irmãos Grimm ajudam a perceber essa diferença. Histórias como "João e Maria", "Chapeuzinho Vermelho" e "Cinderela" apresentam abandono, perigo, crueldade, injustiça, sofrimento e transformação. Não foram concebidas para proteger a criança da experiência emocional difícil, mas para a experimentar simbolicamente, conforme provam análises como a de Bruno Bettlheim.

Meu filho tem oito anos e já lemos juntos todos os contos dos Irmãos Grimm. Atualmente, estamos percorrendo a coleção infantil de Monteiro Lobato. E faço questão de ler os textos como foram escritos. Essa escolha permite conhecer preconceitos, valores e conceitos que construíram nossa sociedade. Quando leio para meu filho, por exemplo, as descrições de Tia Nastácia, por exemplo, não preciso apagar o que hoje reconhecemos como preconceituoso para preservar a obra. Posso mostrar que determinadas representações fizeram parte da sociedade brasileira e que, durante muito tempo, foram naturalizadas. Hoje somos capazes de nomeá-las, questioná-las e combatê-las. Essa consciência não nasce da eliminação do passado, mas da capacidade de conhecê-lo criticamente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/10/2026"



Há uma diferença importante entre contextualizar uma obra e censurá-la. Contextualizar é oferecer ao leitor instrumentos para compreender aquilo que está lendo. É explicar por que determinada palavra existia, o que determinada representação significava naquele período e por que hoje ela pode ser considerada ofensiva ou preconceituosa. Censurar é retirar do leitor a possibilidade de entrar em contato com o próprio problema histórico.

Nesse sentido, é curioso que justamente quando mais se fala em formar leitores críticos exista também a tentação de controlar excessivamente aquilo que eles podem ler e as interpretações que devem fazer. Uma criança não se torna crítica porque recebe somente livros que apresentam posições consideradas corretas pelos adultos. A criticidade nasce das diferentes vozes. Ao perceber contradições, surgem as perguntas e estranhamentos indispensáveis à construção de seus próprios julgamentos.

É incrível ver como uma criança com acesso à tecnologia permanece encantada pela boa narrativa que também perpassou minha própria infância. Essa questão ganha ainda mais importância em uma época marcada pela velocidade, pelas telas e pelas respostas imediatas. A literatura exige tempo. Ler uma história em voz alta para uma criança significa permitir que ela permaneça diante de uma narrativa sem a obrigação de chegar imediatamente a uma conclusão. Nesso cotexto, o livro cria um espaço de atenção, imaginação, vínculo e conversa.

O clássico, portanto, não é simplesmente aquilo que pertence ao passado. É o que consegue continuar provocando perguntas no presente. É por isso que ainda podemos ler os Grimm, Andersen, Lobato e tantos outros autores. Em acréscimo, a literatura infantil contemporânea tem, evidentemente, muito a oferecer…



Sendo assim, penso que a literatura deva servir para desenvolver empatia e ampliar horizontes. Para tanto, as crianças precisam encontrar livros que apresentem diferentes culturas, experiências, famílias e modos de existência como possibilidades, a fim de que não cresçam ainda mais adultos intolerantes e condicionados à tão perversa interpretação única da vida.



LITERATURA

O drama em Shakespeare e a natureza humana



Por Rute Ella Dominici
COLUNISTA

Escritora, acadêmica e pensadora com atuação internacional. Apresenta análises sobre literatura, arte, cultura e sociedade, conectando tradição e contemporaneidade. Seu trabalho oferece leitura crítica e ampliação de perspectivas para interpretação dos debates atuais.
@ ruteelladominici



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/10/2026"

"A consciência como fio condutor da leitura: consciência do poder exercido, das decisões que afetam outras pessoas e das consequências que permanecem depois de um ato."



Shakespeare não precisou conhecer nosso século para compreender aquilo que ainda nos inquieta. Bastou-lhe observar o homem diante do desejo, do poder, da vaidade, do medo, do amor e da vingança. Suas tragédias atravessaram o tempo porque não envelheceram em sua matéria essencial: o homem continua capaz de construir grandezas e, ao mesmo tempo, sucumbir ao que existe de mais sombrio em si mesmo.

É nesse ponto que Hamlet e Macbeth se encontram. Um nasce da ferida; outro, da ambição. Hamlet vê a corrupção ao redor, desconfia, investiga, sofre e transforma a necessidade de justiça em vingança. Macbeth recebe a possibilidade do poder e decide buscá-lo antes que lhe seja legitimamente entregue. Um pensa até quase perder a ação; o outro age até perder a consciência.

"Ser ou não ser, eis a questão."

A frase que atravessa a literatura como pergunta sobre a existência pode hoje adquirir outra dimensão: ser ou não ser consciente. Ter consciência do poder que se exerce, da palavra que se profere, das decisões que atingem uma coletividade e das instituições que se representa.

É aqui que Shakespeare deixa de ser apenas literatura e começa a nos incomodar.

O Macbethiano do nosso tempo não precisa de uma coroa. Ele surge quando uma posição de responsabilidade passa a alimentar o próprio ego, quando a ambição encontra justificativas para ultrapassar limites e quando o poder deixa de ser compreendido como responsabilidade para tornar-se finalidade.

Macbeth desejava o poder e, uma vez alcançado, descobriu que precisava protegê-lo. A ambição, quando perde o limite moral, exige permanência, controle e submissão. O primeiro gesto de transgressão pede outro; a primeira concessão ética abre espaço para a seguinte.

"O que está feito não pode ser desfeito."

A frase de Lady Macbeth contém uma das intuições mais perturbadoras da tragédia: há decisões que não terminam quando são tomadas. Permanecem na consciência, na história e na vida daqueles que sofrerão seus efeitos.

Quando a autoridade passa a alimentar narcisismo, ressentimento, vaidade ou desejo de domínio, a função pública começa a ser contaminada pela pessoa que deveria apenas exercê-la.

Shakespeare não escreveu vilões de papelão. Escreveu homens que se transformam enquanto escolhem. Macbeth não começa como o monstro que encontramos ao final. É a sequência de concessões à própria ambição que o transforma. O perigo não está apenas em desejar o poder, mas em já não aceitar limites para conservá-lo.

Hamlet oferece o contraponto doloroso. Sua consciência percebe o absurdo, mas a vingança progressivamente ocupa o espaço da lucidez. Ao combater aquilo que considera corrupção, também se deixa deformar por ela. **Até que ponto o homem pode combater o mal sem permitir que o mal habite seus próprios gestos?**

A pergunta atravessa sociedades nas quais a indignação pode transformar-se em ódio, a justiça em punição e a divergência em inimizade. Quando deixamos de reconhecer humanidade naquele que pensa diferente, abrimos espaço para justificar sua desumanização.

Ofélia surge nessa paisagem como expressão de outra violência: aquela que recai sobre quem possui menos poder para reagir. Sua fragilidade não é apenas individual; está cercada por decisões que atravessam seu destino. Lady Macbeth procura entrar na lógica do poder e participa de sua violência. Julieta tenta afirmar o direito de escolher o próprio amor contra uma ordem familiar fundada no conflito.

Três mulheres, três respostas, três tragédias. O subjugo feminino muda de forma, mas não desaparece. Ainda existem mulheres submetidas ao controle, à violência psicológica, à desqualificação, ao silenciamento e à obrigação de suportar estruturas que lhes negam autonomia.

Em Romeu e Julieta, o conflito dos adultos transforma-se em destino para os jovens. O ódio herdado produz mortes que ninguém consegue interromper a tempo. O amor chega tarde demais para reparar aquilo que a intolerância destruiu. Shakespeare revela, assim, que algumas tragédias nascem menos de uma intenção isolada do que da incapacidade coletiva de interromper a violência.

As três tragédias não precisam ser recontadas. Basta escutá-las.

Macbeth nos pergunta o que o poder pode fazer com o homem. Hamlet, o que a vingança pode fazer com a consciência. Romeu e Julieta, o que a intolerância pode fazer com o amor.

E todas parecem nos devolver à mesma pergunta: ser ou não ser consciente.

Consciente diante da tentação, da autoridade, da ambição e da vingança. Consciente quando o ego pede mais espaço do que a responsabilidade permite. Consciente quando aquilo que chamamos de mérito começa a esconder uma vontade de domínio.

Talvez a grande atualidade de Shakespeare esteja justamente aí. Ele não precisou imaginar nossas instituições, nossos sistemas políticos ou a complexidade das democracias contemporâneas. Bastou-lhe conhecer a natureza humana.

O Macbethiano do dia não precisa parecer um tirano. O que o revela é o momento em que já não distingue poder de domínio, convicção de vaidade, justiça de vingança, consciência de autoengano.

"A vida é apenas uma sombra ambulante."

Shakespeare permanece porque conhece essas fronteiras e nos obriga a reconhecê-las em nós mesmos. Seu teatro continua vivo não porque repete o passado, mas porque ilumina aquilo que ainda somos.

Eis a questão que permanece diante de nós: ser ou não ser consciente.

PUBLIQUE SEU LIVRO



LITERATURA

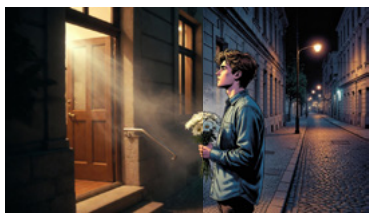
Café Passagem - Cap. 11: Escrevendo Juntos

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR

Recapitulação

Capítulo 10: Primeira Saída



Daniel busca Luísa com margaridas brancas, escolhidas por impulso, não por visão. Eles jantam na Livraria Babel, um café literário que Daniel frequenta desde adolescente. Durante a conversa, Daniel revela sua conversa com Miguel e sua nova compreensão de que o dom era uma escolha, uma forma de fugir do presente. Ambos admitem que passaram a vida evitando o presente, ele através das visões, ela através da solidão e do trabalho. Após o jantar, caminham sem destino pelas ruas históricas, explorando a cidade e as possibilidades de quem podem ser juntos. O capítulo termina com um beijo na praça e Luísa convidando Daniel para subir ao apartamento, ambos finalmente vivendo plenamente o presente.



O Café Passagem
Capítulo 11: Escrevendo Juntos

O apartamento de Luísa parecia diferente à luz suave das luminárias noturnas. Daniel observou os detalhes que havia notado rapidamente antes: as fotografias de viagens em molduras simples, a manta de crochê sobre o sofá, o cheiro sutil de lavanda que impregnava o ambiente.

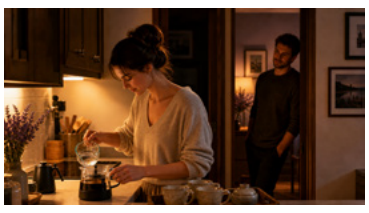
— Café mesmo ou era só uma desculpa? — Luísa perguntou, tirando os sapatos e se dirigindo à cozinha.

— Um pouco dos dois — Daniel admitiu, seguindo-a.

Enquanto ela preparava o café, ele observou seus movimentos — a forma precisa como media a água, como organizava as xícaras na bandeja. Havia algo hipnótico na domesticidade do momento.

— Daniel? — Luísa se virou e o encontrou olhando-a intensamente. — No que está pensando?

— Em como é estranho estar aqui. Durante três anos, imaginei este apartamento, esta cozinha, você fazendo café. Mas a realidade é... diferente.



— Melhor ou pior?

— Mais real. Mais... presente.

Eles se sentaram no sofá da sala, as xícaras fumegantes entre eles. Luísa havia acendido apenas uma luminária, criando uma atmosfera íntima e acolhedora.

— Posso te mostrar uma coisa? — ela perguntou.

— Claro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

Luísa se levantou e foi até a estante, de onde tirou um caderno de capa vermelha.

— Comecei a escrever depois que nos conhecemos — disse, sentando-se mais perto dele. — Não sobre o futuro, como você fazia. Sobre o presente.

Daniel pegou o caderno com cuidado, como se fosse algo precioso.

— Posso ler?

— É para isso que estou mostrando.

Ele abriu na primeira página e leu em voz alta:



"Domingo, 15 de março. Conheci um homem hoje que diz escrever sobre o futuro. Mas o que mais me impressiona não são suas visões impossíveis, e sim a forma como ele olha para mim — como se estivesse vendo algo que eu mesma não sei que existe."

Daniel ergueu os olhos para ela.

— Você escreve bem.

— Continue lendo.

"Segunda-feira, 16 de março. Passei o dia inteiro pensando nele. Não nas coisas estranhas que disse, mas na vulnerabilidade que vi em seus olhos quando admitiu que não sabia como explicar o que acontecia com ele. Há algo profundamente humano em alguém que carrega um mistério que nem ele mesmo compreende."

— Luísa...

— Há mais.

Daniel continuou folheando. Cada entrada documentava não eventos extraordinários, mas momentos pequenos e íntimos: a forma como ele mexia o café, o jeito como seus olhos se iluminavam quando falava sobre livros, como sua voz mudava quando estava nervoso.

— Por que começou a escrever? — ele perguntou.

— Porque você me inspirou. Não o dom, mas a ideia de documentar algo importante. E percebi que nossa história, mesmo sem magia, valia a pena ser registrada.

Daniel fechou o caderno e olhou para ela.

— Tenho uma ideia.

— Qual?

— E se escrevêssemos juntos? Não sobre o futuro, mas sobre agora. Sobre este momento, esta noite, o que estamos construindo.

Luísa sorriu.

— Como seria?

— Você escreve sobre mim, eu escrevo sobre você. Mas no presente, sobre o que estamos vivendo agora.

— Uma espécie de diário compartilhado?

— Exatamente.

Luísa foi buscar outro caderno — este de capa azul — e duas canetas. Sentaram-se no chão da sala, usando a mesa de centro como apoio.

— Como fazemos? — ela perguntou.

— Escrevemos ao mesmo tempo. Cinco minutos sobre este momento, sobre o que estamos sentindo agora.

— E depois?

— Depois lemos um para o outro.

Eles se posicionaram em lados opostos da mesa, cada um com seu caderno. Daniel olhou para o relógio.

— Prontos? Começamos... agora.

Por cinco minutos, o apartamento ficou em silêncio, exceto pelo som das canetas deslizando sobre o papel. Ocasionalmente, um deles erguia os olhos para observar o outro escrevendo, sorria, e voltava ao texto.

Quando o tempo terminou, eles trocaram os cadernos.

Daniel leu o texto de Luísa primeiro:

"Estou sentada no chão da minha sala, observando um homem que até uma semana atrás era um estranho, e agora parece ser a pessoa mais importante da minha vida. Há algo surreal em como rapidamente duas vidas podem se entrelaçar. Ele está concentrado, a testa ligeiramente franzida, e posso ver que está escolhendo cada palavra com cuidado. Não sei o que está escrevendo sobre mim, mas espero que seja gentil. Espero que veja em mim pelo menos metade da beleza que vejo nele neste momento."

— Luísa... — Daniel começou, mas ela fez um gesto para que esperasse.

Luísa leu o texto dele:

"Ela morde levemente o lábio quando está concentrada, como faz agora. Há uma graça em seus movimentos que me faz entender por que passei três anos sonhando com este momento. Mas a realidade supera qualquer visão: o som de sua respiração, o cheiro de lavanda em seus cabelos, a forma como a luz da luminária cria sombras suaves em seu rosto. Estou escrevendo sobre o presente pela primeira vez em quinze anos, e descobrindo que é infinitamente mais rico que qualquer futuro que já imaginei."

Quando terminaram de ler, ficaram se olhando em silêncio.

— É estranho — Luísa disse finalmente.

— O quê?

— Ler como alguém me vê. É... íntimo de uma forma que não esperava.

— Quer parar?

— Não. Quero continuar. Mas talvez... — ela hesitou — talvez possamos escrever sobre outras coisas também. Sobre nossos medos, nossos sonhos, o que esperamos desta... seja lá o que isto for.

Daniel se aproximou dela no chão.

— Luísa, posso te dizer uma coisa?

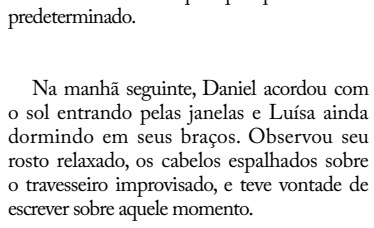
— Claro.

— Pela primeira vez em quinze anos, não tenho medo do futuro. Não porque sei o que vai acontecer, mas porque sei que, aconteça o que acontecer, quero que você esteja lá.

— Mesmo que eu não seja perfeita? Mesmo que decepcione você?

— Especialmente então. Porque perfeição é previsível, e eu cansei de previsibilidade.

Luísa se inclinou e o beijou suavemente.



— Então vamos fazer um pacto — ela sussurrou contra seus lábios.

— Que tipo de pacto?

— Vamos escrever nossa história juntos. Uma página de cada vez, sem saber como vai terminar.

— E se der errado?

— Então pelo menos teremos documentado algo bonito enquanto durou.

Daniel sorriu e a puxou para mais perto.

— Aceito o pacto.

Eles passaram o resto da noite escrevendo — às vezes sobre o momento presente, às vezes sobre memórias, às vezes sobre sonhos para o futuro. Quando o sono finalmente chegou, estavam deitados no sofá, os cadernos abertos sobre a mesa de centro, as mãos entrelaçadas.



Pela primeira vez em suas vidas, ambos adormeceram sem medo do que o amanhã traria. Porque sabiam que, qualquer que fosse o futuro, eles o escreveriam juntos.

E isso, descobriram, era muito mais emocionante que qualquer destino predeterminado.

Na manhã seguinte, Daniel acordou com o sol entrando pelas janelas e Luísa ainda dormindo em seus braços. Observou seu rosto relaxado, os cabelos espalhados sobre o travesseiro improvisado, e teve vontade de escrever sobre aquele momento.

Mas em vez disso, simplesmente ficou ali, vivendo-o.

Porque algumas coisas, percebeu, eram belas demais para serem documentadas. Eram para serem vividas, sentidas, guardadas na memória do coração.

E pela primeira vez em quinze anos, isso era mais que suficiente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/07/2026"

CULTURA

O Impacto das Redes Sociais Sobre a Cultura Jovem



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/10/2026"



O conceito de cultura é definido por Barthes, dentro da semiótica francesa, como "uma doce efusão retorica, a arte das palavras como testemunha de uma comoção passageira da alma" e situada fora dos engajamentos sociais e políticos, arena da ideologia. É irônico, considerando que a revolta popular faz parte da cultura francesa até os dias de hoje, envolvendo todo um comportamento e envolvimento da sociedade. Logo, precisamos de uma definição mais atualizada.

Na área da sociologia, a cultura se associa estreitamente ao estilo de vida, aos processos mediantes aos quais representamos nossa sociedade dentro do imaginário – o que se prova no que mais entendemos como cultura, de forma popular: nos museus, as mulheres argelinas de Delacroix em nada lembram as mulheres retratadas por Degas. Ambos representaram a sociedade, mas em outras épocas, com outro estilo de viver e conviver. Da mesma forma, a cultura hoje é representada de outra forma, pois a forma de viver muda. E, especialmente, a forma de interagir alterou drasticamente: podemos procurar as obras de Delacroix e Degas no Google, e descobri-las à nossa maneira.

Com as redes sociais e plataformas digitais, a forma de definir o conceito e analisar cultura precisou também mudar: ela não absolutiza mais sua perspectiva relativa, agora se abre um hiperespaço de possibilidades, desfazendo limites de aparência e criando links e conexões, em uma hiperculturalidade, como Byung-Chul Han define. Assim, pelo universo digital, se desnaturaliza a cultura e ela passa a ser algo baseado nas diferentes formas de vida que se modificam e ampliam, e também se conectam virtualmente.

A juventude, sempre pintada historicamente como pioneira, visionária e revolucionária, neste novo século, também sustenta em suas mãos sua habilidade única com a flexibilidade da tecnologia em constante evolução. Não se pintam quadros, mas manifestos virtuais que viralizam e se disseminam pelo Instagram e Tik-Tok. Os mecenas são os seguidores que fazem pequenas doações ou segundos de sua atenção; os críticos espalham suas réplicas em curtidas e comentários (quando tanto criam um novo conteúdo sobre sua reação).

Nesse espaço das redes sociais, bem como em qualquer outro dentro do ciberespaço, a hiperculturalidade criou um ambiente sem poder e hierarquia. O artista não é maior que a obra, ou a obra não se sobressai sem o artista, o crítico pode ser rechaçado pelos seguidores do ídolo. O espaço da arte, principalmente, passa a ser acessível, sendo que antes o poder econômico o restringia. A arte sobre a sociedade agora lhe é entregue para toma-la como quiser.

E ela o faz sem limites, econômicos e identitários. Nas redes, a juventude se conecta além de suas origens, mas por seus hábitos e discursos, o que cria um processo interessante de hibridismo, e uma condição de desinteriorização e deslocamento. Os jovens inovam criando culturas rizomáticas, que se formam por grupos sociais em um mesmo espaço virtual. E mesmo grupos culturais diferentes podem se juntar. Assim, se forma uma hipercultura baseada em essência.

E talvez por isso é o momento em que os participantes jovens mais se identificam e abrem as portas para as culturas asiáticas: pobres em interioridade e individualidade, são mais permeáveis e abertas (Han, 2019). Isso atrai, convida. Não há mais o que descobrir no Ocidente, e a tecnologia permitiu se conectar com a Ásia, geograficamente distante, mas agora tão perto e inédita que conquista quem está online – não à toa agora o K-Pop alcança o mundo e BTS se compara ao Michael Jackson, por exemplo. O novo sempre atiça a juventude.

As redes sociais foram a mudança que a juventude do século XXI precisava para sua revolução, mas, pelo brilho das telas e o êxtase da quantidade de novos conteúdos acessíveis, sem discriminação ou separação, o impacto é mais violento. Logo, a juventude se torna igualmente maleável demais, e perde o controle das ações necessárias em seu próprio mundo real, e da construção de uma cultura que represente sua vida fora do universo digital. Não é preciso regredir, mas sim materializar a hipercultura além das redes sociais. Viver o que se compartilha e impactar a sociedade.

"A disputa pela memória nas redes sociais"

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

As redes sociais são vitrines importantes da cultura contemporânea. Nelas circulam músicas, danças, festas, receitas, imagens e histórias locais. Publicações feitas por moradores podem alcançar públicos distantes em poucos minutos. Assim, tradições antes pouco conhecidas ganham visibilidade e novos interlocutores.

Vídeos, fotografias e relatos também registram práticas e saberes comunitários. Esses materiais aproximam gerações e ajudam comunidades migrantes a manter vínculos com suas origens. Porém, publicar algo não garante sua preservação.

Contas podem ser apagadas, serviços encerrados e conteúdos perder visibilidade. Algoritmos influenciam quais publicações alcançam mais pessoas. Com isso, manifestações menos comerciais podem ficar esquecidas.

A circulação rápida também pode retirar práticas de seus contextos. Uma dança tradicional vira tendência sem explicar sua história. Canções e símbolos podem circular sem crédito ou consentimento de seus criadores. A cultura ganha alcance, mas seus autores nem sempre recebem reconhecimento.

Sistemas de moderação interpretam mal referências locais e idiomas pouco representados. Publicações removidas eliminam registros da memória. Preservar memórias exige registrar autoria, origem e contexto, obter consentimento e manter cópias confiáveis. Usuários devem questionar créditos, plataformas explicar recomendações e comunidades participar das decisões. A memória digital disputa visibilidade, apagamento e distorção.

PUBLIQUE CONOSCO



Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião)
- **Ensaios:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CULTURA

Cora Coralina: Doces Tradições



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.
@beth_baltar

"Cora Coralina como a "doceira-poeta" que transformou a cozinha em espaço de expressão e sobrevivência."



Cada local tem suas peculiaridades, suas características regionais, tendências e tradições. Em Goiás, também conhecida por Cidade de Goiás ou Goiás Velho, não é diferente. Lugar histórico e turístico conhecido, também, pelos seus doces. O ofício de doceira, em Goiás, é uma tradição, uma arte, pois cada cozinheira guarda seus segredos que passam de geração para geração, o que torna cada receita única e especial.



Os goianos sabem aliar beleza e gastronomia, principalmente em relação aos doces, uma espécie de cartão de visitas do nosso povo. Essa tradição remonta aos tempos da colonização, quando a doçaria portuguesa encontrou os frutos exuberantes do cerrado. Doces de mamão, figo verde, manga, laranja-da-terra, limão galego e tantos outros, em barra, calda ou cristalizados, tornaram-se obrigatórios na cozinha goiana e os doces na Cidade de Goiás constituem-se em um Patrimônio Cultural Imaterial.

Nessa terra de ruas de pedras, casario colonial bem cuidado e colorido, uma ilustre senhora escrevia suas histórias com arte que afaga o coração. Entre poemas e doces, Goiás apresenta Cora Coralina (Cora em referência a coração e Coralina, da cor vermelha), pseudônimo escolhido pela goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas para assinar as suas obras. Considerada uma das principais escritoras brasileiras, tendo seu primeiro livro publicado em 1965, quando já tinha quase 76 anos. Mulher simples, doceira de profissão, viveu longe dos grandes centros urbanos, alheia a modismos literários, produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás.

Para Coralina, a fabricação dos doces, iniciada em 1964, proporcionou uma melhor condição financeira, permitindo-lhe dedicar-se, também, a escrever seus poemas. Dessa forma, o ofício de doceira confunde-se ao de escritora, tornando-se ora "doceira-poeta", ora "poeta-doceira", numa delicada combinação de doces e poemas. Nasce, então, essa combinação sensorial que agrada pela singularidade de sua obra e pela doçura das suas iguarias. As receitas, herança da família e, portanto, carregadas de valores, foram aperfeiçoadas de geração em geração. Os pratos típicos de uma região, são frutos de uma "cozinha emblemática" e expressam identidades cultural de um local.

A vida e a produção literária Cora Coralina se entrelaçam, com suas habilidades, ora como escritora ora como doceira, permeavam um misto sensorial de sentimentos, aromas, cores e sabores. A condição de doceira, historicamente atribuída ao gênero feminino, fez dos doces de Coralina uma forma de expressão e realização.

No trecho da poesia "Todas as Vidas", revela uma de suas marcas, a gastronomia. Mas os versos não contam qual o seu viés mais forte nesta arte que nasce de panelas e tachos:a de doceira.

"Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute benfeito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal".

Fazer e vender doces cristalizados, glaçados, ou feitos em calda, que ela considerava melhores que sua poesia, foram a forma de subsistência de sua família por quase 15 anos (a partir do final dos anos 1950, quando enviuvou ainda nova e retornou à sua terra natal em Goiás, que tinha deixado por mais de 40 anos).

Ficaram famosos os de laranja, figo, banana, mamão verde, goiaba, cidra, abóbora, de batata com leite de coco. Todos feitos em tacho de cobre autêntico do Goiás. Eram vendidos em caixinhas de madeira forradas com papéis recortados e embrulhadas para presente com laços de fita.

Mesmo depois de reconhecida como escritora, Cora Coralina nunca deixou de se reconhecer doceira. "Não sou uma ex-doceira, sou uma doceira e considero melhores meus doces do que meus versos. Sou poeta por acaso e doceira por convicção e necessidade. Minhas mãos doceiras… Jamais ociosas. Fecundas, imensas e ocupadas. Mãos laboriosas. Abertas sempre para dar, ajudar e abençoar", conta em sua obra "Meu livro de Cordel".

Cora foi transformada em mulher-monumento pelo fato de ter vivido num período de grandes transformações socioculturais, sobretudo a busca da mulher pelo seu reconhecimento e espaço na sociedade da época e pelo seu ofício de doceira. "A produção de doces a partir das frutas do cerrado, registrada pelos viajantes que percorreram Goiás no início do século XIX, certamente era costume tradicional das famílias goianas e também alternativa para muitas mulheres, que sustentavam a família com a fabricação de doces e quitutes ("quitandas") vendidas nos tabuleiros ou sob encomenda. No entanto, foi a poeta-doceira que associou esta atividade ao turismo, transformando o doce de frutas em souvenir da Cidade de Goiás.

Coralina imortalizou suas lembranças, entrelaçadas nas práticas femininas do ofício de doceira, num misto de identidade individual e coletiva. A arte de cozinhar foi aprendida enquanto trabalho feminino e a cozinha configura-se como um espaço de prazer e de labuta. Mesmo se dizendo que era mais cozinheira do que poeta, é ainda hoje uma das vozes femininas mais potentes da nossa literatura.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/10/2026"

Por que a língua é a alma de uma cultura?



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna





A língua como parte essencial da identidade cultural de um povo

A língua é, entre as expressões culturais, uma das mais importantes para a construção da identidade de um povo. Além de servir para se comunicar, ela mantém viva a memória de um grupo e contribui para a transmissão de valores, saberes e tradições, mostrando jeitos únicos de compreender o mundo. Dessa forma, defender um idioma significa cuidar de um elemento central da trajetória de um povo.

Ferdinand de Saussure, considerado um dos pilares da linguística moderna, via a língua como um fenômeno essencialmente social. Para ele, o idioma não existe no isolamento individual, mas na coletividade: "a língua nunca existe fora do fator social" (SAUSSURE, 1971, p. 113). Além disso, a língua guarda saberes que ultrapassam o texto escrito, provérbios, histórias passadas de boca em boca e expressões típicas atuam como quem protege a memória de uma comunidade. Cada palavra carrega marcas de sua trajetória histórica e das relações sociais do seu tempo, reforçando o quanto linguagem e pensamento estão conectados.

Nesse cenário, Wilhelm von Humboldt trouxe contribuições importantes ao defender que cada idioma representa uma forma singular de organizar e interpretar a realidade, dando contornos específicos à maneira como o mundo é percebido.

Assim, o fim de um idioma não significa apenas perder vocabulário. Ela também carrega consigo conhecimentos, práticas compartilhadas e referências identitárias que são essenciais para a comunidade.

Um relatório da UNESCO alerta que, quando uma língua desaparece, perde-se uma série de saberes essenciais sobre o cuidado com o meio ambiente, a agricultura e a convivência social. A preservação linguística não se limita à gramática vira um compromisso histórico. Assim, uma comunidade consegue narrar sua história do jeito que é, com voz própria. A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural também reforça o direito de cada pessoa de se expressar na sua língua materna.

O documento ainda destaca que direitos culturais, identidade e diversidade caminham juntos. Isso fica ainda mais evidente num mundo globalizado, em que o contato entre línguas pode ampliar o repertório intelectual e abrir espaço para novas criações.

A aproximação entre os povos deve fortalecer o diálogo, e não levar ao apagamento das identidades. O diálogo intercultural ganha força quando cada grupo preserva sua forma original de falar. Nesse sentido, o multilinguismo vira uma oportunidade de encontro, não de apagamento das diferenças. Aprender uma língua nova é dar um passo em direção a outros modos de perceber a realidade.

Ao aprender espanhol, por exemplo, o brasileiro não se limita a incorporar um sistema linguístico: ele passa a ter acesso a uma memória e a uma identidade específicas. De forma semelhante, quando um falante de espanhol aprende português, ele passa a vivenciar o universo do mundo lusófono. Assim, a língua funciona como uma memória viva: atravessa gerações, absorve mudanças e mantém preservados os traços essenciais de um povo.

Graças à sua dinâmica própria, a língua evolui, recebe palavras novas e se conecta com outros idiomas, mantendo, ainda assim, as marcas da sua trajetória histórica. Dessa forma, se a cultura é a memória de um povo, a língua é o caminho que transforma essa memória em algo concreto: circula, alcança novas gerações e ajuda a mantê-la viva.

Contar a história na língua de origem vai além de transmitir vocabulário; é a experiência do povo que é passada adiante. Ao manter vivos provérbios, cantos e histórias tradicionais, a comunidade resguarda o núcleo de sua identidade.

Defender a diversidade linguística, portanto, é defender a pluralidade cultural, porque cada idioma acrescenta ao patrimônio humano uma maneira própria de enxergar o mundo.

A extinção de um idioma reduz o repertório de vozes humanas que fazem parte da humanidade. Em contrapartida, quando uma língua é preservada, fica aberta uma janela para conhecer vivências históricas e culturais, garantindo a transmissão de valores, fortalecendo identidades e conectando o passado ao que ainda está por vir.

Guardar um idioma é cuidar de um modo autêntico de existir e compreender a realidade. Valorizar a língua do outro é reconhecer a sua cultura. E, quando a gente aprende novos idiomas, amplia as fronteiras do diálogo e da compreensão entre as pessoas.

Enquanto a língua segue viva, a memória de um povo se renova no verbo, garantindo sua continuidade.



FILOSOFIA

Estoicismo em Tempos de Crise: A Serenidade como Travessia



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/10/2026"



Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard
@ednalessa_escritora

"O estoicismo não como teoria distante, mas como abrigo e prática de vida diante das crises.."



Há momentos em que a vida se estreita como um corredor escuro, e o que antes era caminho se torna incerteza. Em tempos de crise, sejam elas externas, como perdas, instabilidades ou mudanças abruptas, ou internas, como conflitos emocionais e desalentos, buscamos algo que nos sustente. É nesse silêncio de dentro que o estoicismo, filosofia milenar nascida em Atenas, na Grécia Antiga e aprofundada em Roma, ressurge não como teoria distante, mas como abrigo.

Mais do que um conjunto de ideias, o estoicismo é uma prática de vida e oferece ferramentas práticas para termos discernimento e encontrarmos soluções possíveis durante as adversidades. É um convite diário à lucidez, à coragem e à serenidade para fortalecer nossa capacidade de agir diante das circunstâncias. Em Meditações, Marco Aurélio nos lembra que não são os acontecimentos que nos perturbam, mas os julgamentos que fazemos deles. Já em Cartas a Lucílio, Sêneca nos ensina que a verdadeira liberdade está em governar a si mesmo.

E talvez seja justamente isso que mais nos falta em tempos de crise: o governo de si. Todavia é importante considerar que existem situações que dependem de nós, outros fogem ao nosso controle e gerência. Esta é uma distinção fundamental da Filosofia Estoica que ensina a enfrentar os problemas com consciência e equilíbrio.

O que depende de nós e o que não depende

Um dos princípios centrais do estoicismo é a distinção entre aquilo que está sob nosso controle e aquilo que não está. Pode parecer simples, mas é profundamente transformador. Não controlamos o mundo, as escolhas alheias, o tempo, nem os imprevistos. Mas podemos cuidar da nossa resposta, do nosso olhar, da nossa postura diante da vida e sobretudo, do nosso sentir.

Nesse sentido, a Filosofia Estoica propõe uma mudança de perspectiva. Em vez de perguntar apenas por que determinada situação aconteceu, podemos perguntar como devemos agir diante dela. As crises fazem parte da existência humana. Em diferentes momentos, todos enfrentamos perdas, mudanças, dificuldades e situações inesperadas. No entanto, uma crise não precisa representar apenas as dificuldades e problemas que nos atravessam. Ela também pode oferecer uma oportunidade de crescimento.

Talvez a maior contribuição do estoicismo seja a capacidade de ressignificar a crise. Em vez de vê-la apenas como ruptura, ela passa a ser também revelação. Um espaço onde somos convidados a amadurecer, a rever prioridades, a nos reencontrar.

Sêneca escreve que "as dificuldades fortalecem a mente, assim como o trabalho fortalece o corpo". E há uma verdade profunda nisso: há crises que nos quebram, mas há também aquelas que nos refazem. Tudo depende de como atravessamos.

Virtude: o eixo que sustenta

Para os estoicos, a virtude é o bem maior. E ela se expressa em quatro pilares: sabedoria, justiça, coragem e temperança. Em tempos de crise, esses valores deixam de ser conceitos abstratos e se tornam prática urgente.

Ser sábio é discernir com clareza, mesmo quando tudo parece confuso.

Ser justo é agir com integridade, mesmo quando seria mais fácil ceder. Ser corajoso é seguir adiante, mesmo com medo. Ser moderado é não se perder nos excessos da dor ou do desespero. A virtude, nesse sentido, não elimina a crise, mas nos transforma dentro dela.

Serenidade não é ausência de dor

Há um equívoco comum ao imaginar o estoicismo como frieza ou insensibilidade. Mas não se trata de não sentir, trata-se de não se perder no que se sente. A serenidade estoica não é indiferença, mas presença consciente. É sentir a dor sem permitir que ela nos destrua. É atravessar o sofrimento sem se tornar ele. É manter-se inteiro, mesmo quando o mundo parece fragmentado. Há uma delicadeza nisso. Uma força silenciosa.

Uma filosofia para o agora

Em um mundo acelerado, incerto e muitas vezes ansioso, o estoicismo se apresenta como uma filosofia profundamente atual. Ele não promete respostas fáceis, nem elimina o sofrimento. Mas oferece algo mais valioso: ferramentas para viver com dignidade, mesmo nas tempestades.

Talvez não possamos evitar os dias difíceis. Mas podemos escolher como caminhar por eles. E, no fim, é isso que nos sustenta: não a ausência de crise, mas a presença de serenidade. Porque há uma força quieta que nasce quando aprendemos a habitar a nós mesmos e dela, nenhuma crise pode nos afastar.



Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaios:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

FILOSOFIA

Existe uma Crise de Sentido no Mundo Contemporâneo?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano



IMAGEM GERADA POR IA "usando ChatCPT Image 2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/10/2026"



Tenho me perguntado se estamos vivendo uma crise de sentido ou se perdemos a capacidade de reconhecer aquilo que dá sentido à vida. A diferença parece pequena, mas não é. Vejo pessoas que sabem exatamente o que precisam fazer amanhã, no próximo mês e no próximo ano, mas hesitam quando precisam falar sobre o que desejam para si. Conhecem metas, horários, compromissos e expectativas. Quando a pergunta chega ao lugar mais íntimo, onde não há roteiro, a resposta demora.

Vivemos cercados por possibilidades. Escolhemos profissões, cidades, relações, estilos de vida e formas de expressão que outras gerações nem sequer imaginavam. A ampliação das escolhas, contudo, não produziu necessariamente pessoas mais conscientes de si. Escolher tornou-se uma tarefa permanente. A cada decisão, outras possibilidades continuam abertas, lembrando que poderíamos estar em outro lugar, vivendo outra história. Em meio a tantas portas, muita gente já não sabe qual delas realmente deseja abrir.



Zygmunt Bauman encontrou uma imagem poderosa para compreender esse tempo ao falar em modernidade líquida. O líquido não conserva facilmente a forma. Adapta-se ao recipiente, desloca-se, muda de configuração. A sociedade contemporânea carrega algo dessa instabilidade. Relações podem ser interrompidas com rapidez, profissões se transformam, valores são disputados e identidades são reconstruídas. O indivíduo precisa aprender a se mover em um mundo que muda enquanto ainda tenta compreendê-lo. Há liberdade nisso, mas há também uma insegurança que não pode ser ignorada.

A identidade precisa de tempo para criar raízes. Ela nasce das experiências, das relações, da memória, das escolhas e também da permanência. Num cotidiano que celebra a mudança constante, permanecer pode parecer inadequado. Mudar de opinião é necessário em muitas situações, assim como abandonar caminhos que deixaram de fazer sentido. O problema surge quando qualquer permanência passa a ser vista como atraso e a reinvenção se transforma em obrigação. Uma pessoa não precisa destruir a própria história para continuar crescendo.

As redes sociais acrescentaram outra camada a esse cenário. Diariamente somos colocados diante de fragmentos da vida de milhares de pessoas. Vemos conquistas, viagens, corpos, casas, relacionamentos e trabalhos cuidadosamente escolhidos para serem apresentados. A vida real possui cansaço, dúvida, repetição, conflito e dias absolutamente comuns. A tela oferece pouco espaço para isso. Aos poucos, a comparação deixa de acontecer entre pessoas e passa a acontecer entre a nossa existência inteira e recortes muito específicos da existência alheia.

A pessoa começa a observar a própria vida como quem observa uma vitrine. Pergunta se está avançando, se está bonita o bastante, se produz o suficiente, se conquistou aquilo que deveria ter conquistado naquela idade. O valor da experiência passa a depender da possibilidade de mostrá-la. Uma conquista parece menor quando não recebe reconhecimento. Um momento parece incompleto quando não foi registrado. O olhar dos outros ocupa um espaço que deveria pertencer à própria consciência.

Byung-Chul Han ajuda a compreender uma dimensão importante desse fenômeno. Ao discutir a sociedade do desempenho, ele mostra como a cobrança contemporânea deixou de depender exclusivamente de uma autoridade externa. O indivíduo passou a exigir de si produtividade, aperfeiçoamento e resultados. Trabalha além do necessário, sente culpa quando descansa e transforma cada limite em sinal de insuficiência. A exigência já foi incorporada. Não precisamos de alguém ao lado dizendo para produzir mais quando aprendemos a repetir essa ordem dentro da própria cabeça.

A lógica do desempenho chegou a lugares que deveriam permanecer livres dela. Há quem não consiga ler sem contar quantos livros ainda precisa terminar. Há quem não consiga descansar sem pensar no que poderia estar fazendo. Há quem transforme uma viagem em uma sequência de fotografias, uma atividade física em número, um encontro em conteúdo. Até o tempo livre precisa apresentar algum rendimento. Quando tudo recebe uma finalidade, sobra pouco espaço para aquilo que simplesmente existe.

Essa dificuldade de permanecer sem produzir interfere também na capacidade de perceber o que sentimos. O silêncio pode trazer pensamentos que a rotina mantém escondidos. Uma pausa pode devolver lembranças. Um momento de inatividade pode revelar que determinada escolha já não nos pertence. Permanecer sozinho consigo mesmo nem sempre é confortável. Algumas perguntas não desaparecem quando ignoradas. Permanecem esperando uma oportunidade para voltar.

Viktor Frankl dedicou sua obra à busca de sentido em condições extremas de existência. Sua reflexão não oferece uma receita para uma vida feliz. O que aparece em seu pensamento é uma questão mais profunda: encontrar uma razão que dê direção à própria existência. O sentido não impede a dor, não garante sucesso e não transforma todos os dias em experiências agradáveis. Pode oferecer uma orientação para continuar vivendo quando as circunstâncias não correspondem ao que desejávamos.

Essa perspectiva ajuda a compreender o vazio que pode surgir depois de uma conquista. Durante anos, alguém trabalha para alcançar determinado objetivo. Quando consegue, comemora. Depois, o silêncio retorna. O diploma não respondeu. O cargo não respondeu. A conta bancária não respondeu. A mudança de cidade não respondeu. Nada disso significa que essas conquistas sejam irrelevantes. Elas podem ser importantes e necessárias. Apenas não conseguem responder sozinhas à pergunta sobre o que torna uma vida significativa.

Hannah Arendt também contribui para essa reflexão ao pensar sobre a condição humana e distinguir atividades relacionadas à sobrevivência, à produção e à ação no mundo comum. Essa última dimensão merece atenção em uma época tão concentrada no desempenho individual. Somos mais do que aquilo que produzimos. Existimos entre outras pessoas, falamos, participamos, criamos, interferimos na realidade e iniciamos coisas que não existiam antes de nós. Há uma parte da vida que não cabe em metas individuais.

A redução da pessoa ao desempenho empobrece a própria ideia de humanidade. Uma professora não é a quantidade de conteúdos que consegue transmitir. Uma escritora não é o número de páginas que produz. Uma criança não é a nota registrada no boletim. Uma pessoa não deveria precisar apresentar resultados para justificar sua existência. Pensamento, presença, imaginação, cuidado, convivência e memória possuem valor mesmo quando não podem ser convertidos em números.

As relações também sofrem com essa lógica de substituição. Bauman observou a fragilidade dos vínculos em uma sociedade marcada pela fluidez. Hoje, afastar alguém exige poucos movimentos. Uma conversa pode ser encerrada, um contato pode ser bloqueado, uma presença pode desaparecer da tela. Em determinadas situações, afastar-se é necessário e saudável. O problema surge quando perdemos a disposição para atravessar os conflitos próprios de qualquer relação humana. O outro deixa de ser uma pessoa complexa e passa a ser avaliado pela capacidade de satisfazer nossas expectativas.

Nenhum ser humano consegue permanecer interessante, disponível e emocionalmente conveniente o tempo inteiro. Relações verdadeiras possuem ruídos. Há desacordos, silêncios, limites, frustrações e mudanças. Permanecer diante disso não significa aceitar violência ou desrespeito. Significa compreender que vínculo não é sinônimo de facilidade. Quando toda dificuldade é interpretada como sinal de que existe alguém melhor esperando do outro lado, perdemos a oportunidade de conhecer profundamente as pessoas e de sermos conhecidos também.

A mesma impaciência aparece na relação que estabelecemos conosco. Existe uma cobrança para sermos uma versão melhor de nós mesmos a cada etapa da vida. O corpo precisa melhorar. A carreira precisa avançar. A personalidade precisa ser corrigida. Os hábitos precisam ser aperfeiçoados. O desenvolvimento pessoal, que poderia servir à consciência, transforma-se em mais uma fonte de cobrança. Crescer passa a significar nunca estar satisfeito consigo.

A educação pode ajudar a interromper esse movimento. Ensinar não deveria significar apenas transmitir conteúdos e preparar para avaliações. Crianças e jovens precisam aprender a formular perguntas, interpretar informações, conviver com diferenças, argumentar e compreender as consequências das próprias escolhas. Uma escola preocupada exclusivamente com desempenho pode produzir alunos eficientes em responder questões. Uma educação comprometida com a formação humana precisa ajudá-los a construir perguntas que ainda não sabem responder.

A literatura ocupa um lugar especial nessa discussão. Um livro permite que uma pessoa encontre outras formas de existir. Uma personagem pode carregar um conflito que o leitor reconhece dentro de si. Uma poesia pode nomear um sentimento que permanecia confuso. Uma história pode apresentar uma experiência distante e, ainda assim, produzir reconhecimento. A leitura amplia nossa capacidade de perceber porque nos retira, por algum tempo, da certeza de que o mundo termina na nossa própria perspectiva.

A leitura também exige uma qualidade que se tornou rara: permanência. Uma história não se entrega inteira em poucos segundos. Um pensamento precisa amadurecer. Uma personagem contraditória não cabe facilmente em uma opinião pronta. O leitor acompanha, desconfia, revê julgamentos. Em uma época acostumada à velocidade, esse exercício possui uma força silenciosa. Ler devolve tempo para pensar.

A crise de sentido não pertence apenas ao indivíduo. Ela revela características da sociedade que construímos. Está presente em uma cultura que transforma desejos em mercadorias, em uma rotina que premia a velocidade, em relações que se tornam descartáveis e em uma exposição permanente que interfere na maneira como percebemos nosso próprio valor. Está na criança que aprende cedo demais que precisa ser excelente, no jovem que escolhe uma profissão apenas pelo retorno financeiro e no adulto que passa anos perseguindo uma vida sem perguntar se realmente a deseja.



Nem todo desejo nasceu dentro de nós. Alguns foram ensinados. Outros foram repetidos tantas vezes que passaram a parecer naturais. Há sonhos herdados da família, expectativas produzidas pelo ambiente social e modelos de sucesso apresentados como se fossem universais. Descobrir quais desejos nos pertencem exige uma honestidade que nem sempre é confortável. Em certos momentos, perceber que estamos caminhando na direção errada dói mais do que continuar caminhando.

Uma resposta única para a pergunta sobre o sentido da vida não existe. O que dá significado à existência de uma pessoa pode não produzir o mesmo efeito em outra. Há quem encontre sentido na educação, na escrita, na arte, na pesquisa, na família, no cuidado, na fé, na participação política ou na construção de uma comunidade. Há também quem encontre significado em gestos pequenos que nunca serão reconhecidos publicamente. O tamanho de uma ação não determina sua importância para quem a vive.

O que parece faltar, em muitos casos, é espaço para perguntar. Perguntar antes de seguir uma expectativa. Pensar antes de repetir. Escutar o próprio desconforto antes de transformá-lo em silêncio. Perceber que uma escolha pode ser socialmente admirada e, ainda assim, não fazer sentido para quem a realizou. Há uma diferença importante entre viver uma vida considerada boa pelos outros e conseguir reconhecer essa vida como própria.



Existe, sim, uma crise de sentido no mundo contemporâneo. Ela aparece no cotidiano, no sujeito que cumpre todas as obrigações e termina o dia sem saber o que realmente viveu. Está naquele que alcança aquilo que desejava e descobre que a chegada não resolveu a inquietação. Está na pessoa que conhece as expectativas de todos ao redor e perdeu o contato com as próprias.

Bauman nos ajuda a compreender a instabilidade do mundo em que vivemos. Han evidencia o peso de uma cobrança que muitas vezes nasce dentro de nós. Frankl recoloca a questão do sentido como uma necessidade humana profunda. Arendt amplia nossa compreensão da existência para além da produção. A literatura abre espaço para que todas essas perguntas permaneçam vivas. Nenhum desses pensamentos entrega uma solução pronta. Uma existência consciente não pode ser construída a partir de respostas emprestadas.

A pergunta que permanece é simples e difícil: o que, dentro da vida que estou construindo, ainda faz sentido para mim? Responder exige tempo. Exige silêncio. Exige coragem para reconhecer que algumas escolhas precisarão ser revistas e que certas expectativas precisarão ser devolvidas a quem as colocou sobre nós. Não há fracasso em mudar de direção quando descobrimos que o caminho já não nos pertence. Também não existe obrigação de transformar cada experiência em aprendizado, cada sofrimento em força ou cada acontecimento em uma narrativa bonita. Algumas coisas apenas acontecem. Nós as atravessamos e seguimos diferentes.

O sentido pode estar menos em encontrar uma grande resposta e mais em perceber aquilo que merece nossa presença. Uma criança que aprende porque alguém teve paciência. Uma página escrita quando ninguém estava esperando. Uma conversa que finalmente acontece. Um trabalho realizado com dignidade. Uma relação na qual podemos existir sem representação. Uma escolha que não recebe aplauso, mas corresponde ao que acreditamos.

Em um mundo que disputa nossa atenção o tempo inteiro, escolher onde colocá-la também é uma forma de escolher como viver. A crise de sentido começa a perder força quando deixamos de perguntar apenas o que podemos conquistar e passamos a perguntar o que estamos dispostos a sustentar. Não precisamos ter todas as respostas. Precisamos recuperar a coragem de fazer perguntas que sejam realmente nossas.

EDUCAÇÃO

Escolas Tradicionais ou Educação Progressista? O que funciona melhor?



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

O texto procura demonstrar as principais características dos paradigmas educacionais da atualidade, a Escola Tradicional e da Escola Progressista, a partir da análise dos aspectos filosóficos, epistemológicos, teóricos e metodológicos de cada modelo. Busca, ainda, formular novos questionamentos e compreender a complexa teia entre a cognição, memória, inteligências, habilidades, aprendizagem e comportamento.

Novas tendências apontam, neste século para o desenvolvimento de um cérebro criativo, autor, inventivo, intuitivo, que possa vivenciar as incertezas, e gerenciar frustrações cotidianas, sem perder a autoestima. Estamos falando de um cérebro autopoiético, autorregulador, reorganizado, adaptável.

Por isso, é necessário estimular o aprendiz para uma aprendizagem criativa. Considerando-se que a educação contemporânea brasileira se encontra desvalorizada, e oprimida, pode-se afirmar que há a necessidade de elaborar e implantar propostas educacionais que superem as ausências que permeiam as escolas brasileiras.

Nos dias de hoje, tudo é rápido, prático e descartável. As pessoas correm contra o tempo para cumprir suas obrigações. Novas tecnologias e problemas surgem a cada momento, exigindo, portanto, que a sociedade esteja preparada para vivenciá-los. (SILVA; CUNHA, 2002).

Diante dessa realidade, cabe refletir: qual é o papel da educação na vida de uma pessoa? O que ela deve promover para a formação crítica e humana? A seguir, apresentaremos os aspectos principais das duas teorias que iremos abordar: a educação tradicional e a educação progressista.

A Escola Tradicional parte do pressuposto de que a inteligência é uma faculdade que torna o homem capaz de armazenar informações, das mais simples às mais complexas. Nessa perspectiva, é preciso decompor a realidade a ser estudada simplificando o patrimônio de conhecimento a ser transmitido ao aluno que, por sua vez, deve armazenar apenas os resultados do processo.

Assim, na escola tradicional, o conhecimento humano possui um caráter cumulativo, adquirido pelo indivíduo por meio da transmissão dos conhecimentos realizada na instituição escolar. O papel do aluno no processo de aprendizagem é basicamente de passividade.

Historicamente, a escola tradicional ora se apoiou no inatismo, de origem essencialista do século XVII, ora do ambientalismo, derivado do fenomenismo do século XVIII para seu suporte epistemológico, ainda que fossem contraditórios. Dessa forma o aluno aprendia os conteúdos escolares porque era portador de uma inteligência inata, ou sua aprendizagem estava diretamente relacionada à quantidade ou qualidade da experiência escolar em determinado conteúdo.

Mizukami (1986) enfatiza o método expositivo como característica, essencial, da abordagem do ensino tradicional. A metodologia privilegia o papel do professor como transmissor do conhecimento,

As críticas à escola tradicional marcaram o início das novas abordagens de ensino, que tiveram de partir dela como referencial teórico e prático.

Podemos questionar, no entanto, a qualidade do ensino da escola tradicional na atualidade. Constatamos, informalmente, que ele está empobrecido em comparação às instituições existentes nas décadas passadas. Os conhecimentos não são transmitidos com o mesmo rigor daquela escola tradicional que instruiu nossos pais e avós.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/09/2026"

O que realmente importa no processo de ensino e aprendizagem continua sendo as notas, a quantidade de conteúdos transmitidos e a disciplina. A escola, muitas vezes, não enaltece a felicidade em aprender e ensinar.

Neste sentido, faz-se necessário pensar em uma escola que considere, não apenas teoricamente, as diferenças e necessidades de cada aluno diante de uma realidade múltipla e complexa. É preciso valorizar a formação integral desde a infância.

A Educação Progressista. Na perspectiva progressista, a mediação do conhecimento ocorre por meio do diálogo entre educador e educando, em um ambiente no qual as ideias são discutidas, questionadas e contextualizadas. A hierarquia e o modelo autoritário são substituídos pela horizontalidade das relações, em que o diálogo e a participação ativa dos alunos são valorizados. Numa perspectiva crítica, voltada para uma pedagogia social que privilegia uma educação de classe no rumo de um novo projeto de sociedade, a escola principalmente pública, possui papel relevante e indispensável. Para isso, é preciso organização: dar aulas, fazer planos, controlar a disciplina, manejar a classe, dominar o conteúdo e, acima de tudo, compreender o caráter social dos processos educativos, sobretudo aqueles que acontecem na instituição escolar. A instrumentação teórico-prática é necessária, para que os professores tomem consciência do lado político de sua prática.

De acordo com Norris (2004), a educação progressiva pode ser vista hoje como um movimento multifacetado, com vários componentes comuns, entre eles:

- O papel fundacional do pensamento de Dewey;
- A oposição à educação tradicional em termos de métodos, matérias e propósitos;
- A centralidade da criança e de seu desenvolvimento integral;
- A abordagem baseada na resolução de problemas, visando à criação e melhoria de competências de vida;
- A integração do conhecimento em situações reais;
- A visão da escola como sociedade embrionária e instrumento de mudança social;
- Uma concepção democrática de educação.

O futuro dirá… O que funciona melhor?

A educação progressista é identificada como diferenciada, pois não impõe o mesmo padrão a todos, permitindo que cada criança/estudante desenvolva e se expresse de acordo com sua singularidade.

A ideia de uma educação reconstrutiva e transformativa, núcleo do pensamento de Dewey, abre o caminho para uma verdadeira concepção democrática de educação.





EDUCAÇÃO

De Volta ao Essencial: O Papel Insusbtituível dos Pais na Formação dos Filhos

EDUCAÇÃO - Análise sobre a importância fundamental da presença parental na educação integral das crianças

VISÃO - **O papel fundamental dos pais na educação integral dos filhos**

POR
The Bard News, Redação

"Análise sobre a importância fundamental da presença parental na educação integral das crianças e formação de valores essenciais para a vida"

A verdadeira educação de uma criança não acontece apenas na sala de aula. Por mais que a escola seja fundamental para o conhecimento, é em casa, nos momentos mais simples, que se ergue a base de valores e emoções que definirá quem essa criança se tornará. O problema é que, em um mundo acelerado, onde a correria engole o tempo em família e a educação foca em números, o papel dos pais parece ter se perdido no caminho. A questão que fica é: como podemos, como pais, retomar as rédeas e garantir que nossos filhos se tornem não apenas bons alunos, mas pessoas completas e prontas para a vida?

O médico e escritor Leonard Sax, em seu livro "The Collapse of Parenting", aponta para um dos grandes dilemas de hoje: os pais perderam autoridade e se afastaram, deixando um vazio que é rapidamente preenchido por telas e redes sociais. Esse vácuo, segundo ele, está criando jovens com poucos limites e quase nenhuma ferramenta para lidar com os desafios do mundo real. E não é apenas uma percepção. Dados do Pew Research Center mostram que crianças com pais ativamente presentes têm melhor desempenho escolar, são mais sociáveis e possuem uma autoestima mais forte.

Mas o que é "estar presente" de verdade? Não é só fiscalizar o dever de casa ou aparecer nas reuniões da escola. É mergulhar junto, guiar escolhas, conversar sobre medos e sonhos e, principalmente, ser o exemplo. A formação acontece no dia a dia: na mesa do jantar, nas conversas no fim do dia e até no silêncio compartilhado que conforta.

Historicamente, era assim que funcionava. Antes mesmo que as escolas existissem como as conhecemos, o lar era a grande sala de aula. Valores como respeito, honestidade e empatia não eram ensinados com discursos, mas vividos na prática, observados na dinâmica familiar. Era um aprendizado orgânico, que moldava o caráter de forma natural.

Hoje, a realidade é outra. Vivemos para a produtividade, e a rotina muitas vezes joga pais e filhos em horários que não se cruzam. Com isso, muitas famílias acabam delegando, sem perceber, o que é mais valioso para a escola ou, pior, para a mídia. A escola pode ensinar matemática e história, mas valores como a compaixão e a integridade precisam nascer em casa. Afinal, antes de sonhar com uma carreira, toda criança precisa aprender a ser humana.

Há países que mostram que esse equilíbrio é possível. No Japão e na Finlândia, a parceria entre família e escola é tão natural quanto essencial. Os pais reforçam em casa o que é aprendido na escola e, ao mesmo tempo, mantêm vivas as tradições. Infelizmente, no Ocidente, essa conexão vital está cada vez mais frágil.

A questão vai além do sucesso individual de cada criança; trata-se do futuro que estamos construindo juntos. Educar apenas para resultados cria profissionais tecnicamente brilhantes, mas despreparados para dilemas éticos e desafios coletivos. Já as crianças que crescem em lares onde o diálogo, o exemplo e a cultura são o alicerce, têm tudo para se tornarem adultos com pensamento crítico, engajados e conscientes do seu papel no mundo.

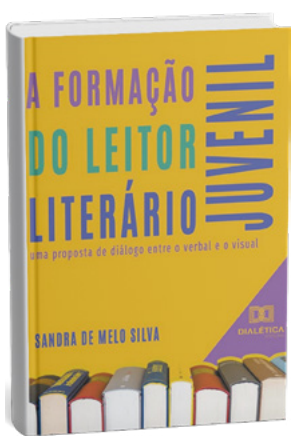
E retomar esse protagonismo não exige fórmulas mágicas. Muitas vezes, a mudança está nos gestos mais simples. Um jantar sem o som das notificações. Uma caminhada no fim de tarde. Uma conversa sincera antes de dormir. Acompanhar a lição de casa pode ser uma chance de aprender junto, e não apenas de cobrar. Discutir as notícias do dia pode ensinar mais sobre o mundo do que qualquer livro. Mas, acima de tudo, é preciso lembrar: o exemplo não é a melhor forma de ensinar. É a única. As crianças nos observam o tempo todo. Nosso comportamento é a lição mais poderosa que elas receberão.

A educação começa em casa, e os pais não são apenas provedores. São os primeiros e mais importantes mestres de seus filhos. Ao assumirem esse papel com amor e presença, não estão apenas investindo no futuro profissional de uma criança. Estão esculpindo o caráter de um cidadão que ajudará a construir uma sociedade mais forte, justa e empática.

Educar é muito mais do que preparar para provas. É um ato de amor, um compromisso com o que virá. Ao presentear os filhos com tempo, exemplo e valores, os pais estão, na verdade, presenteando o mundo. E esse é, sem dúvida, o maior legado que uma família pode deixar.



Indicacão de leitura



"A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

Indicacão de leitura



"Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que e ser adolescente hoje, definir o que e um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.

HISTÓRIA

A Caneta do Comerciante, não a do Poeta: Desvendando a Origem Administrativa da Escrita

HISTÓRIA
- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"A visão romântica de que a escrita nasceu para registrar mitos, poemas e grandes narrativas, e mostra que sua origem é profundamente prática e administrativa."



A escrita é, sem dúvida, uma das invenções mais monumentais da humanidade. Ela nos permite transcender as barreiras do tempo e do espaço, conectar gerações e construir um legado cultural inestimável. Ao contemplar a escrita, nossa imaginação é rapidamente cativada por obras-primas da literatura: a epopeia de Gilgamesh, os versos de Homero, as peças de Shakespeare. Tendemos a associar sua gênese a um impulso inato de narrar, de expressar a alma humana em sua plenitude, de registrar mitos e lendas que dão sentido à nossa existência. Contudo, essa visão romântica, embora bela e inspiradora, está longe da realidade histórica de como a escrita realmente surgiu. A verdade é que a escrita não nasceu para contar histórias de deuses e heróis, mas para contar ovelhas, sacas de grãos e jarros de azeite. Sua origem é profundamente prática, enraizada nas necessidades administrativas e econômicas das primeiras civilizações.



Para desvendar essa história, precisamos viajar no tempo até a antiga Mesopotâmia, a "terra entre rios" (Tigre e Eufrates), onde hoje se localiza o Iraque. Por volta do quarto milênio a.C., as comunidades agrícolas da região começaram a se organizar em cidades-estado complexas. Com o crescimento populacional, o desenvolvimento da agricultura irrigada e o surgimento de excedentes de produção, a vida social e econômica tornou-se cada vez mais intrincada. Templos e palácios, que funcionavam como centros de poder religioso, político e econômico, acumulavam vastas quantidades de bens, gerenciavam terras e supervisionavam o trabalho de centenas, senão milhares, de pessoas. Essa complexidade crescente exigia um sistema de registro que a memória humana, por mais prodigiosa que fosse, já não conseguia suportar de forma eficiente e confiável.



Foi nesse contexto de efervescência administrativa e econômica que a escrita emergiu. Os primeiros "escritores" não eram bardos, poetas ou filósofos em busca de imortalizar narrativas épicas, mas sim contadores, administradores e escribas. Suas ferramentas eram estiletes de junco e pequenas tábuas de argila úmida, e seu objetivo primordial era registrar transações, impostos, inventários de bens e alocações de recursos. As primeiras inscrições, datadas de cerca de 3400 a.C. em cidades sumérias como Uruk, eram predominantemente pictográficas, ou seja, representavam objetos por meio de desenhos simplificados. Um desenho de uma cabeça de boi significava "boi", um jarro significava "cerveja" ou "óleo", e assim por diante. Essas representações eram diretas e funcionais, projetadas para uma compreensão rápida e inequívoca no contexto comercial e administrativo.



Esses pictogramas eram frequentemente acompanhados por marcas numéricas, indicando quantidades específicas. Uma tábua de argila poderia, por exemplo, registrar "cinco ovelhas" ou "dez jarros de óleo" entregues a um templo ou a um indivíduo como pagamento ou contribuição. A preocupação central era a contabilidade, a organização de dados para fins de controle, planejamento e prestação de contas. Não havia enredo, personagens, desenvolvimento temático ou qualquer tentativa de expressar emoções ou ideias abstratas complexas; apenas a fria e objetiva catalogação de bens e serviços, essencial para a manutenção da ordem econômica e social.

Com o tempo, a necessidade de registrar informações mais complexas e abstratas, que iam além da simples representação de objetos, levou a uma evolução significativa do sistema. Os pictogramas começaram a ser estilizados e a perder sua semelhança direta com os objetos que representavam. Eles foram girados em 90 graus e simplificados em uma série de marcas em forma de cunha, feitas pela pressão de um estilete de junco na argila macia. Esse sistema, conhecido como escrita cuneiforme (do latim cuneus, que significa "cunha"), tornou-se mais eficiente, abstrato e capaz de representar não apenas objetos, mas também sons e ideias abstratas. A transição de pictogramas para logogramas (símbolos que representam palavras) e, eventualmente, para um sistema silábico (símbolos que representam sílabas) foi um marco crucial na história da escrita. Essa evolução permitiu que a escrita se tornasse mais flexível e capaz de registrar a língua falada com maior precisão e nuance.



No entanto, mesmo com essa sofisticação crescente, o propósito principal da escrita cuneiforme permaneceu predominantemente administrativo por um longo período. Os textos mais antigos em cuneiforme continuavam a ser, em sua vasta maioria, listas de bens, contratos comerciais, recibos de pagamentos, códigos de leis (como o famoso Código de Hamurabi, que estabelecia regras para a sociedade e o comércio), registros de propriedades e inventários de templos e palácios. O Oriental Institute da Universidade de Chicago, por exemplo, possui vastas coleções de tábuas cuneiformes que ilustram essa realidade. Ao examinar esses artefatos, os pesquisadores encontram uma janela para a vida cotidiana e burocrática da Mesopotâmia antiga: registros de salários pagos em cevada, listas de trabalhadores, inventários de templos e palácios, e até mesmo recibos detalhados de transações comerciais. Esses documentos, embora desprovidos de valor literário no sentido moderno, são inestimáveis para entender a estrutura econômica, social e legal da época.



A ideia de usar a escrita para expressar narrativas complexas, mitos, poemas, reflexões filosóficas ou correspondências pessoais surgiu muito mais tarde na evolução da escrita. A Epopeia de Gilgamesh, considerada uma das primeiras grandes obras literárias da humanidade, é um exemplo notável de como a escrita cuneiforme foi eventualmente adaptada para fins artísticos e narrativos. No entanto, ela representa um estágio avançado na evolução da escrita, não sua origem. A literatura, como a conhecemos, só pôde florescer e se desenvolver plenamente uma vez que o sistema de escrita se tornou suficientemente robusto, flexível e difundido para ser usado além das necessidades imediatas da administração e da contabilidade.

Essa distinção entre a função prática e a expressão artística da escrita é fundamental para compreender a verdadeira natureza da inovação humana. Ela nos lembra que as grandes invenções e avanços tecnológicos muitas vezes nascem da necessidade mais mundana e urgente. A complexidade da vida em sociedade, a necessidade de gerenciar recursos de forma eficiente, de manter registros precisos e de estabelecer a ordem foram os catalisadores que levaram à invenção de um sistema que, eventualmente, nos permitiria registrar a própria alma humana, suas aspirações, medos e sonhos.



A escrita, portanto, é um testemunho da engenhosidade humana em resolver problemas práticos de grande escala. De simples marcas em argila para controlar o comércio e a burocracia, ela evoluiu para se tornar o veículo de nossa cultura, nossa história, nossa ciência e nossa imaginação. A jornada da escrita, de uma ferramenta puramente administrativa a um meio de expressão artística e filosófica, é uma das mais notáveis transformações na história da civilização, revelando que o controle e a organização foram os precursores indispensáveis da criação e da inspiração que hoje tanto valorizamos.





IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/03/2026"

HISTÓRIA

O legado histórico das desigualdades de gênero



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz



IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/03/2025"

No mês das mulheres (março), nada mais importante do que lembrar a questão da desigualdade de gênero. Infelizmente, essa é uma herança histórica enraizada no passado de um Brasil colonizado por valores patriarcais. As ideologias da monarquia e do catolicismo desenharam nossa trajetória de formação cultural e definiram padrões de pensamentos que repercutem em nossos dias atuais.

Por mais que tomemos consciência por meio do desenvolvimento intelectual e tecnológico, ainda persiste a herança histórica, marcada pela subjugação feminina e pela divisão de papéis sociais. Essa manifestação perdura em diversas esferas da sociedade contemporânea como um desafio complexo e multifacetado quanto velado. Isso porque, aparentemente aos olhos de muitos, assim como no Brasil já não há preconceito racial, também já existe a equidade entre os gêneros.



Catolicismo e a trajetória de formação cultural

IMAGEM GERADA POR IA
"usando DALLE 3, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/03/2025"

Em termos históricos, o autor Gilberto Freyre evidenciou a construção social da diferença entre homens e mulheres como algo "característico do regime patriarcal", pois nessa linha de pensamento, seria natural "o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo." (FREYRE, 2002, p. 805).

A atribuição dessas características opostas aos gêneros define a dicotomia que contribui para justificar a dominação masculina e a exclusão feminina dos espaços públicos.

Em acréscimo, a historiadora contemporânea Mary Del Priore destaca a centralidade do corpo feminino na história da mulher no período colonial com a manutenção da ordem pela subjugação do trabalho ao "manter o povo gemendo e produzindo e as mulheres gemendo, produzindo e reproduzindo…" (PRIORE, 1993, p. 333). A subjugação centralizava-se no preceito de que o homem "possuísse" a mulher e tivesse, portanto, o corpo feminino como uma propriedade sua. Sendo assim, natural seria que à mulher coubesse apenas o papel social de reprodutora e de dona de casa. Isso indica que extrapolar a posição de esposa e mãe, com qualquer outra atuação profissional, não foi opção a muitas de nossas antepassadas.

No contexto atual, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2024, 51,2% da população brasileira são mulheres. Apesar de superarem os homens em termos numéricos, as mulheres permanecem enfrentando problemas no mercado de trabalho, ocupando menos cargos de liderança, sofrendo disparidades salariais e até mesmo assédios moral e sexual. Quanto à diferença salarial, o Brasil fica em 117º lugar, no ranking do Global Gender Report, entre um total de 146 países. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, as mulheres recebem apenas cerca de 77,7% da renda dos homens.

Na política, a representação feminina é ínfima, com ataques a candidatas mulheres e a consequente ocupação de menos cadeiras no Congresso Nacional e em outros cargos políticos. Prova disso é que apenas 17,7% das cadeiras na Câmara dos Deputados e 12,3% no Senado Federal, o que fragiliza a defesa dos seus direitos das mulheres e limita o poder de decisão em termos sociais.

É certo que há avanços recentes em prol das mulheres. Apesar das tantas evoluções sociais, a dicotomia dos gêneros explicita-se no conceito de "misoginia", entendido como ódio, aversão ou preconceito contra mulheres ou meninas meramente por seu gênero. Esse conceito manifesta-se em comportamentos que variam desde atitudes sutis e naturalizadas até atos de violência deliberada e explícita como a violência doméstica e o feminicídio.

Este texto intenciona apenas pontuar que a desigualdade de gênero permanece como um problema estrutural para o qual se buscam paliativos. Para tanto, não é possível deixar de citar a importância de ações como a Lei Maria da Penha e a atuação local das Delegacias da Mulher, que diariamente recebem denúncias de violência contra a mulher. Tamanho é o problema que a ligação ao número telefônico 180 recebeu 1.558 ligações por dia no ano de 2023.

Oxalá nossos desafios possam ser superados rumo à promoção da igualdade de oportunidades e o respeito aos direitos das mulheres por meio de ações contínuas e coordenadas em diversas áreas, especialmente da educação e da divulgação da cultura de qualidade, a exemplo do que se faz neste jornal!

PUBLIQUE SEU LIVRO



CURIOSIDADES

Por que derramar sal dá azar



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

"A crença de que derramar sal traz azar nasceu do valor histórico do sal como bem raro, essencial à conservação de alimentos e símbolo de pureza."



Os registros do uso do sal remontam a 5 mil anos. Ele já era usado na Babilônia, no Egito, na China e em civilizações pré-colombianas. Na Roma Antiga e Idade Média, o sal era extremamente valioso, usado como moeda e símbolo de pureza.

Apesar de encher os oceanos, brotar de nascentes e rechear camadas subterrâneas, o sal já foi motivo de uma verdadeira obsessão, desde o começo da civilização até cerca de 100 anos atrás.

No Brasil, a partir de 1808, quando D. João VI, ameaçado por Napoleão, transferiu para o Rio de Janeiro a sede do império português, a extração e o comércio de sal foram permitidos no reino, mas persistia, ainda, a importação.

As primeiras salinas artificiais começaram a funcionar no Brasil depois da independência.

Esteja você num bar, lanchonete ou à frente da mais refinada mesa, haverá sempre um saleiro ao seu alcance. Pois, acredite, essa substância que hoje temos fartamente à disposição foi um dos bens mais desejados da história humana.

O sal, que Platão chamava de "uma graça especial dos deuses", figura com frequência nos rituais religiosos desde a Antiguidade. Para os judeus, ele simboliza a eterna aliança de Deus com o povo de Israel. Na sexta à noite, os seguidores do judaísmo molham o pão do sabá em sal.

Na liturgia católica, o sal do batismo é associado à longevidade e à vida eterna. Há indícios históricos de que esse ritual tenha raízes anteriores ao surgimento do Cristianismo. Em algumas regiões da Europa, já era hábito colocar sal na língua dos recém-nascidos com a intenção de purificar e proteger os bebês.

O ativista indiano Mahatma Gandhi resolveu, então, liderar uma campanha pela independência, e o sal acabou se tornando um dos pretextos para a união do povo dominado. Afinal, todos comiam com sal, independentemente da casta de origem. A única exceção era o próprio Gandhi, que se abstinha do tempero havia seis anos em sinal de rebeldia.

O sal é uma necessidade vital. Sem sódio, o organismo seria incapaz de transportar nutrientes ou oxigênio, transmitir impulsos nervosos ou mover músculos, inclusive o coração. Quimicamente, a definição de sal é bem simples: trata-se de uma substância produzida pela reação de um ácido com uma base. Como há muitos ácidos e bases, há vários tipos diferentes de substâncias que podem ser chamadas de sal. O que chamamos popularmente de sal de cozinha, ou simplesmente sal, é o cloreto de sódio formado a partir da reação do ácido clorídrico com a soda cáustica. A principal fonte dessa substância é a água do mar, porém ela também pode ser encontrada em jazidas subterrâneas, fontes e lagos salgados. "A história do mundo está intimamente ligada ao sal. Esse ingrediente tão presente em todas as mesas provocou mais disputas, revoluções e guerras do que a prata, o ouro e as pedras preciosas em conjunto. Foi um dos bens mais desejados da humanidade". (Revista Estilo Zaffari, 2025).

Entre temperos e superstições

Uma série de crendices também esteve relacionada ao sal. Na Europa Medieval, prestava-se muita atenção à maneira como se manipulava essa substância. A etiqueta recomendava que o sal fosse tocado com a ponta da faca jamais pelas mãos humanas.

Judeus e muçulmanos acreditam, ainda hoje, que o sal protege contra o mau-olhado. Preceitos judaicos determinam que ele seja manipulado apenas pelos dedos médio e anular. A crença reza que, se um homem utilizar o polegar, suas crianças morrerão; se usar o mínimo, ficará pobre; se escolher o indicador, virará um assassino.

Por ser um produto valioso, essencial para a conservação de alimentos e associado à pureza, ele transita entre o misticismo da proteção e o medo do azar.

Até o início da industrialização e em diferentes civilizações, o sal na mesa significou prestígio, orgulho, segurança e amizade. A expressão romana para exprimir ser infiel a uma amizade era "trair a promessa e o sal". Desde aqueles tempos, a ausência de um saleiro sobre a mesa, ou o sal derramado, representavam um mau presságio. Ao pintar a famosa "Santa Ceia", Leonardo da Vinci tratou de colocar diante de Judas um saleiro derramado.

Abaixo estão as principais crendices populares:

• Derrubar sal dá azar: esta é uma das crenças mais antigas. Se você derramar sal na mesa ou no chão, diz-se que terá má sorte ou brigas familiares.

• Jogar sal para trás: para anular o azar de ter derramado o sal, a tradição manda pegar uma pitada do sal derramado e jogá-la por cima do ombro esquerdo para cegar o diabo que espreita ali.

• Passar o saleiro de mão em mão: muitas culturas acreditam que passar o saleiro diretamente para outra pessoa atrai desentendimento entre as duas. O correto é colocar o saleiro na mesa para que a outra pessoa o pegue.

• Sal no bolso ou na carteira: colocar alguns grãos de sal na carteira possibilita atrair dinheiro e garantir que a fartura nunca falte.

• Mudar de casa com sal: ao entrar em uma casa nova, muitas tradições recomendam levar primeiro o sal e o topo de um pão para garantir que o novo lar seja próspero e protegido.

• Vassoura com sal atrás da porta: para despachar aquela visita chata que não vai embora, o truque popular é colocar uma vassoura de ponta-cabeça atrás da porta com uma pitada de sal em cima.

• No Havaí, a pessoa que volta de um funeral polvilha sal sobre si mesma para garantir que maus espíritos que rondassem o defunto não a acompanhem em casa.

• No Japão, espalha-se sal no palco antes da apresentação para evitar que maus espíritos joguem pragas sobre os atores.

• Em muitos países, espalha-se sal no umbral da porta de uma casa nova para impedir a entrada de maus espíritos.

Então: derramar sal não traz azar de verdade. É apenas uma superstição que nasceu do valor histórico do sal e se espalhou como tradição cultural. Uma das razões é que o sal já foi muito valioso e difícil de ser obtido, mas cada povo tem sua crença a respeito do assunto.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/10/2026"

PUBLIQUE CONOSCO

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

• **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
• **Ensaios:** filosóficos e temas culturais.
• **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
• **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
• **Resenha:** de livros e Filmes.
• **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
• **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
• **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI

CURIOSIDADES



Cartas, Poções e Venenos:

A História Secreta das Mulheres na Corte Europeia

POR
The Bard News, Redação

Quando pensamos nas cortes europeias, logo imaginamos reis poderosos, batalhas por territórios e alianças políticas. Mas, por trás dos tronos, havia uma força silenciosa, e extremamente estratégica: as mulheres.

Embora muitas vezes relegadas ao segundo plano nos registros oficiais, elas estavam longe de serem meras coadjuvantes. Com inteligência, charme e, às vezes, métodos nada convencionais, essas mulheres influenciaram os rumos da história de maneira surpreendente.

Cartas secretas, poções misteriosas, venenos letais. Eram essas as armas de um jogo silencioso, mas altamente eficaz.

As cartas, por exemplo, eram mais do que simples mensagens. Em uma época sem telefone, e muito menos internet, escrever era uma arte e uma ferramenta de poder. Através de palavras bem escolhidas, elas teciam redes de influência, negociavam alianças e tramavam conspirações que poderiam mudar o destino de um reino.

Muitas dessas cartas vinham recheadas de códigos e mensagens cifradas. A ideia? Que ninguém, além do destinatário, soubesse do que se tratava. Catarina de Médici dominava esse jogo como ninguém. Com sua habilidade de manipular os bastidores políticos da França, ela fez das palavras suas principais aliadas.

Mas nem só de papel e tinta vivia a influência feminina nas cortes.

Havia também o conhecimento ancestral, passado de mãe para filha, sobre ervas, raízes e infusões. Poções que podiam curar, seduzir ou incapacitar. Um saber poderoso, guardado a sete chaves, que dava a essas mulheres um tipo de controle invisível… e muito eficiente.

E então, temos o elemento mais sombrio dessa história: o veneno.

Num ambiente onde traições e disputas de poder eram rotina, o veneno se destacava por sua discrição. Bastava uma dose na taça certa e pronto: um obstáculo político a menos.

Lucrécia Bórgia virou lenda nesse aspecto. Verdade ou exagero, o fato é que seu nome até hoje carrega a aura do mistério, da manipulação e do medo. Um reflexo da imagem que se fazia, e ainda se faz do poder feminino: algo sutil, mas perigosamente eficaz.

Mesmo com todas as limitações impostas pela sociedade da época, as mulheres da corte souberam encontrar brechas. Atuaram como conselheiras, diplomatas informais, estrategistas. Por meio de casamentos bem calculados, alianças políticas e um jogo de cintura admirável, moldaram decisões, influenciaram reis e ajudaram a desenhar o mapa da Europa.

"As cartas, por exemplo, eram mais do que simples mensagens. Em uma época sem telefone, e muito menos internet, escrever era uma arte e uma ferramenta de poder."

Elizabeth I é um exemplo clássico. Usou sua posição com maestria para consolidar o poder da Inglaterra e ampliar sua influência. Uma mulher só, enfrentando um mundo de homens e vencendo o jogo.

Além do poder político, muitas dessas mulheres também foram mecenas das artes e das ciências. Patrocinaram artistas, introduziram novas modas, lançaram tendências. Deixaram sua marca na cultura, na estética e no imaginário europeu.

Hoje, o legado delas ainda pulsa — nos livros de história, nas séries, nos filmes. São histórias de astúcia, coragem e resistência. De mulheres que, mesmo nas sombras, brilharam.

E nos lembram que, às vezes, o poder mais impactante é aquele que não se vê de imediato.

Mas que transforma tudo por onde passa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/03/2025"

Muito além dos salões:
poder nas sombras da corte



Por trás dos tronos e dos salões iluminados, mulheres discretas moviam as engrenagens do poder com inteligência, estratégia e ousadia. Na Europa das intrigas palacianas, elas dominavam a arte da escrita cifrada, usando cartas codificadas para tramar alianças, proteger segredos e derrubar inimigos.

Muitas se dedicavam à alquimia, explorando os mistérios da transformação da matéria em busca de poder e conhecimento, um saber que antecipava a ciência moderna. Outras atuavam como conselheiras influentes, tecendo acordos políticos, manipulando decisões e garantindo a ascensão de suas famílias em meio a jogos de interesses e rivalidades.

Essas mulheres também conheciam o poder das ervas: preparavam remédios, sedativos e, em alguns casos, venenos sutis, armas silenciosas em tempos de traições constantes. Eram espiãs, patronas das artes, estudiosas e, muitas vezes, praticantes de rituais místicos que refletiam a fusão entre fé, superstição e sobrevivência.

Muito além do papel decorativo que a história oficial costuma lhes atribuir, essas figuras femininas moldaram culturas, influenciaram governos e deixaram marcas profundas nas decisões que definiram o destino de nações.

Foram estrategistas silenciosas, e poderosas que escreveram, nos bastidores, capítulos fundamentais da história europeia.

A Invenção que deu voz ao Mundo:

Como a Prensa de Gutenberg Transformou a História

O nascimento da imprensa desencadeou uma revolução cultural, unindo conhecimento, inovação e transformação social.

POR
The Bard News, Redação

No século XV, uma revolução silenciosa, mas profunda, começou em um modesto ateliê em Mainz, na Alemanha. Johannes Gutenberg, um habilidoso ourives e visionário, criou uma tecnologia que alteraria para sempre a disseminação do conhecimento: a imprensa de tipos móveis. Essa única invenção gerou um efeito cascata através das culturas, moldando o Renascimento, impulsionando a Reforma e lançando as bases para a era moderna da informação.

Antes de Gutenberg, os livros eram copiados manualmente, muitas vezes por escribas monásticos. Esse processo trabalhoso tornava os livros escassos, caros e geralmente reservados para a elite — nobres, clérigos e ricos comerciantes. O conhecimento era um privilégio guardado, um luxo inacessível para a maioria. A inovação de Gutenberg rompeu esse monopólio, democratizando a informação e dando origem a uma sociedade mais alfabetizada e informada.

Revolucionando a Palavra Escrita

O gênio de Gutenberg estava na sua capacidade de adaptar e combinar tecnologias existentes. Os tipos móveis já haviam sido usados na China séculos antes, mas Gutenberg os refinou ao desenvolver tipos metálicos reutilizáveis feitos de uma liga durável. Isso foi complementado por uma nova tinta à base de óleo, que aderiu melhor ao papel, e uma prensa mecânica inspirada nas usadas na produção de vinho. Juntas, essas inovações criaram um sistema eficiente, durável e escalável.

O primeiro grande trabalho a emergir da prensa de Gutenberg foi a Bíblia de 42 linhas, frequentemente chamada de Bíblia de Gutenberg, concluída por volta de 1455. Essa obra-prima foi tanto um triunfo tecnológico quanto artístico. Cada página apresentava colunas de texto uniformes, impressas com clareza notável, e frequentemente era decorada com ilustrações pintadas à mão, unindo o velho mundo da iluminação de manuscritos com o novo mundo da produção em massa.

Impulsionando o Renascimento

A prensa surgiu em um momento crucial da história. A Europa já passava por um renascimento cultural, com estudiosos, inspirados pela redescoberta de textos clássicos, começando a questionar crenças antigas. O Renascimento celebrava o potencial humano, a criatividade e a busca pelo conhecimento — valores que a imprensa amplificou exponencialmente.

Antes da prensa, compartilhar novas ideias era um processo lento e localizado. Agora, os textos podiam ser reproduzidos rapidamente e distribuídos por vastas distâncias. Pensadores como Erasmo, Copérnico e Maquiavel viram suas obras alcançarem públicos muito além de seus círculos imediatos, provocando debates que moldariam disciplinas da ciência à política. A prensa não apenas disseminou conhecimento; ela acelerou sua evolução.

Um dos exemplos mais marcantes disso foi a publicação de mapas e textos geográficos, que impulsionaram a Era das Grandes Navegações. A tecnologia de Gutenberg permitiu a disseminação dos mapas de Ptolomeu e, mais tarde, cartografias atualizadas, armando exploradores com conhecimentos vitais que abriram caminho para a navegação global.



A Imprensa e a Reforma Protestante

Talvez nenhum evento ilustre melhor o poder transformador da imprensa do que a Reforma Protestante. Em 1517, Martinho Lutero pregou suas 95 Teses na porta de uma igreja em Wittenberg — um ato ousado, mas localizado, de dissidência. No entanto, foi a imprensa que transformou esse momento em um movimento.

As Teses de Lutero foram rapidamente reproduzidas e distribuídas por toda a Europa, desencadeando discussões generalizadas sobre o papel da Igreja, a interpretação das escrituras e a natureza da fé. Pela primeira vez, pessoas comuns puderam acessar textos religiosos em suas línguas nativas, minando o monopólio da Igreja sobre a interpretação bíblica. Essa democratização do conhecimento religioso alimentou não apenas debates teológicos, mas também mudanças políticas e sociais.

O papel da imprensa na Reforma destaca sua natureza dual como ferramenta de libertação e conflito. Enquanto empoderava vozes como a de Lutero, também espalhava propaganda e inflamava divisões sectárias, mostrando que o controle da informação é tanto um poder quanto uma responsabilidade.

Criando uma Esfera Pública

Além de seus impactos imediatos na religião e nas artes, a imprensa fomentou o surgimento de uma esfera pública. Com livros, panfletos e, eventualmente, jornais mais acessíveis, as taxas de alfabetização começaram a subir. Pela primeira vez, cidadãos comuns puderam interagir com ideias, formando opiniões e participando de conversas culturais mais amplas.

O advento dos jornais no século XVII — como o Relation, frequentemente considerado o primeiro jornal moderno — exemplifica ainda mais isso. Notícias e comentários impressos regularmente conectavam comunidades, reduziam distâncias e lançavam as bases para o discurso democrático. A mídia de massa de hoje, desde impressos até plataformas digitais, deve sua existência à revolucionária prensa de Gutenberg.

Ramificações Culturais e Sociais

A imprensa não apenas remodelou a vida intelectual; ela influenciou a cultura cotidiana. O aumento dos livros impressos tornou a alfabetização uma habilidade valiosa, incentivando governos e instituições a priorizarem a educação. Com o tempo, essa mudança levou à criação de escolas públicas e bibliotecas, promovendo uma cultura de aprendizado ao longo da vida.

Entretanto, a imprensa também enfrentou desafios. A rápida disseminação de informações significava que desinformações e sensacionalismo podiam viajar tão rapidamente quanto a verdade. Os primeiros panfletos impressos frequentemente traziam afirmações exageradas ou falsas, antecipando os fenômenos de "fake news" dos dias atuais. Isso destaca a necessidade perene de pensamento crítico e alfabetização midiática em uma era de abundância de informações.

De Gutenberg ao Google

A invenção de Gutenberg marcou o início de uma jornada que continua hoje. A prensa foi a precursora das tecnologias modernas de comunicação, do telégrafo à internet. Cada inovação se baseia em seu legado, expandindo a capacidade da humanidade de compartilhar conhecimento e se conectar além das fronteiras.

Os paralelos entre a era de Gutenberg e a era digital atual são impressionantes. Assim como a prensa desafiou as hierarquias medievais do conhecimento, a internet questiona os guardiões contemporâneos da informação. Ambas as eras lidam com questões de acesso, autenticidade e uso ético da tecnologia. No entanto, a lição central permanece: o conhecimento é poder, e sua disseminação molda o curso da história.

Um Legado Gravado em Impressão

Johannes Gutenberg pode não ter vivido para ver o impacto completo de sua invenção, mas seu legado é inegável. Ao tornar o conhecimento acessível a todos, ele lançou as bases para revoluções na ciência, arte, política e sociedade. A prensa deu voz à humanidade e, ao fazê-lo, transformou o mundo.

Enquanto navegamos por nossa própria era de rápidas mudanças tecnológicas, a história de Gutenberg nos lembra do poder duradouro da inovação para conectar, inspirar e capacitar. Sua invenção foi mais do que uma máquina; foi uma chave que desbloqueou o potencial coletivo da humanidade, mudando para sempre a forma como compartilhamos, aprendemos e sonhamos.

COMPORTAMENTO

Como a inveja se reinventou nas redes sociais



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/09/2026"

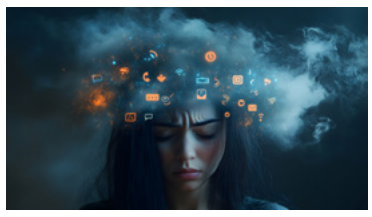
"Na atual era da hiperconectividade, a comparação tornou-se uma prática cotidiana. Mais do que um sentimento tradicional, a inveja manifesta-se de maneiras inéditas, impulsionada pela cultura da exposição, pelos algoritmos e pela constante busca por reconhecimento.."



Na atual era da hiperconectividade, a comparação tornou-se uma prática cotidiana. Mais do que um sentimento tradicional, a inveja manifesta-se de maneiras inéditas, impulsionada pela cultura da exposição, pelos algoritmos e pela constante busca por reconhecimento.

A comparação é o ladrão da alegria. A frase, muitas vezes atribuída ao ex-presidente dos EUA Theodore Roosevelt (o ditado, no entanto, não é verificado e não há evidências documentais de quem o disse) nunca fez tanto sentido; em uma era em que você pode deslizar o dedo pela tela de um smartphone e seguir centenas de histórias em poucos minutos, comparar-se é um fenômeno quase automático.

E, como resultado, a humanidade se viu sentindo um dos sentimentos mais antigos: a inveja. Nunca estivemos tão conectados. A tecnologia reduziu distâncias, aproximou famílias separadas por oceanos, democratizou o acesso à informação e permitiu que as pessoas se comuniquem mais facilmente. Hoje qualquer um pode compartilhar ideias, promover seu trabalho, defender uma causa ou celebrar uma conquista diante de milhares de pessoas.



Mas, toda tecnologia traz novos problemas humanos. As redes sociais se tornaram um grande espetáculo da vida. E nelas, é mais provável que mostremos nossas melhores versões: viagens, livros publicados, medalhas conquistadas, promoções, formaturas, encontros felizes e fotos cuidadosamente selecionadas.

Raramente há crises de ansiedade, noites sem dormir, contratempos profissionais, dificuldades familiares ou medos que acompanham cada experiência de vida humana. As consequências são inevitáveis: começamos a comparar os bastidores de nossas vidas com os holofotes das vidas dos outros.

Pesquisas em Psicologia e Ciências Sociais mostraram que o uso das redes sociais, quando conectado à comparação constante, pode contribuir para sentimentos de inadequação, ansiedade, baixa autoestima e insatisfação com a própria vida, além de uma sensação de estar sendo julgado.



O problema não é a tecnologia, mas sim a forma como sabemos que estamos usando a tecnologia, como a estamos usando e o que vemos. Esta é a verdadeira razão pela qual a inveja encontrou novas formas e se tornou cada vez mais disseminada. E é por isso que a inveja assumiu diferentes dimensões. Ela não se manifesta mais em rivalidade aberta ou hostilidade. É mais sutil e sofisticada. Esconde-se na ausência de reconhecimento, no comentário irônico, na crítica disfarçada de preocupação, no desejo de diminuir o talento dos outros ou simplesmente na dificuldade de realmente se alegrar com a felicidade alheia. Aristóteles descreveu a inveja como tristeza causada pelo bem alheio.

Sua reflexão ainda está muito presente. Somos menos afetados pelo que não temos e mais pela sensação de que alguém semelhante a nós já alcançou o que pensávamos ser capazes de alcançar. A comparação tornou-se a marca registrada da cultura digital. Quantas vezes abrimos uma rede social apenas para olhar e, nos minutos seguintes, questionar nossa própria jornada. Vemos alguém viajando e pensamos que precisamos viajar mais. Um colega publica um livro; outro ganha um prêmio; um terceiro obtém um doutorado ou decide iniciar um novo negócio. Sem saber, transformamos histórias diferentes em uma competição imaginária. Mas estamos realmente competindo?

A resposta poderia ser Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo." O autoconhecimento é um dos melhores antídotos para a comparação excessiva. Pessoas que conhecem sua própria história entendem que cada vida é única e tem seu próprio tempo, missão e ritmo (assim como flores que florescem na primavera; outras apenas no verão), mas elas têm um propósito. Vivemos no mundo da imediatidade e queremos sucesso instantâneo e rápido. Admiramos a imagem da chegada, mas raramente vemos a longa jornada que a precedeu. Ninguém vê as horas de estudo antes do diploma, as rejeições antes de um resultado profissional, o sacrifício de uma carreira, os medos e as novas esperanças por trás de um sorriso nas redes sociais.

A tela do telefone, notebook etc., mostra apenas o resultado e quase nunca o processo. É precisamente nesse vazio que a inveja encontra terreno fértil. Mas talvez o aspecto mais preocupante desse fenômeno seja outro: a inveja não apenas aprisiona aqueles que são seu alvo. Ela também aprisiona, mais importante, aqueles que a cultivam.



Sêneca alertou que os invejosos nunca encontram paz, porque a felicidade depende da infelicidade dos outros. É uma prisão invisível, construída não em paredes, mas por comparações incessantes.

Aqueles que vivem apenas da perspectiva das vidas dos outros nunca conseguem se lembrar de construir a sua própria. Mas há uma saída desse ciclo que é a gratidão. Gratidão não é estar no mesmo lugar ou negar sonhos. É reconhecer sua jornada e aprender que cada experiência é transformadora que nos leva ao entendimento, de que a vida não se encaixa no relógio das redes sociais e aceitar que os outros se saem bem e que o brilho de uma estrela nunca impede outra de brilhar no céu.

Platão disse que educar é conduzir a alma ao bem. No século XXI, educar também significa formar pessoas que serão capazes de usar a tecnologia sem deixar que ela determine o seu valor e, que devemos ensinar crianças, jovens e adultos que curtidas não representam caráter, seguidores não definem grandeza e algoritmos nunca substituirão relações humanas genuínas.

As redes sociais continuarão evoluindo. Novas plataformas serão criadas, a inteligência artificial produzirá conteúdos mais complexos e os algoritmos conhecerão nossos hábitos com precisão crescente. Mas nenhuma inovação tecnológica substituirá o que torna o ser humano uma pessoa imbuída de valores morais e éticos. Entretanto, a empatia, solidariedade, humildade e a capacidade de se alegrar sinceramente com a felicidade dos outros nos tornam pessoas melhores e mais acolhedoras.



Na realidade, as redes sociais não incitaram a inveja, apenas ampliaram sua visibilidade e disseminação. O que antes era restrito ao ambiente familiar, profissional ou comunitário agora se tornou uma questão diante de milhares de testemunhas ao mesmo tempo, em tempo real. O algoritmo não gera emoções humanas; ele lhes dá um palco permanente. Talvez, por essa razão, o maior desafio do nosso tempo não seja tecnológico, mas ético. A questão não é quantos seguidores construiremos, quantas curtidas obteremos ou quantas postagens faremos ao longo da vida.

A verdadeira questão é outra: seremos capazes de preservar nossa humanidade contra o movimento rápido das redes? E a resposta será baseada menos na inteligência das máquinas e mais na sabedoria de nossas decisões. Porque a inveja continua aprisionando. A admiração ainda inspira. E a gratidão ainda é a maneira mais livre, consciente e profundamente humana de viver em um mundo cada vez mais conectado.

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



COMPORTAMENTO

A Epidemia da Reclamação e o Poder Transformador da Gratidão



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: "A história da exclusão das Pessoas com deficiência"; "Memórias de Estágio"; "Problematizando a inclusão do estudante surdo".
@sandraassantiago



Estudiosos das neurociências chamam a atenção para o fato de que a reclamação é potencialmente capaz de imprimir sérios prejuízos ao cérebro e, consequentemente à saúde mental do indivíduo. Com isso, afirmam que seus efeitos podem ser sentidos no encolhimento do hipocampo e no ciclo de negatividade que se estabelece como padrão entre as pessoas que reclamam excessivamente. Tal encolhimento do hipocampo é causado pelo estresse crônico que as pessoas que muito reclamam, vivenciam. Esse fato afeta diretamente a parte do cérebro que é diretamente responsável pela memória e pela resolução de problemas. Mas, este não é o único prejuízo a ser sentido. O excesso de cortisol que é constantemente liberado, mantém o corpo em constante estado de alerta, o que gera graves transtornos de ansiedade. E assim, a cada nova reclamação, mais pensamentos negativos, mais cortisol, mais estresse, mais negatividade, portanto, um ciclo sem fim.

De tal modo, a saúde física e mental da pessoa que muito reclama tende a sofrer abalos constantes, ainda que ela não perceba isso. Os impactos mais comuns relatados em pesquisas sobre o assunto são: a baixa imunidade, os problemas cardíacos e a fadiga crônica. É comprovado que o estresse é um importante causador de enfraquecimento das defesas do corpo, e quanto mais alto o estresse maior o risco de infecções.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/09/2026"



COMPORTAMENTO
- Leia o artigo completo no Site

De fato, a reclamação é uma grande epidemia moderna, e alguns nem sabem exatamente sobre o que protestam ou reclamam. Pesquisas neurocientíficas indicam que a reclamação como um hábito frequente é capaz de alterar a estrutura do cérebro humano, prejudicando, inclusive a saúde física, além da saúde emocional, gerando impactos, inclusive, nas relações. Afinal, quem gosta de estar ao lado de alguém que reclama de tudo e de todos, o tempo todo?



As constantes reclamações são, ao mesmo tempo, expressões do estresse e causadoras de estresse. Logo, pode se dizer que reclamar não ajuda, mas, desajusta. Está longe de ser uma válvula de escape, como alguns pensam. Na verdade, RE-CLAMAR é repetir o que faz mal, o que desequilibra. Esses desequilíbrios elevam o risco de doenças, especialmente as cardiovasculares, além de contribuírem ou desencadearem outros problemas, tais como a baixa qualidade do sono, o consumo de álcool e de drogas, o uso da alimentação como fonte de compensação, dentre outros. Portanto, a reclamação não traz nenhum benefício, pelo contrário, desgasta e consome energia mental em situações que não vale a pena, pois, quem reclama, não busca soluções.

Na contramão da reclamação, temos a gratidão. Embora, pareça uma expressão oriunda das religiões e que está sendo usada para conformar as pessoas, a própria ciência demonstra seus benefícios para o cérebro. Para Fuschia Sirois, a gratidão não é apenas um gesto educado, mas uma ferramenta neurobiológica real. Para a pesquisadora da Universidade de Sheffield, na Inglaterra, a gratidão tem papel decisivo em nossa saúde e bem-estar, pois, a prática da gratidão ativa o sistema de recompensa do cérebro e reduz o estresse.

Como se constata cientificamente, a prática da gratidão tem variados benefícios, ao mesmo tempo que estimula áreas essenciais do cérebro, impacta o corpo com seus efeitos positivos. A gratidão ainda nos torna mais empáticos, o que significa melhoria nas relações sociais. Portanto, a gratidão age no individual e no social, pois, contribui com o aumento da produção de dopamina, serotonina e ocitocina e, consequentemente, tende a melhorar a qualidade de sono, de motivação nas atividades diárias, ao mesmo tempo em que reduz o estresse.



De tal modo, se bem soubéssemos, aproveitaríamos os impactos positivos que a prática da gratidão nos proporciona, e começaríamos, imediatamente, a um exercício diário de agradecimento. Comece hoje mesmo, eleja fatos, pessoas ou situações diárias que merecem sua gratidão. Registre para poder recordar, quando por alguma razão, você estiver a reclamar.

A gratidão fortalece laços de união, confiança e generosidade entre as pessoas, faz com que possamos enfrentar momentos difíceis com foco em soluções, em vez de reclamação. A gratidão nos chama para o momento presente, nos incentiva à contemplação, à comunhão com os que nos cercam, à relação com a natureza e com a divindade. Atualmente, pode se dizer que, apesar da epidemia da reclamação, a gratidão vem assumindo um lugar de destaque no debate popular. Mas, no campo acadêmico, temas como esse tem sido cada vez mais frequentes. Se no campo religioso, a gratidão é um mero dever para com a esfera divina, em diferentes escolas filosóficas, a gratidão é uma virtude moral, capaz de promover desenvolvimento, conhecimento e felicidade. Para Cicero, ela é a mãe de todas as virtudes humanas, enquanto para Robert Emmons, ela é como um músculo social que gera reciprocidade e justiça social. Mas, para a neurociência, a gratidão é um antídoto natural capaz de inibir a ruminação mental negativa e trazer o indivíduo para a criatividade e a resolutividade, tão necessárias nos dias hodiernos.

Sendo assim, são evidentes os prejuízos da reclamação, por um lado, e os benefícios da gratidão, por outro. O que escolhemos? É evidente que, nos dias atuais, é fácil ser tragado pela prática da reclamação, ainda mais quando nos deparamos constantemente com situações estressantes, revoltantes e injustas. Além disso, os meios de comunicação tendem a divulgar o conflito, as guerras, a miséria e o caos. Por vezes, somos conduzidos a nos entregar ao ciclo vicioso da reclamação. Mas, não esqueça, esse lugar parece fácil, mas, paulatinamente, te leva ao adoecimento, à desesperança.

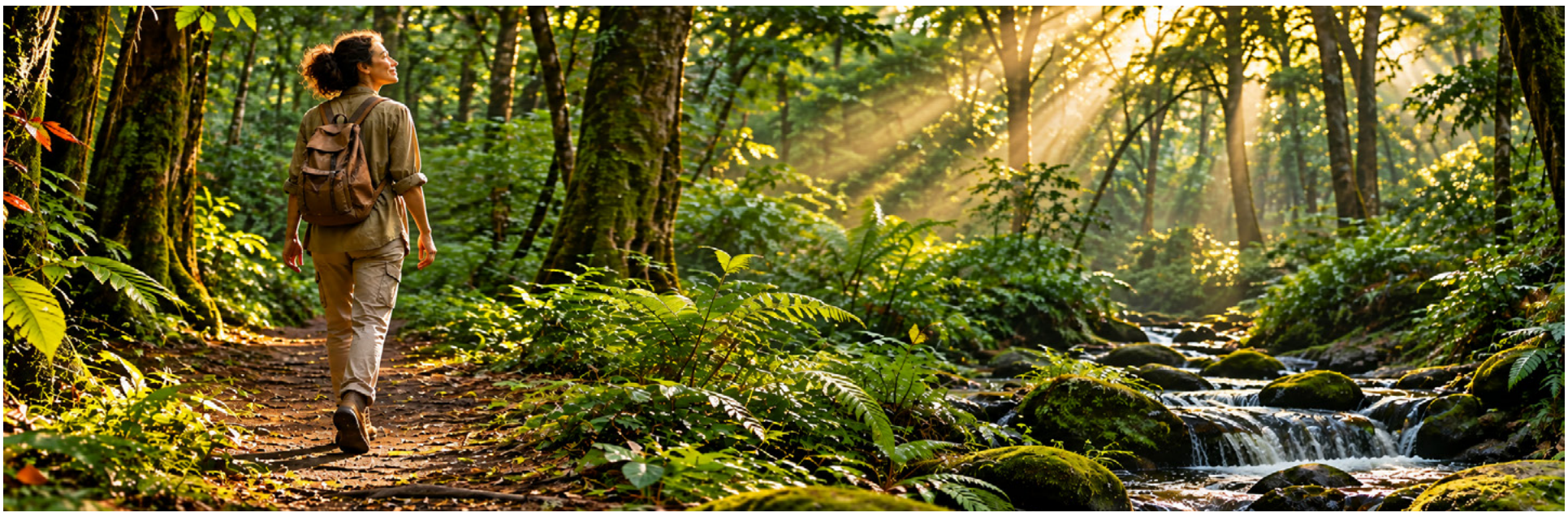
A neurociência também comprova que todos possuímos os tais "neurônios-espelho" e que são eles que fazem com que nosso cérebro seja influenciado e influencie as pessoas ao nosso redor. Somos contagiados pela reclamação, assim como contagiamos os que nos cercam com nossas reclamações diárias. Mas, podemos ser contagiados e contagiar as pessoas com uma postura de gratidão. Pois é, tanto a reclamação como a gratidão podem ser contagiosas. Você pode escolher! Uma pessoa estressada, com reclamações constantes, atrai pessoas semelhantes para perto de si. Mas, uma pessoa grata também atrai pessoas que se afinam com ela. Que pessoas você está atraindo para perto? Pense nisso!





SAÚDE & BEM-ESTAR

Banhos da Floresta: por que a natureza restaura a mente?



SAÚDE & BEM-ESTAR
- Leia o artigo completo no Site



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Conectar-se com a natureza é a melhor escolha para manter corpo e mente saudáveis. Um banho de floresta pode recarregar suas baterias com essa energia pura. A partir desse princípio, foi criada a terapia japonesa, o Shinrin-Yoku, que significa "banho de floresta", que, na verdade, seria como receber um banho terapêutico ao sentir a energia da floresta durante uma caminhada, desintoxicando-se de todas as tensões da vida agitada.

Os Banhos de Floresta são uma prática de bem-estar baseada na natureza que aprimora nossa capacidade natural de nos adaptarmos às mudanças em nossas vidas, de forma mais positiva e saudável, apoiando uma melhor qualidade de vida.

A conexão com a natureza e fortalece as relações sociais, impulsionando os efeitos terapêuticos e restauradores da natureza para a saúde e o bem-estar.

Longe de ser um passeio comum ou uma caminhada com objetivos físicos, o Banho de Floresta é uma experiência sensorial e meditativa de conexão com a natureza. Criado no Japão nos anos 1980 como uma resposta ao aumento do estresse urbano e dos problemas de saúde mental, o shinrin-yoku pode ser traduzido literalmente como "absorver a atmosfera da floresta".

A conexão entre os seres humanos e o ambiente natural tem sido cada vez mais estudada e está sendo reconhecida, por pesquisadores e profissionais da saúde, quanto aos seus benefícios físicos e mentais. Ele envolve a imersão na atmosfera natural com participação consciente, percebendo e absorvendo o ambiente natural com todos os nossos sentidos. Essa prática é associada a vários benefícios para a saúde. Redução do estresse, fortalecimento do sistema imunológico, melhoria da função cognitiva.

Assim, desempenha um papel fundamental no alívio do estresse e na busca do equilíbrio mental e emocional. À medida que cresce a conscientização sobre a importância do bem-estar, os banhos de floresta se tornam uma maneira poderosa de integrar a conexão com a natureza na vida cotidiana, melhorando a saúde e o bem-estar geral.

Em outros cantos do mundo, o Banho de Floresta também é conhecido como silvoterapia, termo que vem do latim silva (floresta) e therapia (cura). A ideia de que as árvores e os espaços naturais possuem propriedades curativas não é nova: civilizações antigas já reconheciam a sabedoria da natureza como parte do processo de cura.

Hoje, terapeutas naturais e ecopsicólogos defendem a silvoterapia como uma forma legítima de cuidado com o corpo e a mente.

Em países como Alemanha, Finlândia e Canadá, há florestas reservadas para práticas de bem-estar, e até médicos que prescrevem tempo na natureza como parte do tratamento para ansiedade e depressão. Os ambientes naturais começaram a ficar escassos, principalmente depois do crescimento das cidades que eram rurais e viraram metrópoles. E o homem começou a se afastar da natureza, de suas raízes ancestrais.

A vida moderna ficou superagitada. E a pressa virou, realmente, inimiga da perfeição. Motivo que deu força ao surgimento de movimentos para frear essa tendência, como o movimento slow, que deu início a outros movimentos semelhantes.

Pesquisadores da Universidade de Chiba, liderados por Yoshifumi e Miyazaki, estudaram os benefícios de estar em total contato com a floresta. Por meio de um biomarcador de estresse, eles determinaram que aquelas pessoas em contato com ambientes urbanos apresentavam níveis mais altos de cortisol em comparação com aquelas em contato com um ambiente natural.

Essas atividades estão relacionadas ao prazer, pois as árvores liberam compostos voláteis benéficos para o sistema imunológico. Esses compostos são conhecidos como fitonídios, antimicrobianos que, por serem benéficos à saúde, são aplicados na medicina holística. Um dos mais famosos "manuais" existentes é o Guia dos Banhos de Floresta, escrito por Amos Clifford, tem a proposta do restabelecimento com seu DNA ancestral, a partir do reencontro com suas raízes, por meio da terapia japonesa. Seria como a redescoberta de seu elo perdido.

É simples tomar um bom banho de floresta: respire fundo. Sinta o vento no rosto. Respire o aroma das flores. Pense na vida. Curta a vida! Porque a vida é curta!

Dr. Angela Fetzner ressaltam a floresta como lugar para desacelerar e curar. Especialmente nos dias de hoje, de constante sobrecarga sensorial e ritmo crescente, o desejo de desaceleração e relaxamento está crescendo. O aroma intenso, musgo, o chão úmido da floresta como um lugar especial de poder, tem um forte efeito curativo em nossa psique e corpo. Uma estadia na floresta nos faz bem; sentimos isso intuitivamente. Esse ambiente nos fundamenta, nos dá força, vitalidade, relaxamento, serenidade e paz interior. O banho de floresta também fortalece o sistema imunológico e a resistência do organismo. O sistema cardiovascular e o sistema músculo - esquelético também se beneficiam.

Os banhos de floresta são particularmente úteis em situações psicologicamente estressantes, em momentos de estresse, bem como em casos de depressão e transtornos de ansiedade.

A proposta é simples: desacelerar, caminhar conscientemente entre as árvores e permitir que todos os sentidos se abram para o ambiente natural. Tocar a casca de uma árvore, ouvir os sons da mata, observar o jogo de luz entre as folhas, sentir o aroma das plantas, respirar profundamente o ar puro.

Por fim, imagine-se caminhando lentamente por entre árvores, sentindo o aroma da terra úmida, escutando o barulho das folhas e o canto dos pássaros ao longe. Sem pressa, sem distrações. Apenas você, seu corpo, sua respiração e a natureza ao redor.

lembrete: pertencemos à natureza. A sensação de paz que emerge ao estar em meio às árvores não é por acaso; é a lembrança ancestral de que a floresta não é um lugar separado de nós, mas uma extensão da nossa própria essência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/10/2026"

CLIQUE AQUI



SAÚDE & BEM-ESTAR

A Espiritualidade é uma Aliada ou uma Alienante para a Saúde Mental?



Por Sandra Santiago
COLUNISTA

Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: "A história da exclusão das Pessoas com deficiência"; "Memórias de Estágio"; "Problematizando a inclusão do estudante surdo".
@sandraassantiago

Desde que se tem registros, o ser humano deixa evidências de sua necessidade de explicações, de uma busca por sentidos que escapam à dimensão material. Rituais, danças, cantos, simbolismos etc. ocuparam (e ocupam) lugar de destaque no cotidiano dos grupos, em contextos distintos, com diferentes objetivos. No passado, seja para vencer uma batalha ou para curar uma doença, o ser humano não o fez sozinho; buscou na natureza, nos ancestrais, nos guias ou nos deuses, o apoio necessário para enfrentar adversidades, compreendendo que há uma dimensão, para além da física, que é possível alcançar, cuidar, tratar e curar.

Assim, desde tempos remotos, temos exemplos claros da interação humana com o que se convencionou chamar de espiritualidade, ou seja, uma atividade do espírito, enquanto esfera não física. De tal forma, a busca pela espiritualidade é uma busca de conexão com algo que seja maior do que o próprio homem; com algo que transcende o mundo material; que escapa ao que é tangível, e cujo acesso se dá por vias como a fé, os sonhos, a intuição e os sentimentos, pois, estes seriam os verdadeiros elos de ligação entre a dimensão física e a dimensão não física, entendidas como parte da natureza humana.

Nessa conexão, para muitas abordagens espiritualistas (Chinesa, Hindu, Cristã), o ser vivencia a expressão máxima de uma convicção profunda, que não exige provas ou garantias materiais para se estabelecer. Mais recentemente, essa visão encontra ressonância com a visão de mundo quântica, uma visão científica, cuja premissa básica é de que a essência de tudo é a energia (não a matéria como defende a física clássica). Portanto, as experiências que o ser humano assimila não se dão somente no plano físico, ou seja, através do corpo físico, mas, em outros corpos mais sutis que integram o ser humano.

Dessa perspectiva, o ser humano possui corpos: espiritual, mental, emocional, físico etc. e, com base nisso, podemos inferir que o adoecimento mental, assim como seu tratamento e a cura não pode se dá (tão somente) por ações direcionados ao corpo físico; precisam alcançar os outros corpos, oferecendo-lhes o "medicamento" compatível com suas necessidades. Então, buscar tratamentos não físicos é, por assim dizer, buscar esse poder superior que os antigos povos acreditavam e buscavam na natureza, nos ancestrais, na divindade etc., integrando todos os corpos em prol da saúde.

Por outro lado, ao longo de séculos, a humanidade foi se distanciando desta concepção, destinando à espiritualidade ao campo das religiões, o que em alguma medida atribuiu a ela um olhar de descrédito. Em meio ao progresso científico, buscando responder às necessidades humanas apenas pela dimensão material, a relação do ser humano com a espiritualidade ficou cada vez mais confusa. Talvez numa necessidade de se sentir poderoso, capaz de caminhar sozinho, sem a presença de algo maior do que ele mesmo, o homem de ciência se destituiu de espírito. Talvez esse desejo desenfreado pelo poder afastou a humanidade daquilo que lhe é inerente: sua espiritualidade. Pouco a pouco, a ciência foi ocupando esse lugar e de algum modo, o ser humano se sente mais criador do que criatura. Mas, isso teve um preço.

É sabido que as sociedades usufruem, na atualidade, de muito mais conforto, facilidades materiais, acesso às informações e às tecnologias de ponta, como nunca antes visto. Mas, contraditoriamente, as pessoas estão cada vez mais perdidas, desemparadas e adoecidas, principalmente, sob o ponto de vista mental. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que desde a última pandemia, o mundo registrou um aumento de 25% em quadros de ansiedade. De acordo com a World Health Organization (WHO), um em cada sete jovens entre 10 e 19 anos sofre de algum transtorno mental. Além disso, a depressão, a ansiedade e outros distúrbios comportamentais estão entre as principais causas de doenças e incapacidades em adolescentes e de que o suicídio é, atualmente, a terceira principal causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade.

No Brasil, não é diferente. Dados do Observatório da Saúde Pública da UMANE indicam que 26,8% da população apresenta diagnóstico de ansiedade. E na última década se registrou um aumento de 43% nos casos de suicídio no Brasil, sendo ainda maior esse percentual entre crianças e adolescentes. Mas, sabemos que há inúmeros casos subnotificados, o que significa que os índices podem ser ainda mais alarmantes.

Diante deste quadro, nos parece sensato admitir que, mesmo em meio grandes achados científicos e avanços tecnológicos, ainda há muita dor, sofrimento e adoecimento mental em todo o planeta, para os quais os recursos materiais não encontram respostas. Fica patente que a ciência não foi capaz de minimizar esses desequilíbrios e trazer paz e felicidade à população. As drogas podem aliviar os sintomas, mas, não resolvem as causas. A medicina convencional ou alopática compreende que a doença advém de agentes externos que atingem o corpo físico ou do mal funcionamento de algum de seus órgãos e, portanto, o tratamento deve incidir sobre esse mesmo corpo em busca de corrigir tais desajustes ou combater agentes nocivos a ele.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/07/2026"

Com o advento do pensamento científico clássico, a partir do qual, "tudo é matéria" se observou um distanciamento entre ciência e espiritualidade, colocando sobre essa última um caráter místico e de menor importância. O viés materialista presente nos diferentes ramos da ciência se faz refletir na Medicina, onde a alopatia carrega a supremacia da dimensão física para os processos de adoecimento, de tratamento e de cura. Nesse sentido, é evidente que nenhuma atenção se dá a espiritualidade como parte da dimensão humana e, portanto, capaz de contribuir como coadjuvante nos processos de tratamento e de cura.

A partir do século XIX, diferentes ramos da ciência moderna, cujas bases são de cunho exclusivamente materiais, passam a explicar o funcionamento da mente humana e nesse sentido, os adoecimentos mentais, começaram a ser estudados como doenças do cérebro ou disfunções orgânicas. Nesse contexto, temos a influência da psicanálise no início do século XX, definindo, grosso modo, a religião e a espiritualidade como fenômenos psicológicos, ilusões, projeções ou necessidades inconscientes, o que, em certa medida, alimenta a ideia de que a fé seria um sintoma ou um sinal de fraqueza, portanto, algo que deveria se afastado do processo de tratamento ou de cura.

Diferente disso, outras medicinas muito antigas (homeopática, chinesa, Ayurveda etc.), seguem apostando na integração de várias dimensões: corpo, mente, espírito como requisitos para a saúde dos corpos. Para a medicina convencional, tudo se processa num corpo biológico. Para a medicina alternativa, há desequilíbrios no campo energético que exigem tratamentos na energia vital. A meditação, o uso de ervas, a massagem, a contemplação ou a oração são recomendados como importantes aliados da saúde física e mental, em diferentes abordagens.

É, somente, mais recentemente, que se observa uma reaproximação entre ciência e espiritualidade. Algumas pesquisas já indicam a espiritualidade como um importante componente da experiência humana e um aliado na busca por significado, portanto, capaz de auxiliar na busca pela saúde mental. Alguns centros médicos e acadêmicos, como a Universidade de Medicina de Harvard, nos Estados Unidos ou na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e na Universidade de São Paulo (USP), no Brasil, têm debatido os benefícios da fé para a saúde emocional.

De tal modo, nas últimas décadas, a espiritualidade passou a ser investigada cientificamente e alguns estudos já apontam que indivíduos com uma vida espiritual ativa apresentam, em média, menores índices de depressão, menor incidência de abuso de álcool e drogas e menor risco de suicídio. Tais estudos destacam ainda que práticas como a meditação e a oração estão associadas a uma melhor regulação emocional e resiliência, especialmente, em quadros de doenças mentais.

No passado, se evidencia um esforço da ciência para afastar a dimensão espiritual da prática clínica, mas, no presente, existe um movimento de parte da academia que busca integrar o tratamento médico com a espiritualidade, com respeito ao modo como cada indivíduo a experimenta. Assim, temos um conceito de saúde como um bem estar que não se limita ao corpo físico, mas, se relaciona com elementos espirituais, emocionais, mentais, sociais etc.

Ainda é forte a associação da espiritualidade às práticas religiosas, pois, tem sido, tradicionalmente, por meio da religião que muitas pessoas se dedicam à espiritualidade, mas, é importante salientar que a espiritualidade não se limita à religião. Na verdade, a espiritualidade é um conceito que escapa ao âmbito religioso, pois, não necessita de dogmas ou de instituições para se manter. Pode se dizer, então, que a espiritualidade tem um caráter universal e cada pessoa pode experimentar à sua maneira.

Várias pesquisas já estudam práticas como a oração, o passe e a meditação, compreendendo que carregam elementos ainda desconhecidos pela maioria dos cientistas, mas, há muito utilizadas pelas pessoas, especialmente em momentos de sofrimento, de dor, de desespero. Hoje, já há comprovações de que 15 minutos de meditação, duas vezes ao dia, conseguem atuar diretamente na diminuição da frequência cardíaca e respiratória, melhorar a qualidade do sono e reduzir a ansiedade. Portanto, a adoção de técnicas que atuam diretamente no não físico, quando se associam a outras, como o uso de medicamentos, às terapias psicológicas e psiquiátricas podem ser muito eficazes para tratar doenças mentais, ao mesmo tempo em que, também podem ser ainda mais importantes na prevenção de adoecimentos dessa ordem.





CIÊNCIA & TECNOLOGIA

A Inquietante Realidade da Vigilância Digital

Cada clique, pausa, omissão e hesitação se torna dado, compondo perfis comportamentais mais precisos do que qualquer observação direta.



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

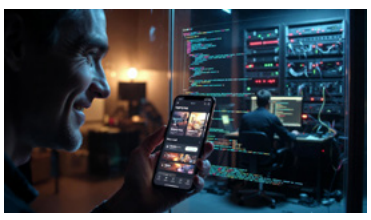
CIÊNCIA & TECNOLOGIA
- Leia o artigo completo no Site

Raramente a vigilância começa com um sinal evidente. Ela se instala de forma quase imperceptível, diluída nos gestos cotidianos que repetimos sem esforço. Desbloquear a tela, aceitar termos sem leitura atenta, navegar entre conteúdos sugeridos com a sensação de escolha livre. Nada disso parece extraordinário. Ainda assim, é nesse terreno aparentemente banal que se estrutura uma das transformações mais profundas do nosso tempo.



A experiência digital deixou de ser apenas uma ferramenta e passou a funcionar como um ambiente contínuo, no qual cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de um registro. Não se trata apenas do que é dito explicitamente, mas também do que é evitado, do tempo de permanência em um conteúdo, da hesitação antes de uma decisão. Esses elementos, quando reunidos, formam um conjunto de informações capaz de descrever comportamentos com um nível de detalhe que dificilmente seria alcançado por observação direta.

O que torna esse processo particularmente inquietante não é apenas sua existência, mas a forma como ele se integra à rotina sem provocar estranhamento proporcional. A vigilância digital não se apresenta como imposição, mas como conveniência. Ela organiza informações, antecipa interesses, oferece caminhos que parecem adequados ao perfil de cada usuário. Essa funcionalidade, embora eficiente, opera a partir de critérios que nem sempre são visíveis, o que desloca parte significativa do controle para estruturas externas ao indivíduo.



Nesse contexto, a noção de escolha permanece, mas se torna mais complexa. As opções disponíveis não surgem de maneira neutra; elas são filtradas, organizadas e priorizadas com base em dados acumulados ao longo do tempo. O resultado é um ambiente em que as decisões continuam sendo tomadas individualmente, mas dentro de um conjunto de possibilidades previamente estruturado. Essa mediação constante não elimina a autonomia, mas a condiciona de maneiras que nem sempre são percebidas.

Há também uma alteração importante na relação com o tempo. O que antes poderia ser esquecido ou perder relevância permanece registrado, passível de análise e reutilização. O passado, nesse sentido, não se encerra, mas continua ativo, influenciando recomendações, previsões e interações futuras. Essa continuidade transforma experiências isoladas em padrões e, a partir deles, constrói perfis que passam a orientar o que será apresentado ao usuário.

Esse processo não se limita à observação. Ele também intervém. Ao identificar regularidades, os sistemas digitais não apenas registram comportamentos, mas também os influenciam, ainda que de forma indireta. Sugestões de conteúdo, destaques específicos, ausência de determinadas informações. Cada uma dessas escolhas contribui para a formação de um ambiente que orienta a atenção e, consequentemente, as decisões.



Outro aspecto relevante diz respeito à distribuição de poder nesse cenário. Enquanto indivíduos produzem dados de forma contínua, as estruturas responsáveis por coletá-los e analisá-los operam com recursos técnicos e informacionais significativamente superiores. Essa assimetria não é imediatamente visível, mas tem implicações profundas, especialmente quando se considera a capacidade de prever e influenciar comportamentos em larga escala.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026"

Ainda assim, a adesão a esse sistema ocorre, na maioria das vezes, de forma voluntária. Termos de uso são aceitos, permissões são concedidas, serviços são incorporados à rotina. No entanto, a formalidade desse consentimento não garante, necessariamente, uma compreensão efetiva de suas consequências. A complexidade dos processos envolvidos dificulta uma avaliação clara do que está sendo compartilhado e de como essas informações serão utilizadas.



Além das dimensões técnicas e estruturais, há efeitos mais sutis, relacionados à forma como os indivíduos se comportam em ambientes potencialmente monitorados. A possibilidade de registro constante pode levar a ajustes de conduta, ainda que inconscientes. Certos conteúdos deixam de ser acessados, determinadas opiniões deixam de ser expressas, escolhas são revistas antes mesmo de se concretizarem. Esse movimento não decorre de uma imposição direta, mas da percepção de que ações podem ser observadas e, eventualmente, interpretadas.

É nesse ponto que a vigilância digital deixa de ser apenas um fenômeno externo e passa a influenciar a própria forma de agir. O controle não se exerce apenas de fora para dentro, mas também se internaliza, moldando comportamentos de maneira difusa. Essa característica torna o fenômeno mais difícil de identificar e, consequentemente, de um questionar.



Não se trata de negar os benefícios associados às tecnologias digitais. A capacidade de acesso à informação, a otimização de serviços e a ampliação de possibilidades de comunicação são aspectos relevantes e amplamente reconhecidos. O desafio está em compreender que esses benefícios coexistem com dinâmicas que exigem análise crítica, especialmente quando envolvem a coleta e o uso de dados em larga escala.

A vigilância digital, ao se tornar parte integrante da experiência cotidiana, redefine limites que antes pareciam mais claros. Privacidade, autonomia e liberdade passam a ser conceitos que precisam ser revisitados à luz de um contexto em que a observação é constante, ainda que invisível. Essa redefinição não ocorre de forma abrupta, mas por meio de ajustes graduais, que muitas vezes passam despercebidos.

Nesse sentido, torna-se fundamental desenvolver uma postura mais atenta em relação às práticas digitais. Isso não implica necessariamente rejeição, mas exige compreensão. Questionar o funcionamento das plataformas, refletir sobre o uso de dados e reconhecer os mecanismos que orientam a experiência online são passos importantes para ampliar o nível de consciência sobre o ambiente em que estamos inseridos.

A inquietação, nesse caso, não deve ser entendida como paralisia, mas como ponto de partida. É a partir dela que se torna possível interromper automatismos, reconsiderar escolhas e, eventualmente, redefinir a forma de interação com as tecnologias disponíveis.

A vigilância digital não se impõe de maneira explícita, e talvez seja justamente por isso que exige maior atenção. Quando o controle não se apresenta como controle, mas como parte natural do funcionamento das coisas, a capacidade de percebê-lo se torna um elemento essencial para qualquer tentativa de reflexão crítica.

Sob esse cenário, preservar a possibilidade de escolha consciente depende, em grande medida, da disposição para observar aquilo que normalmente permanece oculto. E essa observação, embora não ofereça respostas imediatas, abre espaço para um tipo de liberdade que não se limita à ação, mas inclui também a compreensão das condições em que essa ação ocorre.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

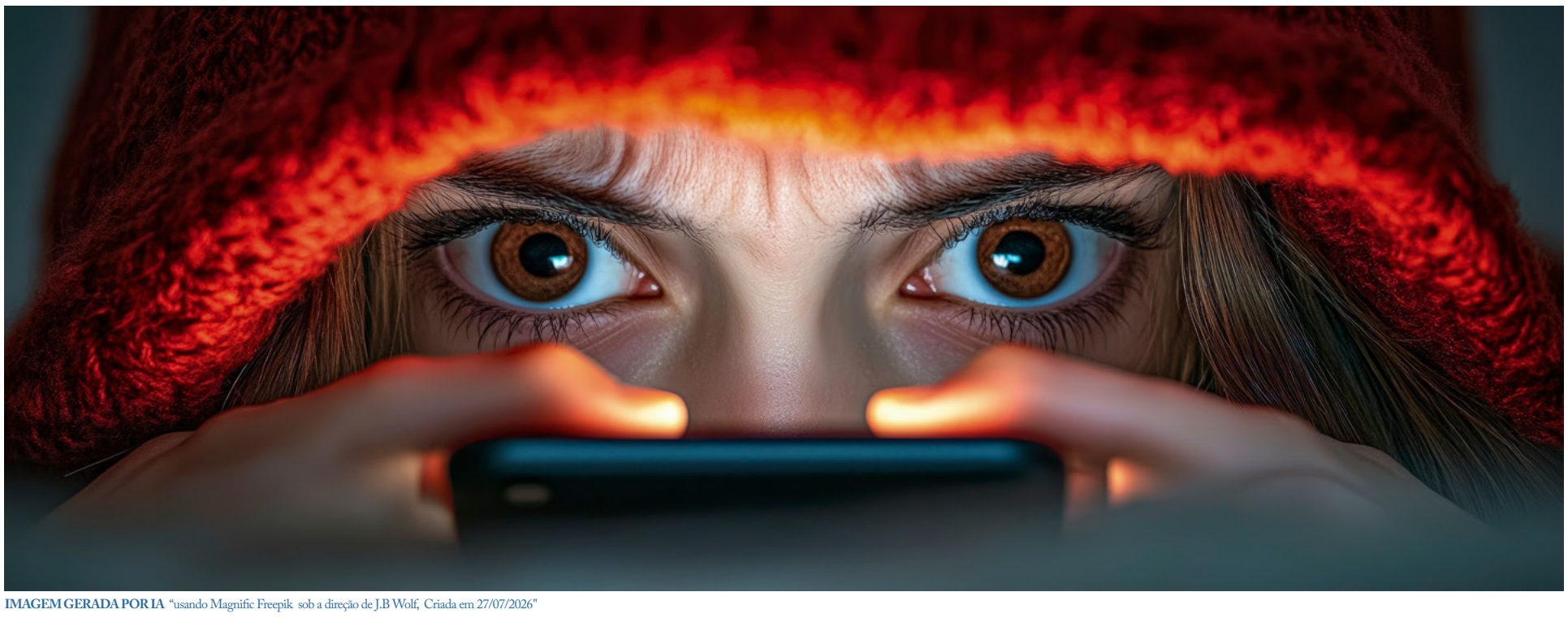


IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/07/2026"

CIÊNCIA & TECNOLOGIA

O Corpo como Senha Universal: A Revolução Biométrica entre Conveniência e Distopia

Por Redação, The Bard News
JORNAL

@thebardnews

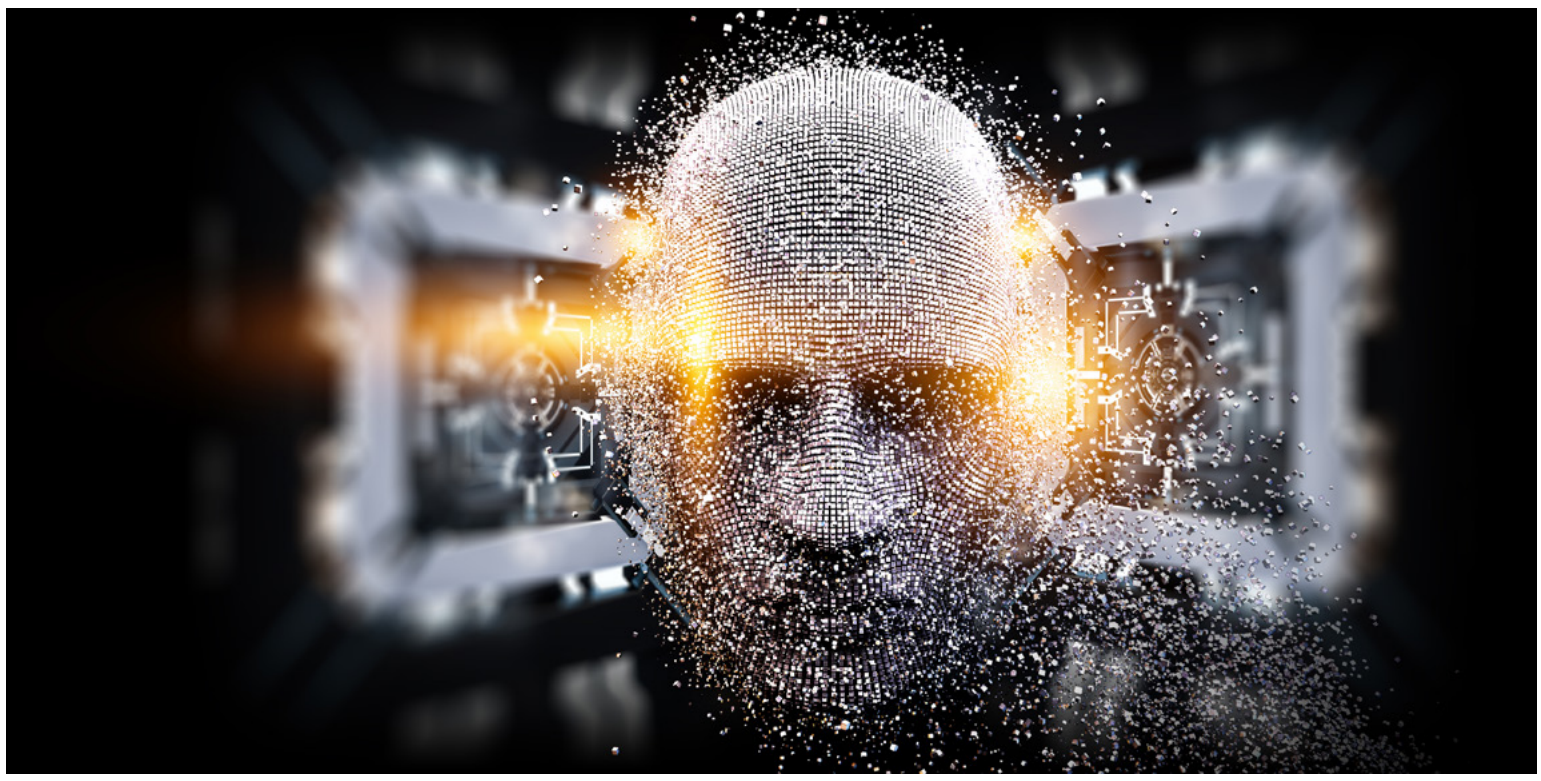


IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/06/2026"



Digitar senhas, decorar combinações numéricas, carregar cartões e crachás. Tudo isso parece cada vez mais anacrônico em um mundo em que um olhar, um toque ou até a forma de caminhar podem liberar acesso a contas bancárias, aeroportos, edifícios e dispositivos pessoais. Na era da biometria, o corpo humano se converte em chave mestra, apresentado como solução elegante para problemas de segurança e usabilidade. Por trás dessa promessa, porém, cresce um debate incômodo: ao transformar características biológicas em credenciais digitais, o que ganhamos em conveniência pode ser eclipsado por um novo tipo de vulnerabilidade, em que privacidade, liberdade e até direitos civis entram na zona de risco.



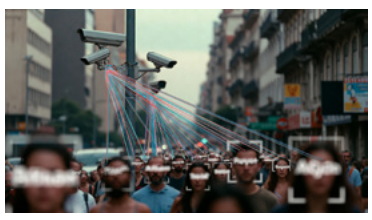
A biometria, no sentido mais amplo, é o conjunto de técnicas que identificam pessoas com base em características físicas ou comportamentais únicas. Impressões digitais, traços do rosto, contornos da íris, timbre da voz, padrões de veias, modo de andar, batimentos cardíacos, tudo isso pode ser transformado em dado. Essa transformação é feita por sensores e algoritmos que, em vez de perguntarem "quem é você?", calculam probabilidades, comparam padrões e devolvem uma resposta binária: corresponde ou não corresponde. O que antes era usado quase exclusivamente em perícia policial e controle de fronteiras, hoje está no bolso, no relógio, na catraca, na câmera do shopping e, em alguns lugares, nas ruas inteiras de cidades monitoradas.

A explosão da biometria no cotidiano só foi possível graças ao avanço da inteligência artificial, em particular do aprendizado de máquina. Algoritmos modernos conseguem processar enormes bancos de imagens e sinais, encontrar padrões e melhorar sua precisão ao longo do tempo. No reconhecimento facial, por exemplo, sistemas mais recentes identificam indivíduos em diferentes ângulos, com mudanças de iluminação e de aparência, como barba, óculos ou envelhecimento. No reconhecimento de íris, a leitura de desenhos microscópicos ao redor da pupila confere uma precisão altíssima, praticamente impossível de replicar. Há também a biometria comportamental, menos visível, mas igualmente poderosa: a forma como digitamos, a cadência da voz, o modo de segurar o celular ou o ritmo da passada podem gerar assinaturas únicas.



Os argumentos a favor da biometria são sedutores. Em teoria, o corpo não se esquece da senha e não a anota em papel algum. Smartphones que liberam acesso com um toque de dedo ou um olhar reduziram o atrito de interação e, em muitos casos, aumentaram a segurança em relação a senhas simples. Sistemas de autenticação biométrica em bancos tentam dificultar fraudes, exigindo que o criminoso tenha não apenas um número, mas a presença física do cliente. Em aeroportos, portões automatizados com leitura de rosto ou de passaporte biométrico prometem filas mais curtas e processos mais ágeis. Em hospitais, a identificação biométrica pode evitar trocas de pacientes, medicações erradas e fraudes em planos de saúde. Na narrativa dos entusiastas, a biometria representa um próximo passo natural rumo a uma sociedade mais eficiente.

É nesse ponto que a mesma tecnologia que protege pode se converter em instrumento de controle. Se o corpo é senha, cada passagem diante de uma câmera pode ser um login silencioso em algum sistema de vigilância. Em cidades com milhares de câmeras conectadas a bancos de dados de identidade, o reconhecimento facial permite seguir trajetos inteiros, mapear rotinas, registrar encontros e, eventualmente, associar pessoas a eventos políticos, religiosos ou sociais. Empresas e governos passam a dispor de um poder de observação que antes exigia grande esforço humano e hoje pode ser automático, barato e contínuo.



Os casos mais avançados de uso de biometria em larga escala vêm de países que fazem da vigilância um pilar explícito de governança. Em algumas regiões, câmeras capazes de identificar rostos são combinadas a sistemas que atribuem pontuações a comportamentos considerados desejáveis ou indesejáveis. A presença em um protesto, uma multa não paga, um comentário nas redes, tudo pode alimentar um perfil digital. O rosto, que um dia serviu para garantir que apenas o dono do celular o desbloqueasse, passa também a funcionar como etiqueta em sistemas de reputação social. A fronteira entre segurança pública e controle político torna se nebulosa.

Mesmo em democracias com proteção a dados pessoais, a biometria levanta questões difíceis. Quem é o dono desses dados? Uma vez coletado o mapa de sua face, a digital do seu dedo, o padrão do seu coração, a quem pertencem essas informações? A você, ao fabricante do dispositivo, ao governo, à empresa que gerencia o serviço? Leis de proteção de dados, como as que vigoram no Brasil e na Europa, tentam responder impondo regras de consentimento, finalidade e armazenamento. Na prática, porém, o cidadão comum raramente tem clareza sobre a extensão do uso de sua biometria. Termos de uso extensos e pouco transparentes, associado a notificações genéricas, tornam o consentimento quase automático.



Outro ponto crítico é que dados biométricos não podem ser trocados. Se uma senha vaza, você cria outra. Se o número de um cartão vaza, o banco emite um novo. Mas se o banco de dados com rostos, íris ou impressões digitais é comprometido em um ataque cibernético, não existe um novo rosto para ser emitido. Os dados roubados podem alimentar, por anos, tentativas de fraude, criação de identidades falsas e ataques sofisticados. Especialistas em segurança digital alertam que a biometria, ao contrário do que o marketing costuma sugerir, não deve ser vista como substituta absoluta de outros métodos, e sim como mais uma camada combinada de autenticação.

Os sistemas biométricos, além disso, não são neutros. Eles são treinados com dados coletados de populações específicas e carregam os vieses dessas amostras. Pesquisas independentes mostraram que muitos modelos de reconhecimento facial apresentam desempenho pior para pessoas negras, mulheres e determinados grupos étnicos em comparação com homens brancos. Em contextos de policiamento, isso pode significar abordagens erradas, prisões injustas e reforço de desigualdades já existentes. Quando um algoritmo confunde um rosto com outro, o erro tem peso humano: alguém pode ser acusado de um crime que não cometeu, ou impedido de acessar um serviço legítimo.



Claro que empresas e órgãos de pesquisa trabalham para mitigar esses vieses, ampliando a diversidade dos conjuntos de treinamento e ajustando modelos. Mas a existência de falhas estruturais em sistemas que identificam cidadãos lembra que a biometria não é apenas uma questão técnica, é também política. Quem define o que é aceitável em termos de precisão? Quantos erros são tolerados e sobre quais corpos esses erros recaem?

A expansão da biometria também alcança o campo militar e de segurança nacional. Equipamentos capazes de identificar alvos à distância, drones que reconhecem rostos, bancos de dados globais integrando informações biométricas de migrantes, suspeitos e soldados, tudo isso compõe um cenário em que o corpo físico se torna, literalmente, um alvo codificado. Em zonas de conflito, a captura de bancos biométricos pode representar não apenas dano estratégico, mas risco direto para a sobrevivência de populações inteiras.

Diante desse horizonte, a questão central deixa de ser se usaremos biometria e passa a ser como, em que limites e sob quais salvaguardas. Um dos caminhos discutidos por especialistas é a adoção do princípio da minimização: coletar apenas o estritamente necessário, por tempo limitado, com transparência sobre a finalidade e com possibilidade de revogação do consentimento. Outra linha defende o uso de biometria sobretudo em dispositivos pessoais, armazenada localmente, sem envio permanente a servidores centrais. Nesse modelo, o reconhecimento facial para desbloquear o celular aconteceria dentro do próprio aparelho, sem que o mapa do rosto fosse automaticamente compartilhado com terceiros.

Além da engenharia e das leis, há um componente cultural nessa discussão. A sociedade está, pouco a pouco, se acostumando a trocar privacidade por conveniência. Abrimos mão de detalhes sobre deslocamentos, preferências de consumo, rotinas de sono e batimentos cardíacos em troca de aplicativos que contam passos, sugerem rotas, montam playlists personalizadas. A biometria se insere nessa lógica, oferecendo desbloqueios mais rápidos e acessos mais fluidos. O risco é que, sem que percebamos, ela deixe de ser uma opção confortável e se torne um requisito, obrigatório para o uso de serviços públicos e privados. Quando o rosto é exigido para entrar no transporte, no prédio, na escola, no hospital e no banco, recusar se pode significar exclusão.

A discussão ética sobre a biometria, portanto, não se limita à técnica. Inclui refletir sobre que tipo de sociedade estamos construindo. Uma sociedade em que o corpo é constantemente vigiado, medido e avaliado, ou uma em que a tecnologia é usada com parcimônia, como ferramenta a serviço da autonomia humana? A resposta não está dada. Ela será, em grande medida, resultado de decisões tomadas hoje, em legislações, tribunais, conselhos de empresa, assembleias legislativas e também na escolha individual de ligar ou não determinada função, de consentir ou não com determinado uso.



O corpo como senha universal é símbolo de um tempo em que a fronteira entre o físico e o digital quase desapareceu. Cabe a nós decidir se essa senha abrirá portas para mais liberdade ou para um tipo sofisticado de confinamento invisível. O fato de a tecnologia existir não a torna inevitável nem neutra. Ao contrário, torna urgente uma discussão madura sobre limites, responsabilidades e garantias. A biometria pode, sim, trazer mais segurança e conforto. Mas, sem vigilância cidadã e marcos regulatórios robustos, pode também inaugurar uma fase em que a própria identidade se torna objeto de negócios e de vigilância permanente. E, nesse cenário, talvez a pergunta mais importante não seja como usar o corpo como senha, mas como garantir que ele continue sendo, antes de tudo, nossa última fronteira de liberdade.

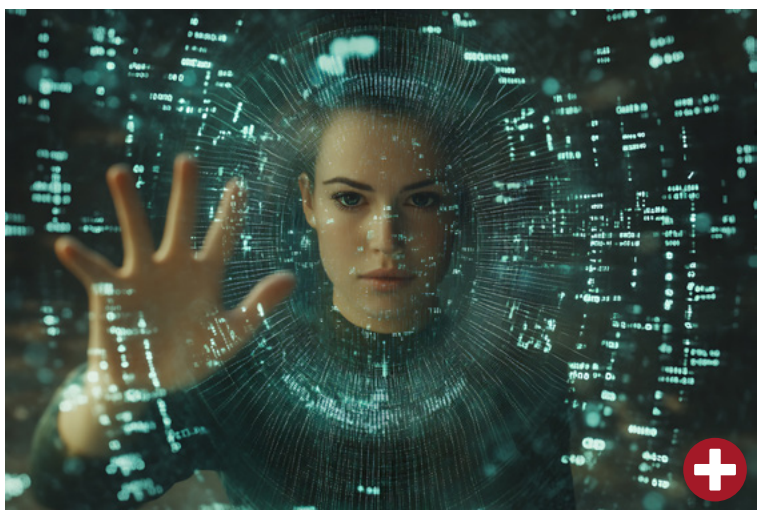


IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

OPINIÃO

O Papel do Humor em Tempos Difíceis:

Rir é um Ato de Resistência

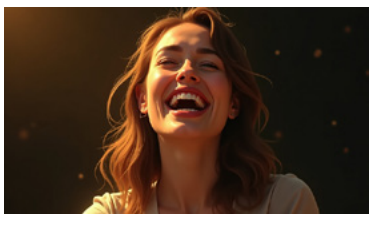


Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

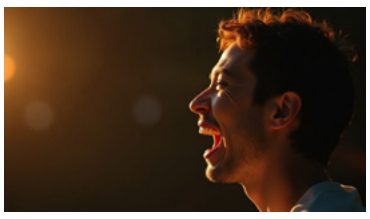
Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"Quando a gargalhada se torna a mais sofisticada forma de enfrentar adversidades"



A primeira gargalhada em meio a um momento trágico costuma causar estranhamento. Há quem veja no riso um descuido, um desvio da dor, quando, na verdade, é uma forma de lidar com ela. Em tempos difíceis, o humor emerge como estratégia de lucidez. Uma ferramenta refinada de quem entende que nem tudo pode ser resolvido com seriedade extrema e que, às vezes, rir é tudo o que resta antes que a alma se rompa.



O humor é uma das mais sofisticadas expressões de resistência. Ele não ignora a dor, apenas a transforma. A psicanalista Clarissa Pinkola Estés observa que mulheres que carregam histórias feridas sabem rir não por ignorância, mas por sabedoria ancestral. Esse riso, ainda que discreto, revela um tipo de força que não se deixa consumir pelas sombras do tempo.

Rir, portanto, não é desdém, mas elaboração. Não é fuga, mas construção de sentido. Em um mundo que insiste em reproduzir ciclos de opressão e desesperança, o riso nos devolve a autoria da narrativa. Ele não substitui a crítica, mas a tempera. Nos possibilita ver os absurdos cotidianos com um olhar mais afiado e muitas vezes, mais sábio.

Há uma diferença importante entre o riso superficial e o riso que vem do entendimento profundo das dores do mundo. O primeiro serve ao escapismo. O segundo, à transformação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/07/2025"

A filósofa Hannah Arendt, ao discutir a banalidade do mal, mostrou como a repetição de absurdos pode anestesiar consciências. O humor consciente, por outro lado, reativa o espanto e desafia a naturalização do insuportável.



Não é por acaso que tantos movimentos sociais utilizam o humor como ferramenta de crítica. O meme é, hoje, a crônica visual do nosso tempo. O riso coletivo incomoda os sistemas que apostam na obediência silenciosa. O humor que nasce da consciência e não da alienação é arte política. Uma forma de manter acesa a centelha da humanidade em meio às ruínas. Um gesto, às vezes sutil, mas profundamente revolucionário.

Claro que nem sempre é possível. E nem sempre deve ser. A maturidade emocional reconhece que há momentos em que o silêncio ou a lágrima são mais honestos. Mas quando o riso vem, ele deve ser acolhido como sinal de saúde psíquica. Ele nos lembra que ainda há espaço para leveza, ainda que o tempo pese.

Em tempos difíceis, rir é um ato de quem compreende a gravidade das coisas, mas se recusa a ser engolido por elas. É o gesto de quem pensa, sente e resiste. É a arte de atravessar tempestades sem esquecer que, mesmo encharcados, ainda somos capazes de dançar.

Porque, no fim, rir não é apenas existir. É existir com dignidade. E isso, por si só, já é resistência!

Big Tech e a Ditadura dos Algoritmos:

Unidade ou Fragmentação Social?

OPINIÃO
Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

A tecnologia nos prometeu um mundo mais conectado. E, de fato, nunca estivemos tão juntos, ou ao menos tão próximos em cliques, notificações, curtidas. Mas será que essa aproximação virtual significa, de fato, um verdadeiro encontro entre as pessoas? A sensação, cada vez mais comum, é a de que vivemos em bolhas cuidadosamente construídas por algoritmos que moldam nossa experiência digital de forma invisível, silenciosa, e muitas vezes, perigosa.

As grandes corporações da tecnologia, as chamadas Big Techs, como Google, Meta, Amazon e tantas outras, tornaram-se arquitetas de uma nova paisagem social. Elas nos oferecem ferramentas, redes, plataformas, mas, por trás delas, operam máquinas inteligentes que decidem o que devemos ver, ouvir, consumir, desejar. O problema é que esses algoritmos, em vez de nos unir por meio de uma experiência coletiva e rica, têm fragmentado ainda mais a sociedade, criando ilhas de pensamento onde só ecoa o que já acreditamos.

Shoshana Zuboff, em sua obra "A Era do Capitalismo de Vigilância", descreve com precisão esse fenômeno. Para ela, os algoritmos das plataformas não apenas observam nosso comportamento: eles o moldam, o induzem, o programam. O objetivo? Manter nossa atenção presa, e a atenção, hoje, é o ativo mais disputado do planeta. E como se prende alguém? Pelo afeto? Pela empatia? Não. Prende-se pelo medo, pela raiva, pelo choque. Os algoritmos foram treinados para reconhecer nossas reações mais intensas e nos oferecer exatamente aquilo que nos faz clicar sem pensar. Isso cria um ciclo vicioso de indignação, intolerância e desinformação.

A Electronic Frontier Foundation (EFF) alerta para um ponto central: os algoritmos não são neutros. São desenhados por pessoas, com interesses, sobretudo econômicos. O que viraliza não é o conteúdo mais verdadeiro ou mais útil, mas o que gera mais polêmica. Em consequência, teorias conspiratórias, fake news, radicalismos ganham destaque. Em vez de pontes, os algoritmos nos entregam trincheiras.

Esse efeito não se limita ao campo político. Ele transborda para o cotidiano, afetando nossa forma de ver o outro, de conversar com quem pensa diferente, de lidar com opiniões que nos desagradam. Ao invés de expandir horizontes, os algoritmos muitas vezes os estreitam, criando um mundo digital que parece confortável, mas é perigosamente monótono. E o que é pior: quando tudo que consumimos confirma o que já pensamos, perdemos a capacidade de escuta, de dúvida, de autocrítica.

Há ainda um impacto emocional profundo. Estudos revelam que o excesso de personalização pode gerar ansiedade, sensação de isolamento e radicalização afetiva. Vivemos num eterno deja-vu de conteúdos, onde tudo parece sob medida, mas ao mesmo tempo, impessoal. A riqueza do inesperado, do contraditório, da surpresa, elementos essenciais ao crescimento humano, é sistematicamente filtrada.

Mas será que estamos condenados a esse ciclo? A resposta é não. Ainda há caminhos possíveis, e urgentes.

A primeira ação necessária é a transparência. As Big Techs devem explicitar como seus algoritmos operam, o que priorizam, com base em que critérios. O usuário precisa deixar de ser um peão desavisado e passar a ser um agente consciente. Essa transparência deve ser acompanhada de regulação ética, séria e internacional. Não se trata de censura, mas de responsabilidade social.

Em paralelo, a alfabetização digital precisa deixar de ser um luxo e se tornar um pilar da educação contemporânea. Saber identificar manipulações, diversificar fontes de informação, duvidar do que é sensacionalista, essas habilidades devem ser ensinadas desde cedo. Só assim formaremos cidadãos capazes de navegar no oceano digital sem se perderem nas correntes da desinformação.

Outro ponto-chave é o incentivo à diversidade real de conteúdo. Plataformas devem ser estimuladas a expor seus usuários a visões divergentes, a temas menos populares, a realidades distintas da sua própria. Isso não apenas promove o diálogo, como nos humaniza.

E por fim, é preciso lembrar: os algoritmos são programados por nós. São ferramentas, não entidades soberanas. O futuro digital, mais inclusivo, mais ético, mais justo, será possível se tivermos coragem de questionar a lógica do engajamento a qualquer custo. Precisamos, enquanto sociedade, exigir responsabilidade, promover empatia e reconstruir, juntos, a noção de comunidade.

A promessa de um mundo interconectado não pode se tornar uma distopia solitária. É hora de reprogramar não apenas os algoritmos, mas também nossas escolhas. Porque a tecnologia deve estar a serviço da vida, e não o contrário.



OPINIÃO

Para sermos felizes, precisamos de menos coisas?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/09/2026"



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

OPINIÃO
Leia o artigo completo no Site

"A felicidade não depende da excitação constante nem do consumo de estímulos rápidos, mas também pode ser cultivada por meio da gratidão, do amor, do propósito e da atenção às delicadezas do cotidiano."



O Relatório Mundial da Felicidade avalia anualmente o estado atual da felicidade em quase 150 países. A classificação dos países é baseada em dados representativos nacionalmente da Pesquisa Mundial Gallup. É a publicação mais importante do mundo sobre o bem-estar global e como melhorá-lo.

Os dados da Pesquisa Mundial Gallup sobre avaliações de vida são a principal fonte para os rankings anuais de felicidade dos países em todo o mundo.

A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou o Relatório Mundial da Felicidade, no qual o documento destaca a subida do Brasil em oito posições no ranking. Agora, o país ocupa o 36º lugar, sendo o segundo mais bem colocado da América do Sul, atrás somente do Uruguai, que está na 29ª colocação.

Para os brasileiros, sentir-se amado é o que mais contribui para a felicidade, com 34% das menções. Na sequência, aparecem a saúde física e mental (31%) e o relacionamento com a família e os filhos (29%). O Brasil também se destaca globalmente por citar a fé religiosa ou vida espiritual como um motivo de felicidade (22%), contra uma média global de 10%.

A situação financeira é o principal fator de infelicidade tanto no mundo quanto no Brasil. No país, 54% dos entrevistados apontaram esse motivo, índice ligeiramente abaixo da média global, de 57%. Em seguida, aparecem a saúde mental e o bem-estar, com 37%, e a moradia ou as condições de vida, com 27%. A preocupação com as finanças atravessa todas as gerações no Brasil.

A pesquisa revela que a felicidade começa alta na juventude, diminui por volta dos 50 anos e atinge seu pico após os 70 anos. No Brasil, a soma de "muito felizes" e "felizes" entre 50 e 74 anos é de 82%, a maior média por faixa etária no país. A geração Z, por outro lado, é a que mais se declara "nada feliz" (6%). Em relação ao gênero, os homens brasileiros são maioria entre os "muito felizes" (29% em comparação a 26% das mulheres). As mulheres, contudo, superam os homens na categoria "felizes" (54% delas contra 50% deles).

A Finlândia foi considerada o país mais feliz do mundo pelo sexto ano consecutivo em 2023, segundo o mais recente Relatório Global sobre Felicidade. O país lidera rankings globais devido à forte rede de bem-estar social, alta confiança nas instituições, baixa corrupção, igualdade de renda e um estilo de vida que prioriza o equilíbrio e o contato com a natureza.

Na América do Norte e na Europa Ocidental, os jovens estão muito menos felizes do que há 15 anos. No mesmo período, o uso das redes sociais aumentou consideravelmente. Muitas pessoas culpam as redes sociais por essa queda na felicidade, mas será que essa hipótese resiste a uma análise científica rigorosa?

Os termos de interação revelam que o uso da internet pode ser positivo para indivíduos com alta confiança interpessoal ou fortes laços com seus países. No entanto, aqueles que relatam ser muito ativos socialmente experimentam efeitos mais negativos, o que condiz com a substituição ou o deslocamento de conexões offline.

A liberdade tem muita importância para as pessoas, da mesma forma que a ausência do medo. Isso também pode explicar por que a Turquia e a Índia apresentam níveis de felicidade abaixo do que se poderia prever com seus níveis de desigualdade econômica.

Por outro lado, a China e a África do Sul podem ser um pouco mais felizes do que o indicado pelos seus níveis de desigualdade. A África do Sul tornou-se uma democracia em 1994, pouco depois da libertação de Nelson Mandela. Muitas pessoas ainda se lembram do período anterior. E, na China, as pessoas não são tão temerosas quanto à sua imagem frequentemente exibida no Ocidente.

Afinal, o que é felicidade?

A tentativa de uma definição de felicidade esbarra, logo de início, em sua natureza mutável. A felicidade pode ser vivida como prazer, satisfação, sentido, realização, calma ou alegria intensa. Além disso, esses sentimentos podem, por vezes, se misturar.

Para a filosofia clássica, por exemplo, a felicidade é compreendida como um ideal da vida. Na filosofia grega, felicidade era mais do que um sentimento: era o telos, o propósito último da existência humana.

"A felicidade é o sentido e o propósito da vida, o único objetivo e a finalidade da existência humana" (ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco).

Os estoicos, como Sêneca e Epicteto, acreditavam que a felicidade viria da aceitação do que não se pode controlar e da prática da liberdade interior. Essa é uma percepção interessante, sobretudo nos tempos atuais, em que somos estimulados diariamente a sermos produtivos e a darmos conta de tudo.

Nesse sentido, felicidade para a filosofia é sobre viver de maneira coerente com o que se considera valioso.

A ciência da felicidade: o que dizem os hormônios e os estudos

Biologicamente, a felicidade também pode ser mapeada e estimulada. Você já ouviu falar nos "hormônios da felicidade"?

A neurociência nos conta que a dopamina, serotonina, endorfina e ocitocina estão ligadas a sensações diferentes, como prazer, vínculo, motivação e relaxamento, tendo relação direta com o sentimento de felicidade.

Um extraordinário florescimento

Somos um universo inexplorado, grandioso, misterioso. Educar a sensibilidade do olhar e enxergar as delicadezas do dia a dia é o que também permitirá nos nutrir melhor.

É importante ressaltar que a felicidade não vem da excitação constante ou do consumo de estímulos rápidos, e sim do cultivo de virtudes como gratidão, amor e propósito.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/09/2026"



CRÍTICA

O Desaparecimento do Artista? Inteligência Artificial e a Crise da Assinatura Criativa

Por Redação, The Bard News
JORNAL

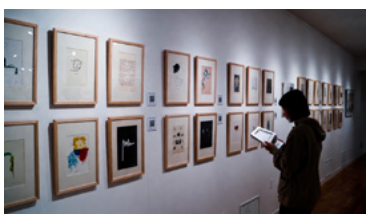
@thebardnews

"A crise existencial que a IA impõe ao mundo criativo, explorando como ela desafia conceitos de estilo, originalidade e autoria que sustentaram séculos de crítica artística."

CRÍTICA
- Leia o artigo completo no Site



Por séculos, a arte ocupou o lugar de último reduto da experiência humana irrepetível. Enquanto máquinas tomavam fábricas e escritórios, acreditava se que o ateliê, o estúdio e a página em branco permaneceriam intocados, protegidos por algo chamado inspiração, sensibilidade, subjetividade. Hoje, essa certeza está em xeque. Sistemas de inteligência artificial escrevem poemas, roteiros e reportagens, compõem trilhas sonoras, criam quadros em alta resolução, geram personagens, logos e campanhas publicitárias inteiras. A pergunta que inquieta artistas, juristas, críticos e tecnólogos é direta: se uma máquina pode produzir algo que emociona, surpreende ou conquista o público, o que significa, afinal, ser autor?



A crise atual não surge do nada. A ideia moderna de artista, tal como a conhecemos, é relativamente recente. Durante boa parte da história, pintores e compositores eram artesãos, muitas vezes anônimos, a serviço de mecenas, igrejas e cortes. Foi a partir do Renascimento e, depois, do romantismo que a figura do gênio individual ganhou centralidade. A assinatura passou a valer tanto quanto a obra. Saber que um quadro é de um determinado pintor passou a influenciar não só o preço, mas a forma de interpretar a imagem. No século vinte, essa lógica se extremou: um simples traço poderia ser arte se viesse acompanhado do nome certo. Agora, a inteligência artificial coloca esse modelo de cabeça para baixo.

Modelos generativos de texto, imagem, som e vídeo aprendem a partir de um oceano de exemplos humanos. Textos, músicas, fotografias, pinturas e filmes alimentam sistemas que extraem padrões, combinam estilos, identificam estruturas narrativas, harmônicas e visuais. Ao contrário do que muitos imaginam, essas máquinas não "entendem" o mundo no sentido humano. Elas calculam probabilidades. Dado um começo de frase, qual a palavra mais provável a seguir? Dada uma descrição, qual combinação de cores e formas se aproxima do que já foi visto? Ainda assim, o resultado, muitas vezes, soa assustadoramente criativo. A fronteira entre copiar e inventar fica turva.

Essa turvação atinge em cheio o conceito de originalidade. Durante séculos, original foi aquilo que se afastava do já conhecido. No entanto, nenhuma obra humana nasce do zero. Todo escritor é leitor, todo compositor é ouvinte, todo cineasta foi espectador antes de pegar a câmera. O que os sistemas de IA revelam, de forma brutal, é que parte do que chamamos de novidade é recombinação sofisticada de referências. A diferença é que a máquina faz isso em escala e velocidade fora do alcance humano. Ao mesmo tempo, falta lhe um elemento fundamental: a experiência vivida, a biografia, a dor e a alegria que moldam sensibilidade e escolha.



É nesse ponto que a crise da assinatura criativa ganha contornos filosóficos. Se uma IA produz um romance, uma canção ou um quadro, quem assina? O programador que escreveu o código? A equipe que treinou o modelo em milhões de exemplos? A empresa que detém os servidores? O usuário que descreveu, em poucas linhas, o que queria ver? Ou ninguém? A legislação de direitos autorais foi construída sobre a premissa de um criador humano identificável. Obras em domínio público, contratos, licenças, tudo se organiza em torno dessa figura. A inteligência artificial introduz uma autoria difusa, compartilhada e, em muitos casos, opaca.

Na prática, o mercado está respondendo de maneiras diferentes. Algumas plataformas exigem que conteúdos gerados com IA sejam identificados como tal. Outras estimulam sua produção, barateando custos para empresas de mídia, publicidade e entretenimento. Há narrativas de "parceria criativa", em que o humano é apresentado como diretor e a IA como ferramenta. Em outros casos, porém, o papel humano parece reduzido ao de operador. Em vez de meses de trabalho de um ilustrador, uma campanha opta por imagens geradas em poucos minutos. Em vez de contratar um time de redatores, uma empresa recorre a textos automáticos adaptados por poucos editores.

Isso levanta uma questão concreta: o que acontece com o trabalho artístico quando parte significativa da demanda é absorvida por algoritmos? Quem vive de tarefas consideradas "intermediárias" na cadeia criativa é o primeiro a sentir o impacto. Designers que produziam variações de layout, ilustradores de baixa remuneração, compositores de trilhas genéricas, produtores de conteúdos padronizados para redes sociais, todos se veem diante da concorrência de sistemas capazes de gerar, em segundos, o que antes levava horas. O risco não é apenas econômico, mas formativo: se menos pessoas conseguem sobreviver da arte, menos gente terá tempo e espaço para amadurecer linguagens próprias.

Por outro lado, há relatos de usos da IA que ampliam possibilidades em vez de substituí las. Roteiristas que usam modelos de linguagem para testar alternativas de diálogo, compositores que exploram harmonias que não imaginariam sozinhos, artistas visuais que tratam o algoritmo como colaborador, gerando material bruto para depois intervir manualmente. Nesses casos, a tecnologia funciona como extensão da imaginação, não como atalho para reduzir o humano a espectador de sua própria irrelevância. A diferença entre um cenário e outro muitas vezes está nas condições em que a ferramenta é introduzida: se é apresentada como recurso auxiliar, com tempo e remuneração adequados para elaboração humana, ou se entra apenas como mecanismo de corte de custos.



Sob a superfície técnica, existe uma camada ética espinhosa. Grande parte dos sistemas de inteligência artificial criativa foi treinada com obras de artistas vivos, sem consentimento explícito, sem pagamento e, não raro, contra a vontade dos autores. Pinturas, livros, músicas e fotografias foram coletados em massa na internet, sob a justificativa de que estavam publicamente acessíveis. Na prática, o que se vê é um processo assimétrico: trabalhos individuais, alguns produzidos ao longo de décadas, alimentam modelos que, depois, concorrem com esses mesmos artistas em licitações, concursos e mercados. Há quem chame isso de nova forma de apropriação, uma espécie de industrialização do plágio, ainda que juridicamente difícil de enquadrar.

Frente a esse quadro, cresce a defesa da transparência. Exigir rastreabilidade de dados de treino, mecanismos de exclusão para quem não quer ver sua obra integrada a modelos, regras claras de remuneração quando estilos individuais são reproduzidos, tudo isso aparece na pauta de organizações de artistas. A discussão não é apenas sobre dinheiro, mas sobre reconhecimento. Se um estilo visual ou sonoro é tão marcante que o público identifica referências claras a um autor específico, por que esse autor ficaria fora da distribuição de benefícios?

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial força uma revisão do mito do gênio isolado. Mesmo antes dela, a criação artística sempre envolveu colaboração, influência, diálogo. Editoras, galerias, produtores, críticos, professores, amigos, todos interferem no processo. A tecnologia apenas torna mais explícito algo que já existia: a arte é resultado de redes. Isso não elimina a importância da assinatura, mas talvez a desmistifique, deslocando o foco da ideia de origem absoluta para uma noção de autoria situada, relacional.

Nesse contexto, surgem novas funções. O chamado engenheiro de prompt, figura ainda em consolidação, é responsável por formular instruções complexas para sistemas de IA, guiando lhes a produção. Em vez de escolher cada nota, cada cor ou cada palavra, esse profissional decide parâmetros, estilos e combinações. É possível ver nessa função uma forma de arte conceitual, em que o gesto criativo está em definir o enquadramento e os critérios, não em executar cada detalhe. Críticos argumentam que isso diminui o contato com a matéria, com a prática artesanal que sempre foi parte da formação artística. Defensores veem aí uma evolução natural, semelhante ao que aconteceu quando cineastas passaram a delegar a técnicos de fotografia, edição, som e efeitos parte importante do trabalho.

Outra questão que ganha força é a da autenticidade. Em um cenário em que obras tecnicamente impecáveis podem ser geradas em massa por máquinas, o público passará a valorizar ainda mais o traço humano reconhecível? Haverá mercado para pinturas com erros, canções com falhas, textos com pausas e hesitações, justamente porque refletem o esforço de alguém? Alguns sinais apontam nessa direção. Há interesse crescente por processos, bastidores, rascunhos, diários de criação. Saber como uma obra veio ao mundo torna se quase tão importante quanto a obra em si. É uma forma de reconectar a arte à biografia, em resposta a uma produção algorítmica que, por mais sofisticada, carece de contexto humano.



Nada disso significa que a inteligência artificial jogará o artista para fora do palco de forma definitiva. Mas a posição tradicional está, sem dúvida, em transformação. Em muitos casos, o papel do criador se desloca de executor exclusivo para curador, diretor, editor, alguém que seleciona e organiza resultados produzidos em parte por sistemas automatizados. Essa mudança pode ser vista como perda de território ou como chance de explorar linguagens ainda indefinidas. A escolha, em alguma medida, está nas mãos da própria comunidade artística e das instituições que a cercam.

O desafio é evitar dois extremos: demonizar toda forma de IA como inimiga da arte ou aceitá la de maneira acrítica como solução mágica. Entre a recusa absoluta e o entusiasmo ingênuo, há um campo de disputas em que se definem normas, direitos, responsabilidades. Leis de direitos autorais, políticas de plataformas, contratos de trabalho e decisões de tribunais moldarão, nos próximos anos, o contorno dessa crise. Sem participação ativa de artistas, pesquisadores, jornalistas e público, há o risco de que prevaleça apenas a lógica de quem controla infraestrutura e dados.

No fim, a pergunta sobre o desaparecimento do artista talvez esteja mal formulada. O que está desaparecendo, ou ao menos se desmanchando, é uma certa imagem romântica de autoria solitária, desconectada de redes e de sistemas. Em seu lugar, surge um cenário mais ambíguo, em que a criatividade se distribui entre humanos e máquinas, entre indivíduos e coletivos, entre intenções declaradas e efeitos imprevistos. A assinatura continua lá, mas cercada de asteriscos e notas de rodapé.

A verdadeira questão, então, pode ser outra: em um mundo em que algoritmos conseguem imitar quase qualquer estilo, o que fará a arte humana valer a pena? Talvez a resposta esteja menos na perfeição formal e mais na capacidade de assumir risco, de errar de maneira interessante, de falar a partir de uma experiência que nenhuma máquina pode ter. A crise da assinatura criativa não elimina a necessidade de artistas. Ao contrário, torna mais claro o que só eles podem oferecer: um modo particular de estar no mundo, com todas as contradições e vulnerabilidades que nenhuma linha de código consegue armazenar por completo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"

CRÍTICA

O Que Aconteceu com as Universidades como Espaços de Debate Livre?



IMAGEM GERADA POR IA "usando Magnific Freepik sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/05/2026"



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

CRÍTICA
Leia o artigo completo no Site

"Cresce a cautela,
a autocensura
e a busca por estabilidade
aparente, enquanto
o medo de exposição,
o julgamento rápido
das redes e a associação rígida
entre ideias e identidades
retraem a disposição ao
confronto de ideias."



Houve um tempo em que a universidade era um território inquieto, quase elétrico, onde ideias não apenas circulavam, mas se chocavam com intensidade suficiente para produzir faíscas. Não se tratava de um espaço confortável. Ao contrário, era um ambiente em que o desconforto fazia parte do processo de aprendizagem. Questionar era esperado. Discordar era necessário. E, sobretudo, pensar implicava correr riscos.



Esse cenário, no entanto, parece cada vez mais distante. Não porque as universidades tenham se tornado menos relevantes, mas porque algo em sua dinâmica interna mudou de forma significativa. A disposição para o risco intelectual, que antes era um dos pilares da vida acadêmica, vem sendo substituída por uma cautela excessiva. Em muitos contextos, a preocupação em evitar conflitos ultrapassa o compromisso com o debate, criando um ambiente onde o silêncio se torna mais seguro do que a exposição de ideias.

O debate livre exige mais do que liberdade formal. Ele depende de uma cultura que valorize a dúvida, que reconheça o erro como parte do processo de construção do conhecimento e que encare a discordância como uma oportunidade, não como uma ameaça. Quando essa cultura enfraquece, o que resta é uma espécie de consenso superficial, mantido não pela força dos argumentos, mas pelo receio das consequências de divergir.



A universidade, que deveria funcionar como um espaço de experimentação intelectual, começa então a se transformar em um ambiente de validação. Em vez de testar ideias, passa a confirmar posições já estabelecidas. Em vez de estimular perguntas difíceis, tende a privilegiar respostas aceitáveis. Essa mudança, ainda que sutil em alguns casos, tem efeitos profundos sobre a qualidade do pensamento produzido.

Parte desse processo está relacionada a transformações mais amplas na sociedade. Vivemos um tempo em que a exposição é constante e as repercussões de qualquer posicionamento podem ser imediatas e amplificadas. O ambiente digital contribui para isso ao criar uma lógica de julgamento rápido, em que nuances são frequentemente ignoradas e a complexidade dá lugar a interpretações simplificadas. Esse contexto inevitavelmente atravessa as universidades, influenciando a forma como estudantes e professores se posicionam.

Além disso, há uma crescente tendência de associar ideias a identidades de maneira rígida. Embora o reconhecimento de diferentes perspectivas seja um avanço importante, essa associação pode dificultar o debate quando qualquer questionamento é interpretado como um ataque pessoal. Nesse cenário, a discordância deixa de ser um exercício intelectual e passa a ser percebida como uma forma de deslegitimação do outro. O resultado é um ambiente em que o diálogo se torna mais difícil e o confronto de ideias, mais raro.

Outro aspecto relevante é a transformação do papel da universidade na sociedade contemporânea. Pressionadas por demandas de produtividade, rankings e resultados mensuráveis, muitas instituições acabam priorizando eficiência em detrimento da reflexão crítica. O tempo necessário para o debate, para a elaboração cuidadosa de argumentos e para a escuta atenta, torna-se escasso. O pensamento, que exige pausa e aprofundamento, passa a competir com a lógica da rapidez.



Essa combinação de fatores contribui para a construção de um ambiente em que o debate livre não desaparece completamente, mas se torna mais restrito. Ele passa a ocorrer em espaços informais, entre grupos de confiança, ou em contextos onde o risco de exposição é menor. No espaço público da universidade, por outro lado, prevalece muitas vezes uma postura mais cautelosa, marcada pela tentativa de evitar controvérsias.

Contudo, é importante reconhecer que a ausência de conflito não significa harmonia. Um ambiente sem debate pode parecer estável à primeira vista, mas essa estabilidade frequentemente esconde uma fragilidade estrutural. Ideias que não são questionadas tendem a se tornar rígidas, incapazes de se adaptar a novas informações ou perspectivas. O conhecimento, nesse contexto, perde sua capacidade de renovação.

Recuperar a universidade como espaço de debate livre não implica retornar a um modelo idealizado do passado. Significa, antes, repensar as condições que tornam o debate possível no presente. Isso envolve criar ambientes em que a discordância seja tratada com responsabilidade, mas também com abertura. Envolve reconhecer que o confronto de ideias é parte essencial do processo de aprendizagem e que evitar esse confronto pode comprometer a própria função da universidade.

Também é necessário desenvolver uma cultura de escuta mais consistente. Ouvir não apenas para responder, mas para compreender. Essa prática, embora frequentemente mencionada, ainda é pouco cultivada em muitos contextos acadêmicos. Sem ela, o debate tende a se transformar em uma sucessão de monólogos, em que cada parte reafirma sua posição sem realmente considerar a do outro.

Outro ponto fundamental é a valorização da complexidade. Em um cenário marcado por polarizações, há uma tendência de simplificar questões que, na realidade, são multifacetadas.

A universidade, por sua natureza, deveria resistir a essa simplificação. Deveria ser o espaço onde as contradições são exploradas, onde as respostas fáceis são questionadas e onde a incerteza é reconhecida como parte do processo de conhecimento.

Em suma, é preciso resgatar a ideia de que mudar de opinião não é sinal de fraqueza, mas de maturidade intelectual. O debate livre só faz sentido em um ambiente onde as pessoas estão dispostas a revisar suas próprias posições. Sem essa disposição, o debate se torna apenas uma formalidade, um exercício retórico sem impacto real.

A universidade continua sendo um dos espaços mais importantes para a produção e a circulação de conhecimento. No entanto, sua relevância depende, em grande medida, da capacidade de sustentar o debate livre como prática cotidiana. Sem ele, o pensamento perde profundidade, a crítica se enfraquece e o conhecimento se torna repetitivo.

Se há um desafio a ser enfrentado, ele não está apenas nas estruturas institucionais, mas nas atitudes que moldam o cotidiano acadêmico. Reaprender a conviver com a discordância, valorizar o questionamento e aceitar o risco intelectual são passos essenciais para que a universidade recupere sua vitalidade.

Caso contrário, corre-se o risco de transformar um espaço que deveria ser marcado pela inquietação em um ambiente excessivamente previsível. E a previsibilidade, quando se trata de pensamento, raramente é um bom sinal.





IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/05/2026"

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

ANUNCIE SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

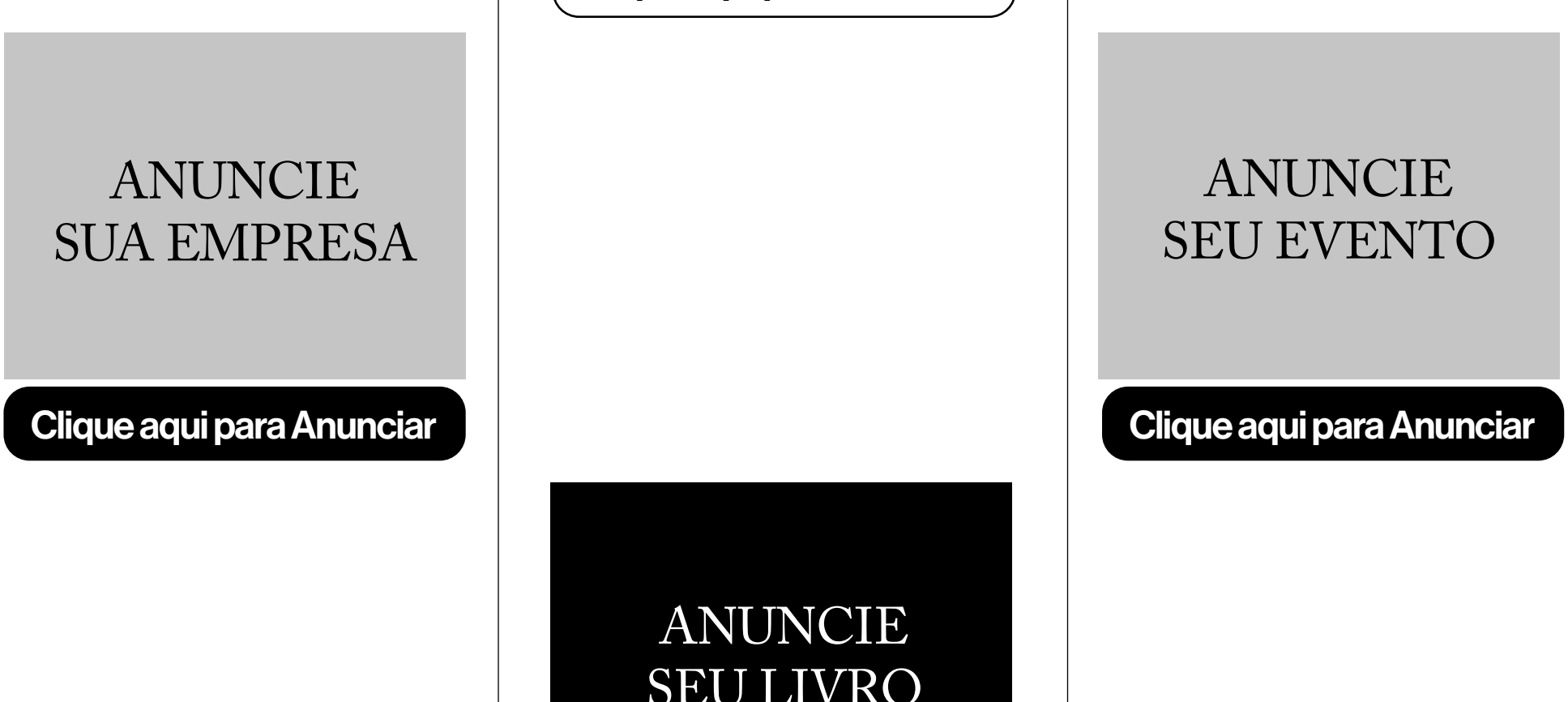
Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar



DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullamdeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullamdeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br**

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212

The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 2 - 1000X212

The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 4 - 1080X1920

The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANÚNCIO 3 - 400X300

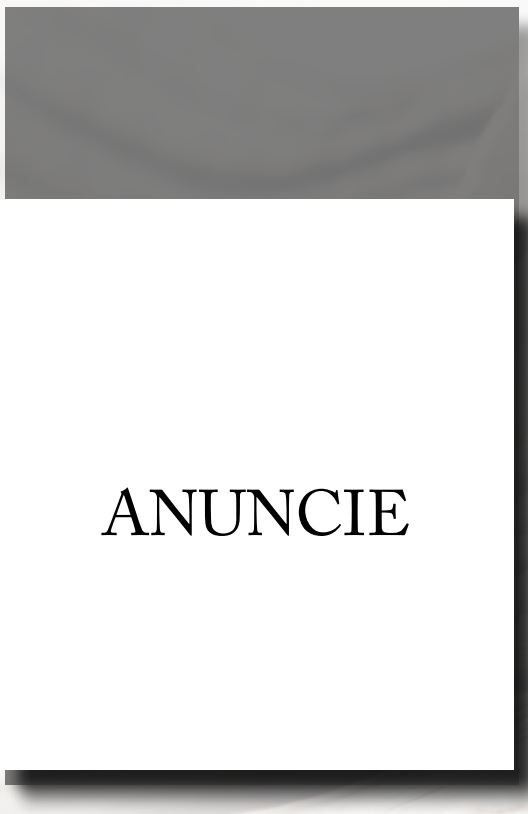
The Bard News

FAZEMOS A ARTE

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1



Pub2



Pub3



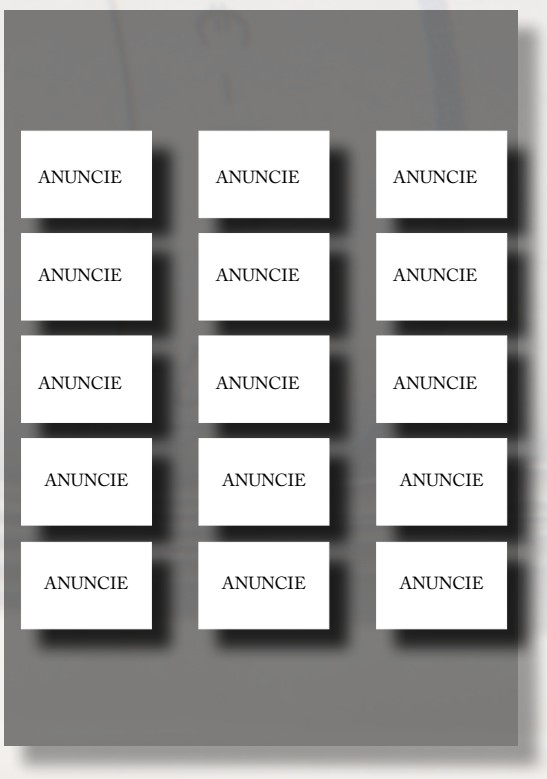
Pub4



Pub5



Pub6



Clique aqui para Anunciar

AGRADECIMENTOS

No dia 02 de novembro de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 15ª edição do Jornal The Bard News®, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação.

Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição.

Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação, Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O The Bard News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação – Jornal The Bard News

@thebardnews @TheWolfBard.Ofc (61) 9 8474-7033 - Anuncie
CLIQUE AQUI

JORNAL THE BARD NEWS



The Bard News

BAIXE NOSSO APLICATIVO

1 **QR CODE**

Aponte a camera do seu celular

OU

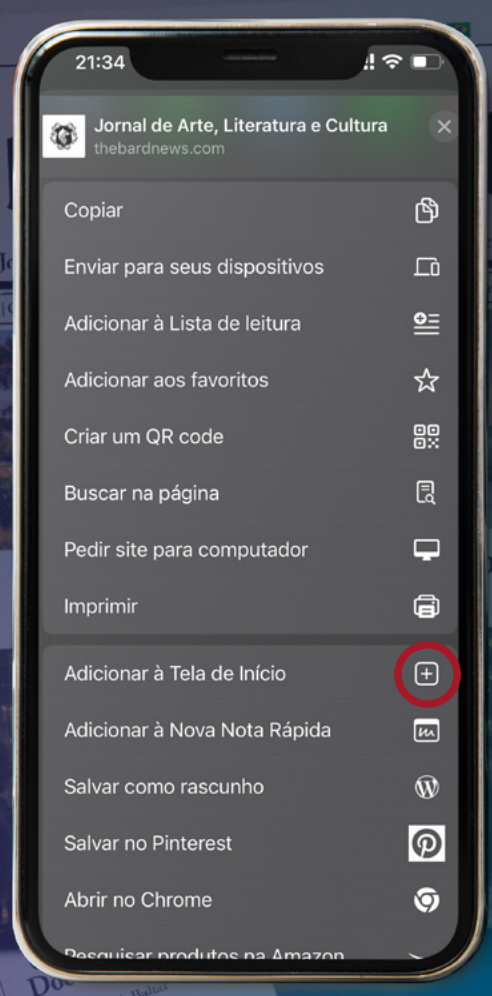
SITE

Clique aqui para acessar o Site

2 Procure este "ícone" no seu navegador.



3 Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4 Clique em "Adicionar"



5 Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

